

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

VANESSA LOPES DE ALMEIDA

**ENVELHECIMENTO E POBREZA: O IDOSO DO
DISTRITO DE M BOI MIRIM**

MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

São Paulo

2013

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

VANESSA LOPES DE ALMEIDA

***ENVELHECIMENTO E POBREZA: O IDOSO DO DISTRITO
DE M BOI MIRIM***

Dissertação apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre, sob a orientação da Professora Doutora Eliane Hojaij Gouveia.

São Paulo

2013

ALMEIDA, Vanessa Lopes de

Envelhecimento e pobreza: O idoso do Distrito de M Boi Mirim/ Vanessa Lopes de Almeida– São Paulo: PUC, 2013

.....P

Dissertação (Mestrado) : Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais.
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Orientador: Profa. Dra Eliane Hojaij Gouveia

Referências: 166p

1. Idosos 2. Vulnerabilidade 3. Pobreza 4. Violência Simbólica 5. Políticas Públicas
I. Gouveia, Eliane Hojaij Gouveia. **II.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
– Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. **III** Título.

CDU

VANESSA LOPES DE ALMEIDA

**ENVELHECIMENTO E POBREZA: O IDOSO DO
DISTRITO DE M BOI MIRIM.**

Dissertação apresentada ao Programa de Estudos de Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, para obtenção do título de Mestre.

São Paulo ____/ ____/ 2013

BANCA EXAMINADORA

Profa Dra Eliane Hojaij Gouveia – Orientadora
PUC-SP

Prof(a) Dr(a).
Instituição:

Prof(a) Dr(a).
Instituição:

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Pedra e Severino: velhos, mas não menos produtivos e autônomos...

Aos meus estimados irmãos: ao nascer e ser criada na periferia do Capão Redondo optei por romper o ciclo da pobreza e da violência... Mesmo em meio a tropeços, nossa família procurou se proteger e demonstrar amor da forma que aprendeu, eu me orgulho das nossas trajetórias de superação e desejo que escolham sempre a vida, a vida em abundância...

Ao “Bebezinho”: meu mais completo amor, prova de que o amor ideal se constrói com o tempo, com respeito cotidiano, mesmo em meio as diferenças...

Aos meus anjos Sophia (em memória) e Raphael Pançudo: quando forem jovens, jamais esqueçam que serão velhos e quando forem velhos, não esqueçam do vigor da juventude e da sabedoria que carregam. Lembre-se de respeitar toda vida que os cerca e saibam que o meu amor por vocês é infinito...

AGRADECIMENTOS

A minha tolerante e afetuosa orientadora de mestrado, Profa. Dra. Eliane Hojaij Gouveia que acreditou na conclusão de minha Pós-Graduação e não me deixou desistir, quando tudo colaborava para tal.

Agradeço a Coordenação do Programa de Ciências Sociais da PUC, em especial a Kátia e a Valéria, sempre disponíveis para me orientar em relação aos trâmites. E não poderia deixar de agradecer a professora Terezinha Bernardo, que me aceitou na PUC, quando avaliou o meu projeto de pesquisa. Obrigada!

A Professora Doutora Lucia Helena Rangel, que me fez repensar o mestrado já no primeiro dia de aula, tamanha a ignorância sentida por mim, diante do seu vasto conhecimento!

As amigas Patrícia e Cleide que me irritavam ao perguntar: E o mestrado? Terminei! Agora... *Carpem Diem!*

A Ariene e ao Vagner, sempre abertos e disponíveis a colaborar na minha dissertação, seja relendo, revisando, fotografando, entrevistando, me lembrando dos prazos e não me deixando esquecer que quero a docência...

A Elaine Silva, pelas dicas, pela revisão e pela disponibilidade e pelo carinho com o meu trabalho. Valeu Elaine!

As minhas estagiárias e em breve colegas de trabalho Gleice e Elisângela e Fabiana, obrigada pelas transcrições, pelas entrevistas, pela minha substituição nos plantões sociais... Vocês foram demais!

Agradeço a CAPES por possibilitar-me desenvolver esta pesquisa por meio da concessão de bolsa de estudos.

“A noção que temos de velhice decorre mais da luta de classes que do conflito de gerações. É preciso mudar a vida, recriar tudo, refazer as relações humanas doentes para que os velhos trabalhadores não sejam uma espécie estrangeira. Para que nenhuma forma de humanidade seja excluída da humanidade é que as minorias têm lutado, que os grupos discriminados têm reagido. A mulher, o negro, combate pelos seus direitos, mas o velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por eles”. (BOSI, 1994, p.81).

RESUMO

O processo de envelhecimento e a pobreza como forma de violência contra os idosos nos distritos do Jardim Ângela e Jardim São Luís, Zona Sul de São Paulo, é o tema da presente dissertação. Esse estudo visa compreender, de um lado, o cotidiano do idoso de periferia, suas buscas dificuldades e conquistas e, de outro, explorar as diversas formas de violências sofridas, dentre as quais, as violências sociais e institucionais.

O foco de investigação desta pesquisa é os idosos atendidos e acompanhados pelo Centro de Referência da Assistência Social – CRAS de M’Boi Mirim, idosos que procuram este CRAS por livre iniciativa ou são acompanhados pela equipe técnica deste CRAS em decorrência de denúncia no Ministério Público e posterior solicitação de visita do Poder Judiciário.

Esta dissertação pretende compreender os processos vividos pelos velhos e as formas de violência pouco visibilizadas. Para a realização desta pesquisa, consideramos idosos que não conseguem mobilidade entre as camadas sociais, bem como não aumentam seu poder de consumo. Trata-se de idosos que integram um grupo que cresce acentuadamente, ora por conta da omissão do Estado, ora pela omissão da família em prestar-lhes os cuidados devidos, situação que gera inúmeros abusos, que vai da negligência aos maus tratos.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, optamos pela metodologia “história oral de vida”, técnica aplicada a homens e mulheres de 60 a 80 anos atendidos/acompanhados pelo CRAS. Esses idosos possuem renda de zero a um salário mínimo, incluindo os aposentados, pensionistas e recebem o benefício da assistência social – BPC/LOAS¹. Todos os usuários pesquisados foram referenciados pelo CRAS M’Boi Mirim no período de setembro de 2011 a setembro de 2012.

Palavras-chave: Idosos; Vulnerabilidade; Pobreza; Violência Simbólica; Políticas Públicas.

¹ O Benefício de Prestação Continuada da Assistência Social – BPC-LOAS é um benefício da assistência social, integrante do Sistema Único da Assistência Social – SUAS, pago pelo Governo Federal, cuja operacionalização do reconhecimento do direito é do Instituto Nacional do Seguro Social – INSS é assegurado por lei, que permite o acesso de idosos e pessoas com deficiência às condições mínimas de uma vida digna.

ABSTRACT

The aging process and poverty as a form of violence against the elderly in the districts of Jardim Angela and Jardim São Paulo (South Zone of São Paulo) is the subject of this current dissertation. This study aims to understand two aspects: not only daily life of elderly from outskirt of Sao Paulo and their desires, difficulties and achievements, but also exploring the various forms of violence suffered by elderly, among which, the moral, social and institutional violence.

The investigation focus is elderly assisted and accompanied by the Reference Center for Social Assistance (CRAS M'BOI MIRIM). Eldery who seeks this CRAs by their own initiatives or are accompanied by technical team due to prosecutor complaints and subsequent request of visit from Judiciary of the São Paulo.

This dissertation intends to understand the processes experienced by elderly and forms of violence little visualized. I have considered elderly do not get mobility between social classes and do not increase their power of consumption and elderly that integrate a group which grows sharply, sometimes on account of omission of the State, or due to omission of family to look after them, because of the family don't provide them proper care, this circumstances generate numerous abuses.

For development of this research, We have adopted methodological procedure of "Oral History of life" for men and women 60 to 80 years monitored by CRAS, specifically elderly whose income tax from zero to a minimum wage, including retirees, pensioners and people who receive social assistance BPC (LOAS). All user has surveyed were referenced by CRAS M BOI MIRIM from September 2011 to September 2012

**KEY-WORDS: ELDERY; VULNERABILITY: POVERTY; SIMBOLIC
VIOLENCE: PUBLIC POLITICS**

LISTA DE FIGURAS

Figura 001 - Estrutura Etária da População

026

LISTA DE MAPAS

Mapa 001: Município de São Paulo e População da Região Sul

050

LISTA DE QUADROS

Quadro 001 - Dados Demográficos dos Distritos Pertencentes às Subprefeituras	051
Quadro 002 - Domicílios particulares com rendimento nominal mensal per capita até ½ SM e sem rendimentos com esgoto a céu aberto, por Subprefeitura e Distrito	057
Quadro 003 – Número de Convênios, capacidade e repasse mensal por SAS e Proteção Social	067
Quadro 004: Recursos Humanos do CRAS M'Boi Mirim	077
Quadro 005 – Programas de Transferência de Renda – Beneficiários e Cadastramentos	089

LISTA DE FOTOS

Foto 001 - Francisca da Silva Maciel (62 anos), fotografada por Fabiana Cardoso da Silva, Mar/13	022
Foto 002 - Contradições do território (favelas, centros comerciais, morros e bairros elitizados... (Jardim São Luís), fotografado por Ariene Lopes, em Março/13	043
Foto 003 - Residência de Maria de Jesus Pinto (64 anos), fotografada por Ariene Lopes em Março/13	094
Foto 004 - Deraldo Dias dos Santos (64 anos), fotografada por Ariene Lopes, Mar/13	099
Foto 005 - Francisca da Silva Maciel (62 anos) e seu companheiro, fotografada por Fabiana Cardoso da Silva, Mar/13	108
Foto 006 – Geraldo Pablo dos Anjos (62 anos), fotografada por Ariene Lopes, Mar/13	111
Foto 007 – Ivone Ferreira do Amarante (68 anos), fotografada por Elisângela Sobral, em Mar/13	123
Foto 008 – Maria da Glória Ferreira (72 anos), fotografada por Ariene Lopes em Mar/13	129

SUMÁRIO

Introdução.....	015
------------------------	------------

Capítulo I

Conceituando Velhice.....	022
----------------------------------	------------

1.1 Idoso Hoje.....	024
----------------------------	------------

1.2 Idoso Ontem.....	030
-----------------------------	------------

1.3 Idoso Amanhã.....	036
------------------------------	------------

Capítulo II

O Cenário	043
------------------------	------------

2.1 A cidade de São Paulo.....	044
---------------------------------------	------------

2.2 O território de M'Boi Mirim.....	048
---	------------

2.3 A política de assistência social.....	063
--	------------

2.4 O CRAS M'Boi Mirim.....	073
------------------------------------	------------

Capítulo III

Os protagonistas e suas histórias.....	091
---	------------

Considerações Finais.....	142
----------------------------------	------------

Bibliografia.....	149
--------------------------	------------

Apêndice – Termo de Livre Consentimento e Esclarecido.....	157
---	------------

INTRODUÇÃO

Há muito tempo interesse-me por estudar o processo de envelhecimento do idoso de periferia. Na época da Graduação, apresentei à Faculdade de Serviço Social¹ a monografia intitulada *O enfrentamento do envelhecimento e da morte para o idoso*, cujo objetivo foi pensar a morte do idoso, de acordo com seu estrato social, gênero e religiosidade.

Como profissional, coordenei um Centro de Convivência de Idosos no Município de Taboão da Serra, destinado à frequência de pessoas de ambos os sexos, com 60 anos ou mais, onde foram desenvolvidas, planejadas e sistematizadas ações de atenção ao idoso, de forma a elevar a qualidade de vida, promover o convívio, a participação e a cidadania dessas pessoas. Observei que a Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais (2009) é um documento que determina que os Centros de Convivência para Idosos sejam espaços para um envelhecimento ativo, saudável e autônomo, assegurando o encontro entre idosos e outras gerações de modo a promover a sua convivência familiar e comunitária, além de detectar necessidades e motivações, a fim de desenvolver as potencialidades e as capacidades para novos projetos de vida. Esse documento orienta que os espaços de convivência devem propiciar vivências que valorizem as experiências, bem como estimulem e potencializem a condição de escolha e decisão dos idosos, contribuindo para o desenvolvimento de sua autonomia e de seu protagonismo social. No entanto, minha experiência profissional demonstra que esses espaços estão cada vez mais vulnerabilizados, ora pela forma que as instituições entendem o envelhecimento e ofertam suas atividades, ora pela falta de investimentos em políticas públicas para uma população que cresce acentuadamente.

A Prefeitura do Município de São Paulo, por meio dos seus Centros de Convivência para os idosos, tem como objetivo atender e integrar socioculturalmente os idosos em situação de vulnerabilidade ou exclusão social, fortalecendo as relações pessoais entre familiares. No entanto, os idosos atendidos pela Política de Assistência Social não chegam a participar de núcleos de convivência, a este público falta condições mínimas de

¹ No ano de 2004, já cursando Serviço Social, fui estagiária de um Projeto de “Universidade Aberta à Terceira Idade”, onde realizei juntamente com a equipe atividades socioeducativas, não deixando, é claro, de abordar os direitos dos idosos.

dignidade, alimentação, moradia, saúde, água, energia elétrica, sociabilidade e relação familiar respeitosa.

Idosos pauperizados, sem expectativas e ambições, merecem um olhar atento, uma vez que estão às margens da sociedade de consumo, não fazem passeios pelo Brasil, não frequentam as Universidades Abertas à Terceira Idade, não se inserem no discurso de “eterna juventude” e não são alvos das propagandas publicitárias, esses idosos sofrem as marcas da violência e da “invisibilidade social”.

Quanto aos dados, o Brasil há muito tempo não pode ser chamado de um país jovem, talvez o jargão de que “as crianças sejam o futuro do nosso país” não seja válido para a atualidade. Segundo o IBGE (2010), o país terá a sexta maior população idosa do planeta, até o ano de 2025 pessoas com mais de 60 anos vão representar 15% da população. Se mantidas as tendências dos parâmetros demográficos implícitas na projeção da população do Brasil, o país percorrerá velozmente um caminho rumo a um perfil demográfico cada vez mais envelhecido, fenômeno que, sem sombra de dúvidas, implicará adequações nas políticas sociais, particularmente aquelas voltadas para atender às crescentes demandas nas áreas da saúde, previdência e assistência social.

Desse modo, posso ponderar que estudar os processos de envelhecimento é tema da atualidade, não só porque a velhice tem se prolongado e os idosos compõem uma categoria expressiva ou o grupo alcança visibilidade na mídia, na conquista de direitos e na gerontologia, mas também porque se há 40 anos a velhice era vivida no recolhimento da vida privada e tinha duração relativamente curta, hoje os dados mostram que 37% das pessoas acima de 60 anos ajudam financeiramente seus filhos e netos, formando um mercado consumidor, realizando escolhas, buscando autonomia e direitos.

Percebo que com o tempo as instituições sociais mudaram sua linha de ação, a velhice trouxe uma série de novos atributos, “novas fontes de juventude foram inventadas”, inúmeros investimentos de novas tecnologias vêm sendo pensados para se viver mais e melhor, ofertas inovadoras são oferecidas aos idosos, este tem alcançado o horário nobre da televisão, DEBERT (2004) pensa sobre uma “reprivatização da velhice”, ao passo que novas formas de negar e empurrar a velhice para o futuro vão surgindo.

É claro que pensando no idoso e na autonomia pensada por DEBERT (2004), não poderíamos nos esquecer do idoso “afastado dos bastidores e excluído do convívio social”, tratado sob o prisma de ELIAS (2000, p. 77). Trata-se do idoso, cuja mobilidade social pouco acontece, o idoso que não tem acesso às políticas públicas efetivas e convive com a

condição violenta da falta de recursos mínimos para a sobrevivência. Esse idoso será o objeto de estudo desta pesquisa, visto que deste assunto emergem várias indagações/questionamentos: como é possível pensar direito social, se os direitos conquistados são cada vez mais burocratizados e as regras / normativas contradizem a humanidade do atendimento técnico, ao fazer a escuta qualificada nos espaços de atendimento a esta população? Se, para alguns, a aposentadoria tornou-se um período de atividade e lazer, para outros com mais de 60 anos significa ainda mais exclusão, dado que não se atingiu a marca da tão sonhada “estabilidade financeira”.

Para a realização dessa pesquisa, considereei como fundamentação teórica, as valiosas contribuições da antropóloga brasileira DEBERT (2004), ao pensar os processos da velhice; do historiador ÁRIES (2003), que situa o idoso historicamente; do sociólogo alemão ELIAS (2001), que aborda o processo civilizatório da sociedade e dos indivíduos e a solidão dos velhos e moribundos. Não poderia ainda deixar de buscar no referencial teórico os clássicos como BOSI (1995), com a obra *Memória de Velho*, BEAUVOIR (1999), em seu ensaio denúncia: rompendo a conspiração do silêncio. E o sociólogo BOURDIEU (2005), que discute a questão das violências simbólicas, além de outras contribuições, não menos importantes.

Ao notar que nem sempre o idoso retratado pela mídia é a imagem real dos idosos brasileiros, tendo em vista que a maior parte da população vive sem recursos mínimos para garantir uma velhice com dignidade, nesta dissertação, propus-me a estudar idosos pobres e de periferia que envelhecem sem recursos financeiros e sem garantia de direitos, com os quais me deparo diariamente em meu ambiente de trabalho. A vivência com esses idosos conduziram-me a problematizar e dar um norte a esta pesquisa por meio de dois questionamentos, sendo eles:

a) é possível construir direitos quando o idoso de periferia não tem garantido o mínimo de condições para a sobrevivência?

b) quais são as violências não físicas sofridas pelos idosos do Distrito de M'Boi Mirim, Zona Sul de São Paulo?

Por conseguinte, essa dissertação tem como foco compreender os processos vividos pelos velhos e as formas de violência pouco visibilizadas, pois o fenômeno da violência contra o velho atinge todas as classes, mas a pobreza como forma de violência contra o idoso, acentua-se nas classes C e D, pobreza esta que impede a ascensão social, a

mobilidade entre as camadas sociais, e impede o consumo desta população em estudo em minha dissertação.

Conforme DEBERT (2004, p. 22), “as violências contra a pessoa idosa não podem ser solucionadas adequadamente se as necessidades essenciais dos idosos – alimentação, moradia, segurança, saúde, assistência social, renda, etc. não forem atendidas”. Diante desse contexto, a sociedade deveria criar condições para que o envelhecimento fosse aceito como uma etapa natural da vida, com suas potencialidades e limitações, não descartando aqueles que o consideram improdutivo para o mercado de trabalho. É necessário que atitudes “antienvelhecimentos” sejam desencorajadas e as pessoas idosas tenham o direito de viver com dignidade, livres de violências. Os rituais de agressões, violências e maus-tratos que se desenrolam nesses cenários expressam-se na força, na palavra, no silêncio, na omissão, na posse, além de revelarem a complexidade das relações interpessoais com todos os seus matizes e remeterem reflexões para as conseqüências nocivas da violência contra as pessoas idosas. Sendo assim, a violência que pouco se fala é a de natureza psicológica e emocional que afetam severamente a saúde mental e física do idoso, em que o velho lida com situações permanentes de tensão, angústia, medo, intimidação e ameaça.

Devo enfatizar que as violências que afetam a subjetividade dos idosos nos parecem frequentes e de grande intensidade, aprisionando e condenando-os a viverem por tempo indeterminado em situações desumanas, de intenso sofrimento, desespero e risco. Tais situações observadas durante meu trabalho como assistente social, na maioria das vezes, levam ao agravamento ou desenvolvimento de doenças psicossomáticas nos idosos, especialmente quando essas violências são geradas por pessoas da família. Deve-se ponderar que os eventos traumáticos, como a violência social e familiar, podem afetar de forma temporal ou definitiva a capacidade de enfrentamento do idoso. Sendo assim, percebi que idosos depressivos vêm despojando sua vida de significado e prazer, e os profissionais devem compreender o significado da experiência do envelhecimento e da velhice porque, normalmente, são subestimadas as capacidades e o desejo que os idosos têm de viver e de por em prática seus projetos de vida.

Para lograr êxito na prática social, tenho como premissa que os idosos devem ser ouvidos e suas histórias devem ser conhecidas, para que se possa assisti-los respeitando os seus modos de ser e de estar no mundo, a sua singularidade, independentemente de suas idades ou condição de saúde, a memória é um bem valioso que, assim como a história, deve ser transmitida às gerações mais jovens. Por isso escolhi como procedimento

metodológico para esta pesquisa, a técnica “história oral de vida”, aplicando-a para homens e mulheres de mais de sessenta anos atendidos/acompanhados pelo Centro de Referência da Assistência Social – CRAS, idosos com renda de zero a um salário mínimo, incluindo aposentados, pensionistas e os que recebem o benefício da assistência social – BPC/LOAS – Benefício de Prestação Continuada / Lei Orgânica da Assistência Social². Cabe lembrar que analisei casos e apliquei a técnica de pesquisa a 15 idosos, as transcrições das entrevistas geraram 77 páginas, no entanto, escolhi sete idosos para compor a análise dos resultados, pois acredito que com este número de pessoas, atingi o ponto de saturação do meu problema de pesquisa. Além disso, verifiquei fontes documentais primárias e consultei dados oficiais de sites governamentais que sistematizam os dados de atendimento do CRAS.

Todos os usuários pesquisados foram referenciados pelo CRAS no período de setembro de 2011 a setembro de 2012. Neste período, 120 idosos foram atendidos pelo CRAS, e destes, 32 estavam no perfil desta pesquisa, possuíam mais de 60 anos e recebiam menos que dois salários mínimos.

Partindo do problema da pesquisa e das considerações apresentadas nessa introdução, a dissertação foi estruturada da seguinte forma:

No Capítulo 1– **O Conceito** – apresentei um breve histórico sobre o papel e perfil do idoso na sociedade, discuti conceitos como velhice, terceira idade, idoso e aponte as deficiências nas políticas públicas para este segmento. Meu embasamento teórico se dará por meio das obras de COUTINHO (2006), MARTINELLI (1999), DEBERT (2004), ALMEIDA (2004).

No Capítulo 2 – **O cenário** – apresentei o contexto desta pesquisa, os territórios Jardim Ângela e Jardim São Luís, a Política de Assistência Social e a atuação do Centro de Referência da Assistência Social M´Boi Mirim, além de abordar a fragilidade econômica e a violência acentuada nessa região. No capítulo 1 e 2 considere dados apresentados nos sites e nos relatórios de gestão da Prefeitura do Município de São Paulo e SMADS – Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (2009-2012), relatórios da ONU, IBGE e do observatório de políticas públicas da Região Sul de São Paulo, que

² O Benefício de Prestação Continuada da Assistência Social – BPC-LOAS, é um benefício da assistência social, integrante do Sistema Único da Assistência Social – SUAS, pago pelo Governo Federal, cuja a operacionalização do reconhecimento do direito é do Instituto Nacional do Seguro Social – INSS e assegurado por lei, que permite o acesso de idosos e pessoas com deficiência às condições mínimas de uma vida digna.

trazem informações sobre assistência social, indicadores socioeconômicos, equipamentos públicos, entre outros, bem como relatos e casos da população atendida pelo CRAS, que foram de grande valia para minha compreensão do território, a quem se atribui a fama de região mais populosa e distrito mais violento da cidade de São Paulo.

No Capítulo 3 – **Os protagonistas e suas histórias** – apresento trechos das histórias de vida de sete usuários entrevistados. Estes idosos possuem em comum, uma vida de superação, vulnerabilidade e dificuldade de acesso a políticas públicas, são vítimas de alguma forma de uma pobreza que se mostra violenta social e institucionalmente. Entrevistamos um total de 15 idosos, mas consideramos para esta pesquisa sete pessoas.

Nas Referências Bibliográficas constam os livros da área da Sociologia, Antropologia, História, teses, dissertações, artigos *on-line* e *off-line*, enfim, materiais de consulta que contribuíram, direta e indiretamente, para o desenvolvimento desta pesquisa.

CAPÍTULO I - O CONCEITO



Foto 001 - Francisca da Silva Maciel (62 anos), fotografada por Fabiana Cardoso da Silva, Mar/13

CAPÍTULO I

1. O CONCEITO

O crescimento acentuado da população idosa no Brasil, a necessidade de políticas públicas de atenção ao idoso, bem como o papel e o perfil do idoso na contemporaneidade serão pontos que abordarei neste capítulo. Para validar o percurso teórico do tema, adentrarei à discussão do idoso (particularmente os dos idosos do território de M'Boi Mirim encaminhados pelo Ministério Público e atendidos pelo CRAS) por meio do embasamento teórico de COUTINHO (2006), MARTINELLI (1999), DEBERT (2004), ALMEIDA (2004). Para enriquecer a discussão citarei sites como o da Prefeitura do Município de São Paulo, com informações sobre assistência social, indicadores demográficos e equipamentos públicos, além de apresentar dados e informações de relatórios da ONU, IBGE e Observatório de Políticas Públicas da Região Sul de São Paulo, dados necessários para no capítulo subsequente apresentarmos os acessos da população idosa às políticas públicas.

1.1. O idoso hoje

“A vida Eterna
Meio século.
O peso desta palavra ia me deixar de cama.
Não vai mais. Aprendo sabedorias...”
(PRADO, 1987)

PRADO coloca-nos em contato com a experiência do Outro de envelhecer, e remete-nos à nossa própria realidade sem idade. Essa expressão traduz um dos dilemas da contemporaneidade, de um lado temos o desafio de promover qualidade de vida à população brasileira que envelhece, de outro, temos de construir um paradigma de velhice, que rompa com a ideia de velhice improdutiva.

Durante muitos anos, a velhice foi vivida na esfera da vida privada e familiar, sendo caracterizada por um período de perdas, solidão, independência e inatividade. Ao longo dos anos, especialmente com o crescimento acelerado da população idosa e com o avanço dos marcos legais, o idoso tem feito parte do cenário público, merecendo atenções específicas da família, da comunidade e do Estado. A partir da década de 1970, os censos apontaram o aumento da população idosa, trazendo preocupações sociais, decorrentes do processo de envelhecimento dessa população. O reconhecimento dos direitos dos idosos na forma de lei só ocorreu duas décadas depois, com a promulgação do Estatuto do Idoso em 1997.

Com a lei escrita, ao menos ao que tange à legislação, os estereótipos foram revistos, novas experiências de envelhecimento passaram a ser vividas, havendo um espaço de tempo, de convívio de novos padrões de sociedade, solidão e sociabilidade, bem como perdas e conquistas, modernidade e tradição. As conquistas da pessoa idosa nas últimas décadas possibilitaram que a velhice adquirisse visibilidade, ultrapassando os limites da dimensão particular, ou seja, a problemática velhice saiu da dimensão privada e tornou-se assunto de pauta pública, mais precisamente de política pública.

Se por um lado o idoso foi (re) significado no contexto social, considerando as especificidades da idade, por outro, os dados apontam crescimento demográfico acentuado em todo mundo, repercutindo na organização da sociedade. Segundo relatório da Organização das Nações Unidas (ONU), em 2005, o percentual mundial de pessoas acima de 60 anos era de 11,7%, indicando que o Brasil ficava em 6º lugar com a maior taxa de crescimento. Dados do mesmo ano, elaborados pelo IBGE no Brasil, apontaram que a população idosa em 2005 representava um contingente de quase 15 bilhões de pessoas com 60 anos ou mais de idade, totalizando 8,6% da população brasileira. No ano de 2010, o

Censo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística apresenta 18 milhões de pessoas acima dos 60 anos de idade, o que representa 12% da população do Brasil.

Apesar desse crescimento significativo de idosos, somos hoje uma nação, que pela primeira vez em sua história tem a maior parcela da população adulta e em idade ativa. Mesmo o país estando no auge de sua força produtiva, crianças e idosos (ambos dependentes daqueles que trabalham) representam um percentual menor na população. Passada a fase economicamente viável para o crescimento, em poucos anos o cenário se transformará, surtindo efeitos significativos para a sociedade.

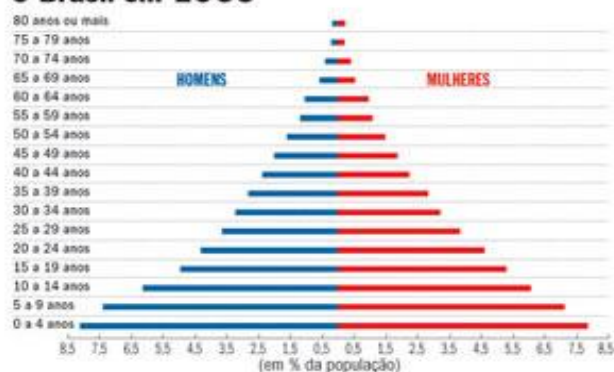
Assim pode-se depreender que o envelhecimento da população é reflexo do aumento da expectativa de vida, devido ao avanço no campo da saúde e à redução da taxa de natalidade, bem como é acompanhado por mudanças dramáticas nas estruturas e nos papéis da família, assim como nos padrões de trabalho e na migração, em 2020, estarão fora da idade ativa para o trabalho 30 milhões de brasileiros, ou seja, menos pessoas trabalhando e mais idosos, portanto o Estado terá de dar conta não só da aposentadoria, mas também das políticas públicas para a população envelhecida.

CAMARANO & PASINATO (2004) apontam para uma expectativa de vida de 65 anos para homens e 73 anos para mulheres, crescimento atribuído a melhorias nas condições sanitárias, no avanço no campo da saúde, na redução da taxa de natalidade, no maior acesso à informação, no avanço tecnológico, dentre outros. Embora o crescimento da população idosa em idade avançada seja recorrente, estudos apontam que a preocupação com a política pública de proteção social ao idoso passou a compor uma agenda nas pautas de discussões brasileiras, somente por forte pressão internacional, que surgiram após assembléia da ONU em Viena (1982) e Madri (2002). Além disso, com a conquista do Estatuto do Idoso, aumentaram as discussões em torno da garantia de direitos da pessoa idosa, aqui no Brasil, a partir de 1997.

Vale ressaltar que nos países desenvolvidos o crescimento ocorreu em um cenário favorável que possibilitou o desenvolvimento de sistemas de proteção social, nos países que o modelo neoliberal consolidou-se, promovendo o desmonte do Estado de Bem-Estar Social e colocando-se em xeque os direitos sociais, as conseqüências foram sentidas no número de excluídos nos países denominados de Primeiro Mundo, traçando, assim, um futuro incerto devido às constantes crises sociais, políticas, econômicas e estruturais.

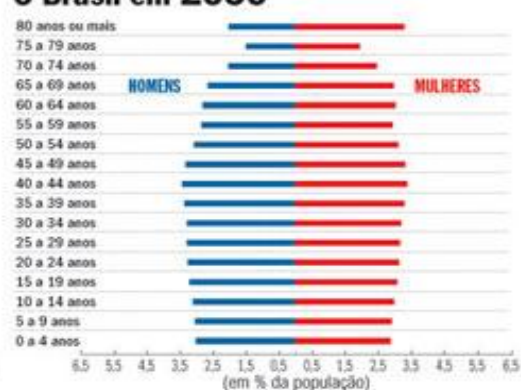
De acordo com a Figura 001 - Estrutura Etária da População – é possível perceber que a estrutura etária da população se modificou, o que antes ilustrava uma “pirâmide” passou a ser em formato de “gota”, fato chamado de bônus demográfico³.

O Brasil em 1960



■ A **pirâmide** etária da população brasileira mostrava a predominância de crianças e adolescentes, exigindo gastos elevados com educação e saúde. Era uma distribuição semelhante à da África atual

O Brasil em 2050



■ O país terá, daqui a quatro décadas, um perfil etário na forma de **pote**, semelhante ao da França atual. Haverá quase tantos idosos quanto jovens, pressionando os gastos com saúde e previdência

Fonte: <http://www.cabr.com.br/pdf/B%C3%B4nus%20Demogr%C3%A1fico.pdf>

Segundo DEBERT (2004, p. 61), “os países em desenvolvimento tornar-se-ão lar de um bilhão de pessoas idosas em 2040”. Logo, mantidas as tendências dos parâmetros demográficos implícitas na projeção da população do Brasil, o país percorrerá velozmente um caminho rumo a um perfil demográfico cada vez mais envelhecido.

Segundo a ONU, com esse crescimento demográfico mundial, os idosos passarão dos seis bilhões para 10 bilhões em 2025, e o número de idosos será, portanto, maior do

³ Bônus Demográfico é o momento em que a estrutura etária da população atua no sentido de facilitar o crescimento econômico. Isso acontece quando há um grande contingente da população em idade produtiva e um menor número de idosos e crianças (<http://www.cabr.com.br/pdf/B%C3%B4nus%20Demogr%C3%A1fico.pdf>, disponível em 16 de agosto de 2012).

que o de crianças com idade inferior a 14 anos. Com esse bônus demográfico, além de se pensar em previdência social e políticas públicas inclusivas, há que se pensar no planejamento urbano das cidades, seja no quesito da acessibilidade ou quanto aos equipamentos necessários para o atendimento desta população que, em sua idade ativa para o trabalho, possuía inúmeras dificuldades de acesso, inclusive a de acesso ao trabalho e renda.

Nesse contexto, emergem inúmeros estudos estatísticos que comprovam o crescimento acelerado da população idosa, bem como a emergência na criação de políticas públicas para este segmento. Discutir velhice é uma demanda da contemporaneidade e uma expressão atual da questão social, uma vez que a relação entre a produção e a distribuição de renda gera inúmeras desigualdades, que conforme IAMAMOTO⁴ é:

“O conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura, que tem uma raiz comum: a produção social é cada vez mais coletiva, o trabalho torna-se mais amplamente social, enquanto a apropriação dos seus frutos mantém-se privada, monopolizada por uma parte da sociedade”... (1998, p.27).

Muitos questionamentos podem ser feitos sobre a problemática do idoso. O idoso de hoje é o mesmo que o de 50 anos atrás? Quais as demandas apresentadas por essa população em envelhecimento? A aposentadoria do idoso de periferia cobre os custos deste período da vida? O SUS – Sistema Único de Saúde – consegue atender o idoso com dignidade e integralidade? A família entende o processo do envelhecimento e acolhe o idoso? As instituições socioassistenciais são suficientes para atender à demanda de idosos institucionalizados no município de São Paulo?

No contexto social brasileiro, pensar a categoria social idoso é ainda associá-lo à doença e à aposentadoria, visto que ser velho, ser idoso deixa de ser um indicador de passagem da maturidade para a velhice e tornam-se mais uma expressão de desigualdade, uma vez que o idoso muitas vezes é responsável por garantir sua subsistência, bem como de outros membros da família.

É relevante pontuar que, desde o século XIX, a velhice vem sendo caracterizada por uma fase em que ocorre decadência física e dos papéis sociais. Nossos velhos, para a sociedade moderna são marcados pelo empobrecimento e preconceitos. Se outrora, representavam sabedoria e experiência, na atualidade as classes mais abastadas depositam

⁴ Marilda Iamamoto, assistente social, mestre e doutora em ciências sociais, atualmente professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Co-autora do livro *Relações Sociais e Serviço Social* (1999), obra importante para a compreensão das relações de classe no Brasil e para a formação dos alunos de Serviço Social.

seus velhos em Casas de Repouso, ao passo que as classes menos privilegiadas, muitas das vezes, tratam-nos com descaso atribuindo ao idoso uma existência sem significado, concedendo-lhes a marca da invisibilidade.

A publicidade, os manuais de autoajuda e as receitas dos especialistas em saúde estão empenhados em mostrar que as imperfeições do corpo não são naturais e nem imutáveis e que, com esforço e trabalho corporal disciplinado, pode-se conquistar a aparência desejada; as rugas ou a flacidez se transformam em indícios de lassitude moral e devem ser tratadas com a ajuda dos cosméticos, da ginástica, das vitaminas, da indústria e do lazer. Os indivíduos não são apenas monitorados para manter uma vigilância constante do corpo, mas são também responsabilizados pela sua própria saúde, através da ideia de doenças autoinfligidas, resultado de abusos corporais, como a bebida, o fumo, a falta de exercícios. (DEBERT, 2004, p. 21)

Em épocas de fomento de estratégias atreladas ao consumo exacerbado, o mercado percebeu que os idosos são consumidores assíduos, novas formas de lazer foram criadas para desestabilizar a imagem tradicional do idoso pacato, sem voz e sem atitude, esta é uma forma de ostentar a juventude diante da velhice. Seguindo essa linha de raciocínio, tais articulações/estratégias têm como foco (re) configurar um novo modelo de idoso, o qual deve dispor de saúde, de independência financeira e de outros meios que tornem reais a realização dos sonhos adiados na juventude, afinal o Estado ganha quando os indivíduos cuidam da saúde e utilizam o corpo como veículo de prazer, os indivíduos sentem-se responsáveis pela própria aparência e compulsivamente evitam envelhecer, ter rugas é sinônimo de fracasso, de descuido com o próprio corpo, no contexto da velhice ideal.

Por outro lado, os meios de comunicação em massa podem transmitir estereótipos negativos em relação ao envelhecimento, como exemplo pode-se citar a falta de libido sexual e as falhas de memória na velhice, no entanto precisa-se estar atento também para não idealizar o idoso como a “melhor idade”, animado, ativo e jovial. MASCARO (2004, p.67) afirma que “imagens idealizadas e também estereotipadas da terceira idade podem levar muitos idosos a um sentimento de inadequação e frustração por não se identificarem com esses modelos de envelhecimento e velhice”.

Mas há que se lembrar que o culto ao corpo é ainda privilégio de uma camada social, os idosos de periferia que conviveram por décadas com a pobreza e a vulnerabilidade trazem as marcas de envelhecimento antecipado, doloroso e por que não dizer, doente. De acordo com SALGADO (1982, p. 29), a velhice pode ser “entendida como uma etapa da vida na qual, em decorrência da alta idade cronológica, ocorrem modificações de ordem biopsicossocial que afetam a relação do indivíduo com o meio”.

Na velhice, alterações de ordem biológicas são observadas no organismo, a vulnerabilidade social e econômica acelera o processo biológico. Declina-se a força, a disposição, transforma-se a aparência, há menos agilidade para se locomover e para executar atividades físicas, as reações químicas do corpo passam a decrescer, aumentam os problemas auditivos e visuais, bem como a resistência ao frio, à fadiga, ao calor, à umidade e ao barulho. No entanto, essas modificações não incapacitam os idosos ao convívio social, justificando seu afastamento e invisibilidade.

SALGADO (1982, p. 35) enfatiza que “a velhice traz modificações que se processam no íntimo dos indivíduos, de forma que valores e atitudes, em geral, sofrem uma alteração. Os entusiasmos são menores, a própria motivação tende a diminuir e são necessários, estímulos maiores para que o velho empreenda uma nova ação”. Em contrapartida, caso não haja uma superação dos conflitos/angústias nesta conjuntura, o idoso deprime-se.

No Centro de Referência da Assistência Social M’Boi Mirim é muito comum atender idosos que sofrem de depressão e melancolia, muitos deles perderam o prazer em viver, entendem a morte com um freio para suas dores e a desejam. Cabe, aqui, mencionar que em minha pesquisa observei que a depressão ocorre principalmente com o gênero masculino que, afastado do mercado de trabalho, depois de 35 anos de atividade laboral, encontra-se ocioso, sem vínculos sociais e com a sensação de inutilidade, pois na idade produtiva para o trabalho não solidificou relações sociais fora do lar.

ELIAS (2001, p. 75) explicita o conceito de solidão asseverando que “a solidão inclui também uma pessoa em meio a muitas outras para as quais não tem significado, para as quais não faz diferença sua existência, e que romperam qualquer laço de sentimentos com ela”. Por outro lado, com a valorização excessiva da força de produção do homem, nas sociedades capitalistas, o conceito de envelhecimento e solidão passou a ser considerado apenas por seus aspectos de decadência.

Não obstante, não se deram conta de que, conforme SALGADO (1982), além das transformações psicológicas que acarreta no íntimo de cada um, o envelhecimento transforma também as relações do indivíduo com o meio social, e isso ocorre justamente no momento em que a sobrevivência e bem-estar dependem deste meio. Nota-se que os indivíduos mais velhos em meio a este novo contexto aprendem novos papéis e adentram a outros universos e possibilidades, seja no mercado de trabalho ou nos diversos grupos sociais, em virtude dos problemas financeiros, dada a precariedade das condições de

trabalho submetidas por toda uma vida. Muitos dos idosos atendidos pelo CRAS M'Boi Mirim subsistem de coleta de material reciclável, ora para complementar a renda da aposentadoria defasada, ora por não ter conseguido a tão sonhada aposentadoria.

Nesta fase do ciclo de vida, em que os gastos são ainda maiores, não existe amparo satisfatório na saúde e na previdência para manter uma sobrevivência digna de acordo com as normas pétreas da Constituição Federal de 1988. Dessa maneira, a perda de papéis sociais adicionadas a acontecimentos dolorosos produz inaptações sociais ao idoso. A tendência natural do idoso inadaptado é o isolamento que é a forma por ele encontrada para não se ferir em um ambiente considerado hostil, e que novamente, no entendimento de ELIAS (2000, p. 77) afasta os idosos dos bastidores da vida social.

BEAUVOIR (1990, p. 52) “considera a condição da velhice escandalosa” e diz que algumas pessoas pressupõem que a velhice equivale à invalidez, e a aposentadoria, por sua vez, a um auxílio concedido a necessitados, impedindo de certa forma que o idoso tenha um trabalho remunerado decente. Na atual conjuntura brasileira, percebe-se que a inatividade imposta aos velhos é reflexo das relações de trabalho, pessoas com mais de 40 anos já são velhas para o mercado de trabalho, o trabalho está intimamente vinculado à exploração de mão-de-obra, e o idoso sem trabalho muitas vezes não consegue viver somente de sua aposentadoria, tendo que buscar outras formas de remuneração.

É fato que a população idosa brasileira cresce expressivamente, que novos papéis devem ser pensados para que seja preservada a dignidade e a qualidade de vida na velhice e, para tanto, é necessário que as políticas públicas sejam específicas para essa população e, mais do que isso, alcance a população vulnerabilidade economicamente, para que a condição de pobreza não seja uma condição violenta ao idoso.

Na sequência farei uma breve reflexão sobre o conceito de idoso, envelhecimento, velho, velhice, terceira idade, representação e papel social do idoso para algumas culturas e tempos históricos.

1.2. O idoso ontem

Os conceitos de velhice e envelhecimento possuem características próprias. O envelhecimento é o processo natural, dinâmico e progressivo, está associado a fatores sociais, econômicos, políticos e ambientais. O envelhecimento instala-se no sujeito desde o seu nascimento e acompanha sua vida terminando com a morte, segundo Monteiro:

“Velhice não pode ser confundida com envelhecimento. Enquanto envelhecimento é um processo natural de transformação do ser humano através da temporalidade, a velhice é uma produção social e não uma categoria natural. Contudo essa produção social irá influenciar diretamente o processo de envelhecimento dos indivíduos, pois, do mesmo modo que somos produtores de uma cultura, somos também produto dela própria” (2000, p. 56).

Não existe um conceito único de velhice, pois ele varia conforme a época, a cultura e as diferenças individuais”. Se o conceito de velhice é construído socialmente, faz relação com o tempo e o espaço, cada sociedade constrói a imagem de seus idosos, de acordo com seus parâmetros de sucesso e fracasso, prestígio e desprezo.

O conceito de papel social ou *status social* permite possibilidades interpretativas sobre a relação do indivíduo com a sociedade, entendendo as expectativas da sociedade em relação ao idoso. LAKATOS ao conceituar “papel e sua relação com status”, indica que:

As maneiras e se comportar que se esperam de qualquer indivíduo que ocupe certa posição constituem o papel associado com aquela posição... Papeis e papéis prescritos, portanto, são conceitos que se referem ao comportamento real de qualquer indivíduo considerado. O comportamento do papel, por outro lado, refere-se ao comportamento real de indivíduos específicos, à medida que assumem os papéis. (1999, p. 102)

O conceito de *status* remete à posição concebida pelo grupo ou pela sociedade que o mantêm, ao passo que o papel refere-se às posições ocupadas e às atividades desempenhadas, este se expressa na concretude da realidade, tem como objetivo o vínculo social e retrata o momento histórico. O aumento da longevidade, conjugado com o momento pelo qual passa a economia brasileira, que também se reflete significativamente sobre o jovem, tem levado o idoso a assumir papéis familiares os quais se desconheciam na literatura e nas políticas públicas.

Há idosos que por intermédio de suas experiências e de convivências em grupo rompem com os estereótipos e mitos construídos sobre a velhice e o processo de envelhecimento, pois muitos, apesar das dificuldades que enfrentam na luta pela sua sobrevivência, fazem desta etapa da vida um momento privilegiado para a realização pessoal, que se contrapõe a paradigmas tradicionais do idoso inútil na cena social.

Quando os idosos exploram novos espaços para envelhecer, realizam conquistas e buscam o prazer, esses criam condições para que a sociedade brasileira se sensibilize para os problemas do envelhecimento, bem como contribua para que a idéia de perdas tão fortemente associada à velhice seja substituída por conquistas e novas realizações.

É relevante ressaltar que a sociedade que não valoriza o idoso como gerador de cultura, por sua sabedoria e experiência, não consegue valorizar a sua própria identidade e preservar a sua história. Por uma omissão que atravessa os séculos, muitos idosos brasileiros ainda enfrentam a longevidade com uma forte marca de solidão, convivendo com o preconceito e a falta de perspectiva, por não se enquadrar no perfil de idoso estabelecido pelo seu meio social.

Embora se perceba na sociedade contemporânea brasileira um movimento no sentido de rever os estereótipos relacionados ao envelhecimento, motivado quem sabe pelas conquistas dos marcos legais, ainda, para muitos, o tempo da velhice é sinônimo de extremas privações, já que a nossa sociedade possui diversos mecanismos que os desvalorizam e esvaziam a sua função social, havendo urgência de novos padrões culturais, os quais revertam tal situação para um patamar de civilidade e dignidade ao idoso.

Há que se pensar que nossa sociedade não prepara o indivíduo para uma velhice segura, mais uma vez a vulnerabilidade econômica que discutirei no próximo capítulo é um entrave para que o idoso conquiste autonomia e qualidade de vida. A precarização do trabalho, resultante do modelo neoliberal gera um impacto direto no padrão de vida dos idosos, já que exige que eles adotem novas estratégias de sobrevivência, dentre as quais o ingresso no mercado informal.

Se para algumas culturas o idoso é valorizado pelo acúmulo de sabedoria, adquirida ao longo dos anos, para a maioria dos idosos brasileiros, a velhice representa uma passagem da vida, em que se vive mais, mas em condições precárias, como pude constatar pelos baixos valores dos benefícios previdenciários. Setenta por cento da população beneficiária da Previdência Social Brasileira recebe entre um e três salários mínimos, que evidencia que a nossa sociedade possui mecanismos de exclusão social os quais comprometem a garantia dos princípios básicos de independência, participação, bem-estar, desenvolvimento, dignidade, contidos na Declaração dos Princípios para os Idosos da Organização das Nações Unidas – ONU. Planos de Saúde dos mais baratos custam, no mínimo, R\$ 420,00 por mês, o SUS demora cerca de três meses para marcar uma consulta com especialistas e os idosos em um pronto socorro público demoram três horas para ser atendido.

O crescente envelhecimento da população, associado à baixa remuneração do trabalho, ou aposentadoria, ao desemprego daqueles com mais de 40 anos, e ao baixo desempenho da economia, reforçam a idéia de que a proteção social vinculada ao trabalho

chega ao fim, fazendo-se necessário o surgimento de outras formas de garantir direitos aos segmentos mais vulnerabilizados. Verifica-se, assim, que, além do número de idosos trabalhando, há pouca formalização nas relações de trabalho, uma vez que a maioria trabalha por conta própria, ajudam familiares ou realiza atividades esporádicas para complementar a renda. Esse é um quadro que aumenta as incertezas, num momento em que a vida começa a acentuar as vulnerabilidades.

Antes da Revolução Industrial, a velhice era uma das etapas do envelhecimento em que se evidenciavam as limitações físicas e a transformação da aparência. Depois da Revolução Industrial, com o crescente excesso de mão-de-obra, o jovem era o centro do mercado de trabalho ao passo que o velho passou a ser caracterizado “inútil”, não servindo mais servia para a produção industrial.

No século XX, com a expressiva mudança demográfica em todo mundo, passou-se a dar importância para a questão do envelhecimento. O termo velho recebeu significado pejorativo e passamos a associar o velho ao incapaz, ao obsoleto, ao inútil, ao desnecessário e ao ultrapassado, características utilitaristas, típicas da sociedade moderna que associa o homem a sua capacidade de movimentação da economia.

Se o idoso é reconhecido pela sua utilidade, não posso deixar de mencionar o conceito de terceira idade, tão empregado atualmente ao se pensar na população que envelhece. Em relação ao conceito do termo terceira idade, BARROS (1998, p. 44) salienta que:

A noção terceira idade é um decalque do vocábulo francês adotado logo após a implantação das políticas sociais para velhice na França. A terceira idade está ligada à criação de atividades sociais, culturais e esportivas. Idoso simboliza pessoas mais velhas – velhos respeitados – e a Terceira Idade designa principalmente os jovens velhos, os aposentados dinâmicos, como na representação francesa.

A Suécia, por exemplo, é o país europeu onde os idosos atingem alta expectativa de vida, 79,6 anos em 2010, lá se pensa não somente em expectativa de vida em anos, mas também em qualidade de vida ao longo da velhice, um indicador que passou a ser respeitado pela comunidade européia, que já convive com a alta expectativa de vida dos idosos, nestes países o termo terceira idade faz sentido, pois se pensa em envelhecimento saudável e ativo, ao menos no aspecto biológico.

Historicamente, o idoso foi afastado do cenário público após a Revolução Industrial, na Antiguidade não havia o conceito de seguridade social, aposentadoria ou idade para cessar as atividades laborais, somente a doença, a invalidez ou a morte

interrompiam as atividades dos trabalhadores manuais ou intelectuais, segundo MASCARO (2004, p. 24):

A idade madura e a idade avançada eram prestigiadas na Antiguidade. Em Ditos e feitos memoráveis de Sócrates, Xenofonte (430-355 a.C) menciona o respeito de Sócrates (469-339 a. C) aconselhava os filhos a terem pelos pais e principalmente pelas mães. Em *A República*, Platão prega o respeito aos mais velhos nas leis da “Cidade Ideal”. Na Grécia, em relação aos negócios públicos, não se confiava nos jovens. Em Esparta, o Conselho dos anciãos chamava-se Gerúsia e era composto por pessoas de mais de 60 anos. Os anciãos eram bastante respeitados e tinham muita autoridade: além de mestres, possuíam o poder de avaliar e decidir qual recém-nascido deveria viver ou morrer. Em Atenas, a idade mínima para tornar-se membro do conselho ou ainda para ter um posto de funcionário era de 30 anos; mais para fazer parte da Assembléia num tribunal de arbitragem era necessário ter 60 anos. Era também um costume honroso o neto receber o nome do avô.

Na Idade Média, a vida era árdua principalmente para os idosos que não pertenciam à camada privilegiada dos senhores feudal. A tarefa dura dos trabalhos nos campos afastava os velhos das atividades, e a grande maioria dos homens idosos estava excluída da vida pública, a velhice continuava sendo uma raridade e poucas crianças tiveram a chance de conhecer o seu avô. O número de idosos de 65 a 70 anos não era muito elevado, mas, quando ele sobrevivia e eram proprietário e chefe de família, merecia respeito e obediência de seus filhos e de seus netos. De acordo com MASCARO (2004), uma minoria da população européia da época sabia ler e escrever, os idosos eram procurados para narrar e transmitir aos descendentes as tradições da família.

Se para cada cultura e em cada época há uma representação social do idoso, não podemos deixar de mencionar o idoso para a cultura africana, nas palavras do filósofo mali HAMPATÉ BAH, “Quando morre um africano idoso, é como se queimasse uma biblioteca”, esta frase evidencia o valor do idoso na sociedade africana, aos nossos olhos, talvez uma cultura “iletrada” e muitas vezes, “pouco civilizada”, de acordo com o nosso parâmetro de civilização.

O idoso, para a cultura africana, é o transmissor dos valores culturais de sua tribo, armazena e mantém vivo o conhecimento passado de geração em geração. Para o africano, é o passado que dá sentido ao presente, o futuro ainda não existe. O sistema político e social das aldeias africanas é baseado na autoridade do chefe que, com seus assistentes, tem o dever de dirigir a vida do povo. O chefe da aldeia é sempre um ancião, escolhido da linhagem familiar do antigo chefe. O ancião é aquele que conhece bem a história de sua aldeia e de seus antepassados.

Para os africanos, “morrer idoso é ter uma boa morte”, o prolongamento dos anos vividos é sinal de proteção e de breve comunhão na “aldeia dos antepassados”. No entanto, a povo africano acredita que os idosos que tiveram uma boa morte e um funeral digno de sua reputação continuam interferindo no mundo dos vivos, colaborando com os habitantes da aldeia. Nas sociedades agrícolas os velhos participavam do trabalho com a família e os que não tinham condições de continuar trabalhando eram sustentados pelos seus parentes, serviam de exemplo para os mais jovens e de nenhuma forma eram desconsiderados.

Na cultura ocidental, o termo velho tem assim uma conotação negativa ao designar, sobretudo, as pessoas com mais idade pertencentes a camadas populares que apresentam mais nitidamente os traços do envelhecimento e do declínio. Velho passa a ser sinônimo de decadência, diferente da cultura africana, conforme apresentado.

Com o advento da Revolução Industrial, a população na área urbana cresceu, fazendo emergir a classe social burguesa, até então, comerciantes, detentores do capital e dos meios de produção. Essa sociedade capitalista exigiu para o mercado pessoas ativas, saudáveis, capazes de produzir continuamente. E o velho, devido a suas limitações físicas, não se encaixou neste perfil de sociedade que enaltece “o novo”, o socialmente produtivo. Afastado dos bastidores da vida social, caracterizado como mão-de-obra descartável, o velho passou a representar para a família e para a sociedade um problema, na maioria das vezes, “um peso”, “mais despesas”, já que lhe foi negado o pertencimento à vida social.

Inúmeras transformações ocorreram na Europa do século XIX, como a Revolução Industrial, o êxodo rural, o desenvolvimento urbano e as descobertas científicas foram marcantes na vida da população que envelhecia. Os idosos foram beneficiados como o progresso da medicina e das práticas de higiene e saúde pública, havendo um aumento na expectativa média de vida. Por outro lado, os idosos ricos continuavam a ter maiores chances de uma velhice saudável e longa. Segundo MASCARO (2004, p. 32),

(...) ora a velhice foi poderosa e prestigiada em Esparta, nas oligarquias gregas e em Roma até o século II a.C. Os jovens e os adultos confiavam e apoiavam-se nos idosos quando nas sociedades eram tradicionais, estáveis e hierarquizadas. Mas, nos momentos de mudanças, transformações permanentes e revoluções, os jovens substituíam os idosos no comando e nos papéis sociais prestigiados. Durante a Idade Média e até o século XVIII, os idosos eram pouco numerosos. A vida era muito árdua e aqueles que sobrevivessem teriam que contar com a solidariedade da família ou com a caridade pública de senhores feudais e da Igreja. A vida dos idosos continuou muito difícil no início do capitalismo e no século XIX, durante a Revolução Industrial.

Ainda hoje, quando os idosos não são ricos e poderosos, seu destino está depositado nas mãos da família, que pode tratá-lo com cuidado e estima ou negligenciar em seus

cuidados, às vezes abandonando-os em hospitais e asilos ou a própria sorte. Segundo DEBERT (2004), durante muito tempo a velhice era caracterizada como algo de responsabilidade familiar. A família tinha por responsabilidade cuidar do idoso, assumindo suas necessidades integrais. Com o processo de industrialização, o idoso passou a fazer parte da esfera pública. Muitos acreditam que o idoso deve ser dependente da família, estando apto apenas para dormir, tomar remédios, cuidar dos netos, fazer tricô e demais atividades manuais limitadas à residência comum. Esse conceito de velhice foi incorporado e reforçado pelos idosos ao longo dos anos, mas na atualidade sofreu expressivas alterações, como apresento no Capítulo 3, com a construção etnográfica.

Ora, se os papéis sociais destinados ao idoso se modificam no tempo e no espaço, há que se (re) significar o conceito de idoso para a partir daí pensarmos em dignidade e na qualidade de vida para a população que envelhece. No item “o idoso amanhã”, farei breves reflexões sobre a necessidade emergente de políticas de acesso ao idoso.

1.3. O idoso amanhã

Morrer prematuramente ou envelhecer: não existe outra alternativa.
(SIMONE DE BEAUVOIR (1990: 347)

Envelhecer não é uma opção, mas uma condição para aquele que nasce. O que podemos modificar é a forma de envelhecer, é preciso envelhecer com dignidade e qualidade de vida. Na contemporaneidade, novos arranjos familiares foram estabelecidos, diferentes papéis foram designados ao homem, à mulher e ao idoso. Antes, as representações sociais a respeito dos papéis desenvolvidos pelos idosos eram fixas e previsíveis, contemplávamos em relação ao idoso a imagem do bom velhinho, cuidando de seus netos, vivendo de sua aposentadoria.

Hoje, é possível observar novos cenários, a precarização do trabalho que exclui o adulto, torna o idoso responsável pelo orçamento doméstico, embora muitas vezes este possua uma renda precária e insuficiente para o seu sustento e da família. No que diz respeito a esse contexto, COUTINHO (2006, p. 101) também entende que “hoje se entende que a velhice, assim como a infância, a adolescência e a maturidade, mais do que simples fases da vida são categorias socialmente construídas, que só alcançam pleno sentido através de um discurso”.

Os papéis sociais na atualidade podem variar de acordo com a necessidade do mercado. Em 2011, por exemplo, as mulheres representavam 45,3% do mercado de trabalho, atualmente aumenta o número de idosos que desenvolvem atividades laborais para complementar a renda da aposentadoria ou subsidiar os gastos familiares. DEBERT (2004, p. 50), ao referir-se às armadilhas existentes nas representações e nas práticas referentes ao envelhecimento social, afirma que “a velhice não é uma categoria natural”, ou seja, as representações da idade adquirem significados específicos construídos em consonância com os contextos histórico-sociais e culturais em que estão inseridos.

Ora, se o conceito de velhice é uma construção social, a imagem daquele que envelhece nas sociedades modernas pode ser vista de diversas maneiras e sobre diversos enfoques. Tais variações na contemporaneidade são essências para perceber o novo viés que a mídia e o Estado estabelecem sobre as representações sociais voltadas ao idoso ao observar a participação dos idosos em atividades físicas, promovidas e incentivadas pelos programas governamentais e privados nas praças e nos parques da cidade ou nas propagandas de televisão incentivando passeios turísticos que reforçam uma imagem de eterna juventude para o idoso.

Não se pode deixar de constatar, por outro lado, a realidade chocante em que vive a maioria dos idosos, especialmente os idosos de periferia. Vítimas de maus-tratos, negligência e abandono, idosos que sofrem na pele a consequência da pobreza, ora sobre o aspecto da ausência de garantia de direitos mínimos, ora sobre o aspecto da invisibilidade social.

Na década de 1950, éramos dois milhões de idosos, a expectativa de vida era de 45 anos de idade, morria-se basicamente de “morte natural”, atualmente, somos 18 milhões de idosos, seremos o sexto país com maior número de idosos em poucos anos e nossa expectativa de vida subiu para 74 anos. Em comparação a outros países o crescimento da população idosa no Brasil foi rápido, na Suécia, país extremamente rico, levou-se 80 anos para a população idosa chegar a 14% do total dos habitantes; em alguns países da América Latina este fato ocorreu em menos de 20 anos.

Espera-se para os próximos 25 anos que uma quantidade considerada de países em desenvolvimento apresente uma proporção de idosos sobre a população mundial idêntica à que hoje países como a Alemanha, Inglaterra, Itália, Estados Unidos, Canadá têm em sua população. Esses países já passaram há tempos à marca de 15% de idosos sobre a população global, que foi estabelecida pela ONU como um marco que define um país

envelhecido. Vários desses países já têm mais de 20% de idosos na sua população, e o índice de reposição da população é muito pequeno, no Brasil, a população idosa hoje corresponde a 12% da população.

A verdade é que os países desenvolvidos deram conta da sua questão da velhice principalmente porque eles ficaram ricos antes de ficarem velhos. Eles se tornaram sociedades afluentes. Muitos deles se tornaram Estado de bem estar social, em que o Estado é provedor das necessidades de todos os cidadãos, antes de se tornarem velhos. Eles tiveram mais de um século, desde meados do século XIX, para que o processo de envelhecimento populacional acontecesse. Nos países em desenvolvimento, ao contrário, esse processo está muito mais acelerado. E, ao mesmo tempo, nós estamos nos tornando velhos sem antes termos nos tornado ricos. Não temos todos os recursos para implementar as políticas, as práticas, os procedimentos, os benefícios que a gente enxerga acontecendo nos países desenvolvidos, que têm políticas de pesquisa, que têm políticas de investimento a longo prazo para essas populações. Os países em desenvolvimento e os países subdesenvolvidos terão que engendrar os seus recursos, as suas providências, a sua criatividade, para dar conta dessa questão social, dessa questão de saúde, dessa questão humana que é a convivência com indivíduos que não são mais produtivos no âmbito da sociedade. (NERI, 2002, p. 85)

Velhice tranqüila e com qualidade de vida depende de inúmeros condicionantes materiais, anos de boa saúde, respeito aos direitos, oportunidades e dignidade, bem como elaboração de políticas públicas para o idoso.

A preocupação das pessoas é envelhecer com saúde, para poder cuidar dos próprios interesses e preservar a capacidade de atuar no ambiente, ou seja, manter as condições de realizar tarefas cotidianas como ir ao banco, à Igreja, encontrar os amigos. Em seguida vem o envolvimento social. Trata-se de pensar uma rede de relações que pode ser restrita, mas que seja significativa. Outro fator bastante importante é o bem-estar dos outros, principalmente de pessoas da família. É muito estressante para o velho enfrentar situações como morte de filhos, problema com netos, doenças de membros da família. Em quarto lugar aparece a questão financeira. O dinheiro, diante estes outros fatores, não é o mais importante para o velho. (NERI, 2002, p. 37)

Para Simone de Beauvoir, o envelhecimento e a velhice aparecem com maior clareza aos olhos dos outros do que aos olhos de nós mesmos. O envelhecimento em nossa sociedade, mesmo quando não se associa à pobreza ou à invalidez, tende a ser visto como um período dramático por implicar a passagem de um mundo amplo e público para um mundo restrito e privado. Tendo como consequência ao adulto contemporâneo o afastamento de tudo que lembre a idéia da morte, o velho estando cronologicamente próximo à morte é afastado, portanto morto socialmente, excluído e empurrado para os bastidores da vida social.

ELIAS (2001, p. 75) reafirma meu posicionamento ao ponderar que “nunca antes na história da humanidade foram os moribundos afastados de maneira tão asséptica para os bastidores da vida social; nunca antes os cadáveres humanos foram enviados de maneira tão inodora e com tal perfeição técnica do leito à sepultura”.

Seguindo esse viés argumentativo, pode-se pontuar que o isolamento implícito dos velhos e moribundos da comunidade dos vivos, o crescente esfriamento de suas relações com as pessoas a quem eram afeitos escancara a exclusão do segmento idoso e torna nítida a separação social entre velhos e jovens, vida e morte. Deve-se frisar que a exclusão dos velhos e dos moribundos varia de uma sociedade a outra e da forma como cada povo percebe seus velhos e dá importância. A morte biológica em todas as culturas é a mesma, o que varia é a consciência da morte para cada grupo social. Para ELIAS (2001, p. 77), “a morte não tem segredo. Não abre portas. É o fim de uma pessoa. O que sobrevive é o que ela ou ele deram às outras pessoas, o que permanece nas memórias alheias”, afastar e isolar os velhos do convívio social é não se lembrar de que envelhecemos e deixamos de existir.

O abandono e isolamento dos velhos em nossa sociedade não podem ser explicados unicamente pela ideia de que o idoso é improdutivo economicamente, é necessário considerar os aspectos emocionais que interferem no abandono, é preciso compreender o modo como as pessoas se veem e percebem-se nas modernas sociedades industrializadas e urbanas, entendendo a velhice como mais um ciclo do desenvolvimento humano.

ELIAS (2001) afirma que a pior dor do moribundo não é a da morte biológica, mas a incomensurável perda sofrida quando se morre uma pessoa amada e que nossa grande missão é nos educarmos para entender que nossa vida é limitada. É comum nos referirmos a velho, a idoso, à ausência de vitalidade e atividade, reforçamos esta imagem da marginalidade continuamente.

Na atualidade existe carência de teorias de desenvolvimento para o idoso, há algum tempo só se fala sobre teorias de desenvolvimento para criança e adolescente, desta forma, o idoso mais uma vez é excluído da vida social, sua presença muitas das vezes torna-se insignificante, inútil. No campo da Psicologia, as únicas teorias que abordam o universo do adulto são as que se referem às patologias, pouco subsídio tem sobre teorias de envelhecimento, portanto, não entendemos a velhice como uma etapa da vida em que se produz e se desenvolve.

O idoso “vulnerabilizado” economicamente sai da cena social, no sentido de reconhecimento público, mas ainda assim emerge da condição de invisibilidade que lhe foi

imposta, uma vez que cria estratégias de trabalho e subsistem com baixas rendas. Os idosos de periferia enfrentam o envelhecimento com sofrimento, inúmeras necessidades materiais não saciadas, mas mesmo assim sobrevivem. A ausência de renda muitas vezes vincula-se à ausência de autonomia, uma vez que se gera dependência ora do Estado, ora dos familiares para seus cuidados e sustento.

Se por um lado, procurar analisar as concepções construídas acerca da velhice, o processo de envelhecimento e suas implicações sociais, culturais, políticas, econômicas e ideológicas, compreendendo o significado do envelhecimento em interface com o trabalho e com o progressivo desmonte que vêm ocorrendo no sistema de proteção social, não percebo enquanto pesquisadora, investimentos sociais que acompanhem esta taxa de crescimento, ou políticas sociais que possibilitem uma velhice digna, o que torna o quadro bastante preocupante.

Entre os marcos legais, como a Constituição Federal de 1988, a proteção social do idoso é competência da União, a partir de então foram formatadas leis de amparo ao idoso, como é o caso da Lei nº. 8742/93 – LOAS – Lei Orgânica da Assistência Social e a Política Nacional do Idoso, que assegura um salário mínimo a idosos e deficientes, cujas famílias comprovem receber menos que $\frac{1}{4}$ salário mínimo per capita. E a Lei nº. 8842/94, que prevê um conjunto de projetos, programas, serviços e benefícios, visando à promoção da autonomia, da integração e participação na sociedade, sendo a criação de programas no âmbito nacional, uma das competências do Estado no que se refere à cultura.

Quase duas décadas se passaram e o que se percebe é que essas leis não foram suficientemente implantadas, impedindo a efetivação dos direitos nelas contidas, o que denota que a velocidade do envelhecimento populacional não é acompanhada por políticas públicas suficientes, uma vez que cresce o número de denúncias no Disque 100 – Disque Direitos Humanos e ao Ministério Público, denúncias que alegam na maioria das vezes maus-tratos, negligência, vulnerabilidade econômica do idoso, demonstrando, deste modo, uma tendência das pessoas em denunciar a violação dos direitos do idoso.

Em 31 de agosto de 2001, o Congresso aprovou o Estatuto Nacional do Idoso, documento que regula os direitos assegurados as pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. O Estatuto buscou assegurar que a proteção social ao idoso é um direito social, que deve ser efetivado por meio de políticas sociais que permitam um envelhecimento saudável que tem como diretriz:

(...) garantir ao idoso a participação no processo de produção, reelaboração e fruição dos bens culturais; propiciar o acesso aos locais e eventos culturais,

mediante preços reduzidos; valorizar o registro da memória e a transmissão de informações e habilidades ao idoso aos mais jovens, como meio de garantir a continuidade e a identidade cultural; incentivar os movimentos de idosos e desenvolver atividades culturais”. (Política Nacional do Idoso, 1998, p. 24)

As leis que deveriam efetivar os direitos dos idosos, propiciando uma velhice mais confortável, no acesso aos direitos mínimos e condições socioeconômicas mais favoráveis, foram parcialmente efetivadas, colaborando para ampliar o número de necessitados e excluídos, o processo de envelhecimento diz respeito à sociedade, mas, na maioria das vezes, esses idosos vulnerabilizados, desconhecem a gama de direitos que lhe foram atribuídos e subsistem inclusive sem acesso à informação em relação aos seus direitos.

Nesse percurso teórico e em contato direto com o objeto de pesquisa, pude observar o cotidiano dos idosos de baixa renda e seu padrão de vida, tive a oportunidade de perceber que a velhice é um fenômeno complexo e permeado por questões culturais, psicológicas, sociais, econômicas, políticas e ideológicas que interferem na sua construção social, no entanto é historicamente produzida por condições objetivas, quando se trata de renda e acesso, especialmente.

Quanto aos direitos e deveres do cidadão, a própria Constituição Brasileira estipula marcos de idade. Pessoas de 70 ou mais anos não são obrigadas a votar, a aposentadoria por idade só acontece aos 60 anos para mulheres e 65 anos para o homem. A aposentadoria por tempo de contribuição proporcional decorre de 30-35 anos de contribuição a previdência e ainda, completados 53 anos para homens e 48 anos para as mulheres.

O que é importante observar neste capítulo é que, embora a sociedade estipule marcos de idade, a idade da velhice é relativa, ora para a lei, ora para aquele que envelhece, no entanto percebe-se que a vivência ou a situação do idoso é diferente se ele é rico ou pobre, se é saudável ou doente, se é homem ou mulher, dependente ou independente, se trabalha ou é aposentado, se mora em casa ou foi institucionalizado, fato que torna cada pessoa idosa complexa havendo uma gama diversa de “velhices”.

Envelhecer bem não depende exclusivamente do idoso, tendo em vista que uma série de fatores determina um envelhecimento com qualidade de vida, mas é preciso assegurar condições adequadas de vida, que vai da alimentação saudável, da moradia decente, do acesso à educação, ao lazer e, principalmente, à saúde, sem desconsiderar os limites e as potencialidades de cada idade.

No próximo Capítulo, contextualizaremos os territórios Jardim Ângela e Jardim São Luís, a Política de Assistência Social e a atuação do Centro de Referência da

Assistência Social M'Boi Mirim, cenário que apresenta inúmeras vulnerabilidades sociais e destaca-se pela violência.

CAPÍTULO II - O CENÁRIO



Foto 002 - Contradições do território (favelas, centros comerciais, morros e bairros elitizados...
(Jardim São Luís), fotografado por Ariene Lopes, em Março/13

CAPÍTULO II

2. O CENÁRIO

O território Jardim Ângela e Jardim São Luís, a Política de Assistência Social e a atuação do Centro de Referência da Assistência Social M'Boi Mirim em meio a fragilidade econômica e a violência acentuada da região serão pontos que abordaremos neste capítulo. Para a elaboração deste capítulo, foram analisados sites da Prefeitura do Município de São Paulo, relatório de gestão da secretaria de assistência e desenvolvimento social – SMADS (2009-2012), relatórios da ONU, IBGE e observatório de políticas públicas da Região Sul de São Paulo, que contêm informações sobre assistência social, indicadores socioeconômicos, equipamentos públicos, entre outros, além de apresentar dados e informações necessárias para a compreensão do território, região mais populosa e distrito mais violento da cidade.

2.1. A cidade de São Paulo

Vivemos em uma megacidade, metrópole, megalópole, cidade global, município emergente que abriga 11.207.838 mil habitantes em uma área de 1526,949 km², na região sul de São Paulo somos 2.549.771 mil habitantes em uma área de 662,197 km², 43,37% da população do município de São Paulo reside na região sul, região de São Paulo que cresce em população, em violência e outras vulnerabilidades que inclui a dificuldade de acesso às políticas públicas. ROBATEL (2000 apud WANDERLEY & RAICHELIS 2009, pp.26/27) denominam São Paulo como uma cidade global:

Trata-se de uma rede mundial de 20 a 25 metrópoles, que vão de Bombaim a Sidney, de Toronto a São Paulo, de Tóquio a Londres, passando por New York ou Frankfurt. Essas cidades não são simplesmente como as grandes metrópoles do passado, importantes capitais regionais; elas são, ao mesmo tempo, postos de comando da economia mundial, acolhendo as direções das multinacionais, funcionando como imensos laboratórios de inovação tecnológica e financeira e concentrando os principais mercados de capitais internacionais (...).

As cidades globais são cidades que se destacam por sua tecnologia altamente desenvolvida, abrigam uma economia intermediária de serviços altamente especializados e movimentam a economia do país. São Paulo é uma cidade de grandes proporções, tudo nela parece exagerado, muitos serviços, muita oferta de lazer, muitas pessoas por quilômetro quadrado e muita vulnerabilidade e contradições que podem ser visualizadas no bairro Riviera/Tapera em contraposição aos bairros pobres como Jardim Ângela e Parque

Santo Antônio. Se em um visualizamos ruas arborizadas, mansões altamente seguras, esportes náuticos e segurança particular. No bairro Tapera, por sua vez, é possível visualizar construções em área de mananciais, agrupamento em favelas e cortiços, ausência de saneamento básico, água encanada, energia elétrica e equipamentos públicos satisfatórios.

É sabido que nem sempre o desenvolvimento social acompanha o desenvolvimento econômico, mas São Paulo é uma cidade dual, se por um lado é uma potência econômica, por outro, abriga baixos IDH⁵ – Índice de Desenvolvimento Econômico – nas periferias, há baixa oferta de emprego e má distribuição de renda entre as classes trabalhadoras.

De acordo com Wanderley & Raichelis (2009, p. 69), São Paulo é uma mistura de Nova York e Calcutá, visto que vivencia historicamente problemas de toda ordem, típicos da colonização, industrialização e urbanização que a identificam, ademais as causas históricas e estruturais que a condicionaram por séculos. A cidade paulistana apresenta situações de pobreza, desigualdade, exclusão e violência assustadora, outras cidades em situação de desenvolvimento também apresentam dados marcantes nesses pontos, mas parece que São Paulo potencializa estas questões, talvez pela dificuldade de gestão pública eficiente.

De acordo com Caldeira (2000) apud Wanderley & Raichelis (2009, p. 69), “as cidades trazem o fenômeno da segregação”. A partir da década de 1980, alteram-se as formas de relacionamento entre o centro e a periferia e, por conseguinte, a segregação social cresce desarticulando as áreas comuns de convivência, por razões de violência. A segregação espacial, para além da disseminação das periferias, atinge outros níveis como o que ela denomina enclaves fortificados – espaços ocupados por membros da classe alta e média, fechados e monitorados, com medo da violência crescente. Por outro lado, o autor

⁵O IDH – Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é uma medida comparativa usada para classificar os países pelo seu grau de “desenvolvimento humano” e para ajudar a classificar os países como desenvolvidos (desenvolvimento humano muito alto), em desenvolvimento (desenvolvimento humano médio e alto) e subdesenvolvidos (desenvolvimento humano baixo). A estatística é composta por meio de dados de expectativa de vida ao nascer, educação e PIB (PPC) per capita (como um indicador do padrão de vida) recolhidos a nível nacional. Cada ano, os países membros da ONU são classificados de acordo com essas medidas. O IDH também é usado por organizações locais ou empresas para medir o desenvolvimento de entidades subnacionais como estados, cidades, aldeias, etc. O índice foi desenvolvido em 1990 pelos economistas Amartya Sen e Mahbub ul Haq, e vem sendo usado desde 1993 pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) no seu relatório anual.

infeere que as ruas são ocupadas pelos pobres, os “sem-teto”, pessoas que vivem de “bicos”, segregando bairros e espaços públicos.

É preciso considerar a distância entre as periferias e os centros da cidade onde se encontram as possibilidades de trabalho. A população se desloca por horas durante ao dia e utilizam suas casas como dormitório à noite e convivem com congestionamentos que estressa a população dia a dia, como demonstra o excerto da reportagem no sítio da Carta Capital, de 11/03/2013:

A marca de 7 milhões de veículos em breve será superada, pois as vendas continuam a crescer de maneira acelerada e constante. Portanto, devemos esperar congestionamentos cada vez maiores, pessoas estressadas e também o aumento dos casos de doenças provocadas pela poluição que já matam cerca de 20 pessoas todos os dias na região metropolitana, segundo o Laboratório de Poluição Atmosférica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo⁶.

O congestionamento causado pelos sete milhões de veículos nas ruas e as proporções territoriais do município impedem muitas vezes que a população tenha outra atividade que senão o trabalho, realidade que deve ser considerada sempre ao se tratar das periferias e da qualidade de vida desta população. RAICHELIS (2000, p. 12) traz à a idéia da segregação na cidade, resultando no afastamento entre os centros urbanos e a periferia. Segundo a autora, a segregação implica a total apartação e o isolamento, fato que aponta que a sociabilidade das famílias da cidade ocorre de forma diferenciada nas periferias e nos centros urbanos.

RAICHELIS (2000) menciona, por exemplo, a formação dos guetos em cidades como Nova York, Paris, Sttugart, Berlim, Milão e Los Angeles, embora entenda que essas cidades têm elevada presença de situações de pobreza, elas nunca são retratadas como tal na literatura, a fim de que se desmistifique a ideia do gueto. Por outro lado, é nítida a segregação quando se pensa em condições desiguais de vida e sociabilidade, como verifico no distrito de M’Boi Mirim.

POCHMAN (2004) apud Raichelis & Wanderley (2009, p. 73) discutem a questão da desigualdade histórica, mercado restrito e informalidade, apontando que:

As cidades brasileiras são reflexos da desigualdade social: em 2003, os 10% mais ricos da população se apropriavam de 75% da riqueza contabilizada, restando 25% da riqueza para os demais 90% da população. Segundo a mesma fonte, 5 mil famílias, de um total de 51 milhões, apropriaram-se de 40% da riqueza nacional. De cada 10 famílias ricas, 8 moravam na cidade de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Brasília. Essa desigualdade é explicada pela

⁶ Disponível: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/parabens-sao-paulo-7-milhoes-de-carros/>. Acessado em 30/03/2013.

segregação territorial existente no universo intraurbano ou ainda pela desigualdade presente nas diversas regiões do território nacional.

Nos centros urbanos das metrópoles, há grande circulação de pessoas e de capital. O centro é ainda o local mais acessado pela população para o trabalho, porque concentra as atividades econômicas, nas periferias, cresce os trabalhos informais, com destaque para a coleta de material reciclável para a população mais pauperizada.

KAZUO NAKANO⁷, em matéria publicada pelo jornal *Le Monde Diplomatique*, em 06/03/2010 nos diz que:

(...) Não basta interpretar a realidade das cidades, há que se experimentar mudá-las nos marcos de um amplo projeto social e político, pois cerca de um terço dos moradores das áreas urbanas mundiais, cerca de um bilhão de pessoas se encontram em situações de extrema pobreza e morando em assentamentos precários, à fome e a vários tipos de ameaças. Para incluir essas pessoas nas cidades, gerando condições de cidadania, é preciso mais do que ampliar suas possibilidades de consumo. É preciso promover uma reconfiguração estrutural dos seus territórios integrando-os a todas as esferas políticas, econômicas, culturais e materiais da vida urbana.

A população que reside nas periferias ainda está submetida à falta de políticas públicas eficientes, a acessos na saúde, educação, lazer e cultura deficitários. Os bairros que compõem a periferia recebem por vezes paliativos, por meio dos programas de governo ao invés de políticas sociais que garantem seu direito e seu acesso, como veremos mais adiante. A população de M'Boi Mirim é protagonista do agravamento da questão social, uma vez que subsiste em meio a fracassos pessoais e desamparos, inclusive o desamparo institucional, que tratarei como violência institucional no Capítulo 3.

Para YASBEC (2007:63) “a pobreza é a expressão direta das relações sociais vigentes na sociedade e certamente não se reduz às privações materiais. Alcança o plano espiritual, moral e político dos indivíduos submetidos aos problemas da sobrevivência. A pobreza é uma face do descarte de mão-de-obra barata, que faz parte da expansão do capitalismo brasileiro contemporâneo. Expansão do capitalismo que cria uma população sobrando, cria o necessitado, o desamparado e a tensão permanente da instabilidade na luta pela vida de cada dia”.

⁷ Kazuo Nakano é arquiteto urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP), pós-graduado em gestão urbana e ambiental pelo Institute for Housing and Urban Development – IHS de Rotterdam, Holanda, e mestre em Estruturas Ambientais e Urbanas pela FAU/USP. Trabalhou no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) e foi gerente de projeto da Secretaria Nacional de Programas Urbanos do Ministério das Cidades. Atualmente, no Instituto Pólis, desenvolve pesquisas urbanas e coordena assessorias técnicas em diversas cidades brasileiras na elaboração de planos diretores participativos.

No próximo item abordarei a história e as fragilidades do território de M'Boi, enquanto região periférica da cidade de São Paulo e onde está instalado o CRAS M'Boi Mirim, Centro de Referência da Assistência Social, utilizado como cenário de nossa pesquisa.

2.2. O Território de M'Boi Mirim

A Subprefeitura de M'Boi Mirim está localizada na zona sul da cidade de São Paulo, sendo composta pelos Distritos do Jardim Ângela e Jardim São Luís, fazendo fronteira com os municípios de Itapequerica da Serra e Embú Guaçu, tendo 62,1km² de extensão. Próxima à Represa do Guarapiranga, 70% de seu território encontra-se em área de preservação aos mananciais.

De acordo com o histórico da região, publicizado no sítio da Prefeitura de São Paulo, a Subprefeitura de M'Boi Mirim cenário de nossa pesquisa é composta por X bairros, a história deste território está diretamente ligada ao desenvolvimento de Santo Amaro. M'Boi Mirim, que na língua indígena, significa rio das cobras pequenas, teve seu primeiro processo de ocupação em 1607. Nessa época, foi instalada, à beira do rio Pinheiros, próximo à aldeia indígena do M'Boi Mirim, o Engenho de Nossa Senhora da Assunção de Ibirapuera e a primeira extração de minério de ferro da América do Sul.

A experiência com a extração de minério de ferro durou cerca de 20 anos. Depois disso a área da antiga aldeia dos índios Guaianases ficou praticamente esquecida por 200 anos, servindo apenas como ponto de passagem para os viajantes em direção ao Embú e Itapequerica da Serra. Foi só em 1829 que se deu o segundo processo de ocupação do M'Boi Mirim, com a chegada de um grupo de 129 imigrantes alemães, trazidos por D. Pedro I, para colonizar essas terras. Três anos depois a região de Santo Amaro, que incluía a antiga aldeia do M'Boi Mirim, foi elevada à categoria de município.

Em pouco tempo grande parte da batata, da marmelada, da farinha de mandioca, do milho e da carne consumidos em São Paulo, e também a madeira, a areia e as pedras utilizadas nas construções eram produzidas no novo município. Foi isso que levou à inauguração da primeira ligação de bondes movidos a vapor entre as duas cidades, em 1886. As histórias de vida contadas pelos idosos do território, que servirão de análise sobre as violências simbólicas sofridas, trarão um pouco da visão desses idosos em relação ao

território, uma vez que a maioria dos pesquisados estão na região há mais de 30 anos, acompanhando a expansão demográfica e as diversas vulnerabilidades da região.

No início do século XX, a *The São Paulo Tramway, Light & Power* decidiu represar o rio Guarapiranga, afluente do Pinheiros, para regularizar a vazão do Tietê nos meses de seca. O fato de existir transporte regular nas proximidades colaborou com a escolha do local para a construção da represa Guarapiranga. Durante o período de estiagem, as águas do Guarapiranga deveriam ser represadas e descarregadas no Rio Pinheiros para, assim, alimentar as turbinas da Usina de Parnaíba.

Com isso, um novo ou outro tipo de pessoas passou a ser atraído para essa região. Eram principalmente alemães e italianos que vinham para cá nos finais de semana praticar caça, pesca e esportes aquáticos. A área onde hoje fica o Jardim Ângela ficou conhecida como a Riviera Paulista, devido à beleza das margens da represa, um bairro abastado e elitizado, se comparado aos bairros pobres do território.

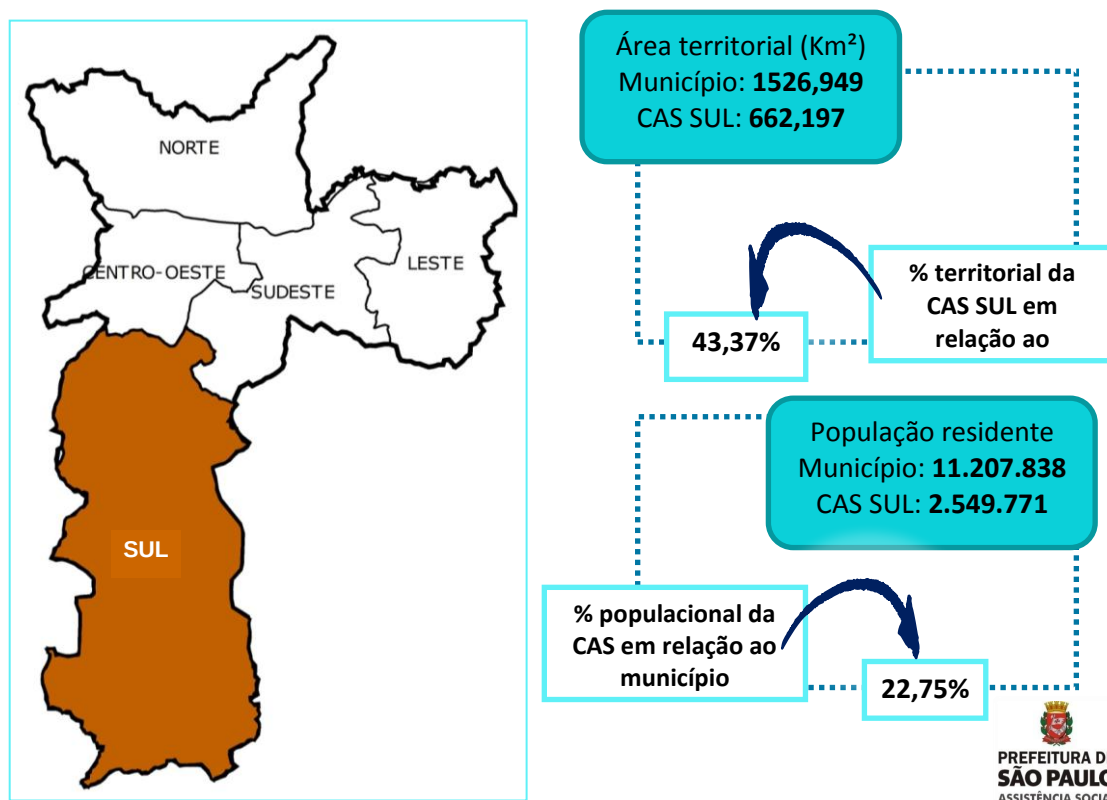
Com a inauguração do Aeroporto de Congonhas, em 1934, o município de Santo Amaro foi extinto por determinação do governo do Estado. Por volta da década de 1950 do século XX, porém, a região do M'Boi Mirim inicia um processo de ocupação muito mais intenso por meio do desmembramento dos antigos sítios e chácaras em lotes. No auge do processo industrial, diversas vilas começaram a surgir na zona Sul. Eram, na maioria, moradias dos operários que estavam chegando de vários Estados e do interior paulista para trabalhar nas fábricas que se instalaram em Santo Amaro. Eles foram chegando lentamente até a grande explosão que aconteceu a partir do fim da década de 1960, quando a ocupação tornou-se desordenada, inclusive em áreas de preservação, como na região dos mananciais.

Nesse período, a região cresceu também em aspectos positivos. Em setembro de 1974, ganhou o Parque Municipal Guarapiranga, com projeto elaborado pelo escritório Burle Marx e Cia. Posteriormente, em 1977, foi inaugurado outro ícone da região: o Centro Empresarial de São Paulo, localizado no Jardim São Luis. Em 1980 eram 271.214 pessoas, dez anos após o número aumentou para 382.657 habitantes, índice que subiu para 563.305 moradores em 2010.

A Subprefeitura de M'Boi Mirim está localizada na zona sul da cidade de São Paulo, sendo composta pelos Distritos do Jardim Ângela e Jardim São Luís, fazendo fronteira com os municípios de Itapeverica da Serra e Embú Guaçu, tendo 62,1km² de extensão. Próxima à represa do Guarapiranga, 70% de seu território encontra-se em área de preservação aos mananciais, onde também está localizado o Parque Guarapiranga

(Municipal) e o Parque Ecológico (Estadual), como podemos observar no gráfico abaixo, 22,5% da população do município de São Paulo localiza-se na região sul.

Mapa 001: Município de São Paulo e População da Região Sul



Fonte: SMADS; COPS – Set. 2012. Elaboração: CAS SUL - Supervisão de Planejamento e Observatório de Políticas Sociais

A Subprefeitura de M´Boi Mirim está localizada na zona sul da cidade de São Paulo, sendo composta pelos Distritos do Jardim Ângela e Jardim São Luís, fazendo fronteira com os municípios de Itapeverica da Serra e Embú Guaçu, tendo 62,1km² de extensão. Próxima à Represa do Guarapiranga, 70% de seu território encontra-se em área de preservação aos mananciais, onde também está localizado o Parque Guarapiranga (Municipal) e o Parque Ecológico (Estadual). (Subprefeitura de M´Boi Mirim, 2008).

Com a finalidade de elucidar os fatos abordados, segue o quadro com os dados demográficos dos distritos Jardim Ângela e Jardim São Luís:

Quadro 001 – Dados Demográficos Dos Distritos Pertencentes às Subprefeituras

Subprefeitura	Distritos	Área (km²)	População (1996)	População (2000)	População (2010)	Densidade Demográfica (Hab/km²)
M'Boi Mirim	Jardim Ângela	37.05	213,335	245,125	295.434	7,683.68
	Jardim São Luís	25.69	223,343	238,858	267.871	10,111.35
	TOTAL	62.74	436,678	483,983	563.305	8.897,52

Fonte: Prefeitura do Município de São Paulo / Secretarias / Subprefeituras / Dados Demográficos, Disponível em 09/04/2013.

Nos distritos de Jardim Ângela e Jardim São Luís, o cenário não é diferente das demais periferias da cidade, deparei-me basicamente com um amontoado de casas, muito próximas uma das outras, muitas vezes sem limite entre o comum e o privado, já que muitas famílias convivem em vielas, travessas, favelas e cortiços. As famílias de M'Boi Mirim são numerosas, habitam em residências pequenas, de poucos cômodos, os acessos aos equipamentos públicos (escolas, creches, hospitais) são distantes, uma vez que o território de M'Boi Mirim é vasto, se comparado as cidades vizinhas, Itapecerica e Taboão da Serra.

Em 1975, foi criada a Lei de Proteção dos Mananciais, que definiu faixas de ocupação de terrenos e determinou um padrão para a construção dessas faixas, a lei sem a devida fiscalização e a dificuldade da população em construir suas habitações de acordo com as exigências legais propiciaram um processo de ocupação sem controle dos loteamentos ilegais e das favelas e com a dinamização da indústria, a partir da década de 1980 (especialmente no Sul da Região Metropolitana), as pessoas que migraram para a região do M'Boi Mirim se instalaram “onde era possível”, ou seja, ocuparam inclusive as áreas de mananciais.

É preciso lembrar a importância da represa Guarapiranga, presente no território de M'Boi Mirim para a Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), esta região compreende uma das áreas de mananciais mais ocupadas da RMSP e, por isso, é uma das mais ameaçadas, possui problemas na qualidade de suas águas, uma vez que a parte da ocupação irregular despeja esgotos diretamente na represa, no entanto pouco se tem investido em educação ambiental e fiscalização das áreas de preservação ambiental da região.

A Represa de Guarapiranga representa ainda abastecimento importante para a região sul e sudoeste da cidade como podem verificar:

É o segundo maior sistema de água da Região Metropolitana, localizada nas proximidades da Serra do Mar. Sua água é proveniente da Represa Guarapiranga (formadas pelos rios Embú-Mirim, Embu-Guaçú, Santa Rita, Vermelho, Ribeirão, Itaim, Capivari e Parelheiros) e da Represa Billings (Rio Taquacetuba). Produz 14 mil litros de água por segundo e abastece 3,8 milhões de pessoas da zona sul e sudoeste da capital. (SABESP, 2010).

As margens da Represa Guarapiranga apresentam algumas contradições: é possível visualizar mansões, moradias de luxo, clubes náuticos e pequenos castelos ao lado de favelas e lazer em áreas destinadas para banho da população. De acordo com SOUZA (2003, p. 7)

(...) as casas existentes (no Jardim Ângela) foram construídas segundo a lógica do possível e não da legislação e dos códigos de segurança. O tamanho dos cômodos, sua localização, o material utilizado, a ventilação, a insolação não garantem salubridade ou privacidade. As famílias são obrigadas a compartilhar espaços exíguos com múltiplas funções. (...) o lazer fica restrito à parte externa da casa, se espaço existir; caso contrário, ruas, vielas e passagens são utilizadas (...) existindo muita violência, as crianças ficam mantidas fechadas dentro de suas casas. Quando existem áreas coletivas, que são escassas, há uma forte competição por elas. Crianças jogam bola competindo com carros, motocicletas, bicicletas e pedestres. Roupas são secas em varais que atravessam ruas e vielas, dificultando a passagem das pessoas. Os espaços são exíguos e ficam piores com o adensamento provocado pela formação de novos grupos familiares: os jovens que formam famílias, com frequência, são obrigados a continuar morando com os pais, o que aumenta o congestionamento de moradias, a tensão familiar e as disputas dentro das famílias criam condições também para a violência física.

No território de M'Boi Mirim pouco se tem acesso ao lazer. A diversão da camada mais pobre da população limita-se a jogos de futebol na rua, campos ou quadras esparsos pelo território, soltar pipas no verão, com a dificuldade das instalações elétricas irregulares, bailes nas diversas comunidades (preferencialmente bailes funks), há opções de eventos culturais patrocinados por associações como a Cooperifa, que oferece saraus, hip hop e teatros. O território não conta com centros culturais e hoje, possui mesmo que em datas fixas, o evento "Virada Cultural".

A imagem M'Boi Mirim, especialmente do Distrito do Jardim Ângela, é sempre retratada como a imagem de periferia, com alta vulnerabilidade e destaque para a violência acentuada, sempre é publicizada de forma negativa pelos meios de comunicação, ressaltando-se a pobreza e a exclusão, dificilmente pensamos nas periferias a partir da localização em que os bairros se encontram em relação ao centro da cidade. É preciso

lembrar que nas periferias, a relação de poder que o Estado estabelece sobre a classe trabalhadora manifesta-se na forma de serviços ou de benefícios para o seu território, e quando o Estado não fornece esses serviços, “surge” outra face do poder (das relações), algumas das vezes, surge o poder dos “fora da lei” quando não há interferência do Estado ou quando Estado não assume seu papel de provedor. Em M’Boi Mirim é nítida a influência do poder paralelo, sob o domínio do tráfico de drogas, incluindo os chamados e famosos “toque de recolher”, em que a população submete-se diretamente ao comando do traficante da região.

Nas palavras de ARENDT (2004, p.56) “toda a diminuição de poder é um convite à violência – quando pouco porque aqueles que detêm o poder e o sentem escorregar por entre as mãos, sejam eles o governo ou os governados, encontraram sempre dificuldades em resistir à tentação de substituí-lo pela violência”, ou seja, quando um território dominado está perdendo poder, o comum é que se use de violência para resgatá-lo. A violência constitui, assim, o grande meio para que um imponha sua vontade sobre o outro. Em situações cotidianas, o domínio pela violência é habitual, praticado desde os períodos mais remotos da civilização até os dias de hoje, especialmente nas periferias, tratarei um pouco do conceito de violência na sequência deste capítulo. Nos atendimentos que realizo no CRAS M’Boi Mirim percebo de forma clara, o poder local da criminalidade, especialmente do tráfico de drogas. Muitos bairros são “protegidos” por esse poder paralelo e a eles cabe o respeito e a obediência servil da população.

Além disso, muitas favelas são controladas por traficantes, nestes locais sempre há a ausência do Estado no cumprimento de seu papel, mas o controle do território pode ser desenvolvido também por líderes comunitários ou outra que se dispunha a fazê-lo, cada bairro da periferia ou mesmo determinada área de um bairro, possui um agente de poder, seja ele legal ou ilegal. O papel que o Estado estabelece nos territórios pode direcionar a maior ou menor manifestação do poder por parte dos agentes ilegais (especialmente traficantes), no caso dos bairros periféricos de São Paulo.

Não posso deixar de mencionar que um dos aspectos que pode ser considerado para o aumento da criminalidade na região metropolitana de São Paulo e em outras localidades do Brasil, mesmo que discutíveis, é a falta de trabalho. As periferias ainda são caracterizadas pela falta de oportunidades, de investimento e de recursos, pessoas desempregadas envolvem-se no mundo do crime para buscar algum ganho, mas não se

pode deixar de observar que também a população tem sua parcela de responsabilidade na manutenção do crime, já que pobres e ricos envolvem-se na criminalidade.

O pobre será estimulado a entrar no mundo da criminalidade por motivos variados, mas o principal deles, em se tratando do indivíduo adulto, é a falta de perspectiva na vida, a falta de trabalho, o desespero de não ter o que comer, bem como a ambição de conseguir melhorar a vida rapidamente. É muito comum nos atendimentos que realizo no CRAS famílias relataram ocorrências de uso de drogas na família e furtos para manutenção das drogas.

Há 20 anos, segundo relatos, a região que se encontra o Jardim Ângela era predominantemente ocupada por trabalhadores, havia menos pessoas que viviam de assaltos e atividades ligadas a este tipo de crime, inclusive matadores. Nesse contexto, havia disputas por território e a busca pela organização de um espaço até então sem lei. Apesar da presença da polícia, que representava o Poder do Estado, essa também disputava com os bandidos sobre o poder e sobre o território.

Na última década, consolidou-se uma ordem de poder e esta é mantida por uma rede específica: drogas. Nos últimos 10 anos, no Jardim Ângela e adjacências, a rede criminal de drogas tem determinado uma forma de dominação e organização. Sua estratégia é evitar que eventos criminais chamem a atenção das autoridades policiais para as áreas em que atuam e, para tanto, estabelecem “uma paz” ordenada pelo seu poder de coerção e pelo uso das armas. Pude verificar a diminuição do número de assaltos nos bairros do território, onde existe “comando”. Refiro-me ao comando do PCC – Primeiro Comando da Capital que “organiza as periferias” no sentido da ordem e do respeito, importante lembrar que o comando traz regras de convivência entre os próprios moradores.

Alguns moradores descrevem a ocupação e a vida do território de M’Boi Mirim, como é o caso de Sra. Odete Marques, moradora da região desde a década de 1960, que ao falar da vida no território, relembra:

Essa região era formada por chácaras e pequenas casas. Havia plantações de subsistência, nascentes de água (minas). As ruas não eram asfaltadas, sem redes de esgotos, não havia coleta de lixo. As escolas eram distantes, não tinha serviços públicos de saúde, o transporte público também já era precário.

Na região de Vila Remo, parte da população que se sentia indignada diante a situação precária que vivia, tomou a iniciativa de organizar-se, passando a refletir, propondo soluções para resolver os problemas existentes nos bairros da região. Destacando a coragem das mulheres pioneiras, através dos grupos de mães, geraram grandes correntes de manifestações sociais.

Foi através desses grupos que começamos a debater questões sobre o planejamento familiar, educação, saúde, higiene. Surgindo as campanhas pela coleta de lixo, por água encanada, instalação de energia elétrica nas casas e vias públicas.

Como pude verificar nos relatos de Sra. Odete se, por um lado, o território de M'Boi Mirim é palco de inúmeras violências, por outro, as condições precárias para subsistência e a falta de acesso foi a mola propulsora para os movimentos sociais na região, que deram a M'Boi Mirim ao menos o direito à voz e à contestação, são comuns reivindicações organizadas no território. Destaco, entre as lideranças da região, a Sociedade Santos Mártires, liderada pelo Padre Jaime, individualmente as ações da organização não tiveram efeitos, mas coordenadas e associadas com o Poder Público, trouxeram à região poder nas ações sociais, conferindo ainda poder à religião, como demonstrado no excerto do *Jornal da USP* de 2005: “o fato é que as ações coordenadas envolvendo líderes comunitários, religiosos. Prefeitura, Estado e Universidades conseguiram reduzir drasticamente a violência e reduzir níveis muito baixos os índices de criminalidade na região”.

Padre Jaime coordena inúmeros serviços conveniados à Prefeitura no território em questão, entre estes serviços, destaca-se NCIs – Núcleos de Convivência Idosos, CCI e CJ – Centro de Infância e Juventude e abrigos para mulheres vítimas de violência. Devo enfatizar que atitudes como a do Padre Jaime ajudaram a reorganizar um território tão problemático como o Jardim Ângela, já que participa da vida em comunidade e reivindica melhores condições de vida para a população. Padre Jaime cobrou do Poder Público ações mais eficientes, por exemplo, a base da Polícia Militar instalada no bairro do Jardim Ângela.

Retomando o processo de constituição do território, observa-se que há nesse processo outros fatores envolvidos como trocas de poderes e disputas contínuas, haja vista a influência do tráfico, das organizações religiosas e dos deputados influentes do território, e não posso desconsiderar a presença política dos movimentos sociais no território. Em 2008, os técnicos da Subprefeitura de M'Boi Mirim fizeram um levantamento das condições socioeconômicas da região da população de M'Boi Mirim, conforme segue:

Renda Familiar per capita média (ago/2000): R\$ 277,00 (Município R\$ 610,00)
(Fonte: Atlas do Trabalho e Desenvolvimento da cidade de São Paulo – SMT);
Taxa de desemprego – 15 anos e mais: 23,04% (Município: 17,78%).
(Fonte: Atlas do Trabalho e Desenvolvimento da cidade de São Paulo – SMT)

168 favelas em 2.357.088m², com um total de 34.548 domicílios, segundo lugar em número, entre todas as subprefeituras de São Paulo). Seus moradores têm uma renda familiar mensal média de R\$ 779,49.

Fonte: SEHAB – 2008)

E a estrada de M´Boi Mirim (principal via de acesso da região) está em terceiro lugar na cidade, em número de atropelamentos, através apenas das duas marginais (Tietê e Pinheiros) (Fonte: CET – 2006). Subprefeitura de M´Boi Mirim, 2008.

Segundo dados da Fundação Seade, em 2004, a densidade demográfica da região de M´Boi Mirim atingiu 8.283,0/Km², de modo que o número de habitantes e habitações está aumentando gradativamente na área de abrangência da Subprefeitura de M´Boi Mirim. O número de domicílios ampliou-se em 41,15% de 1991 a 2000. A população que chega à região ocupa novos espaços/terrenos, gerando um crescimento acentuado na atualidade, o que gera maior adensamento populacional em áreas de proteção de manancial e amplia o número de favelas. Relevante ressaltar que aproximadamente 35.591 domicílios do território vivem com renda per capita de $\frac{1}{2}$ salário mínimo, o que coloca esta população em situação de vulnerabilidade e risco social, conforme Quadro 002 a seguir: Domicílios particulares com rendimento nominal mensal per capita até $\frac{1}{2}$ SM e sem rendimentos com esgoto a céu aberto, por Subprefeitura e Distrito abaixo:

Domicílios particulares com rendimento nominal mensal per capita até ½ SM e sem rendimentos com esgoto a céu aberto, por Subprefeitura e Distrito

Subprefeitura	Distrito	Domicílios particulares com rendimento nominal mensal domiciliar per capita de até 1/8 salário mínimo	Domicílios particulares com rendimento nominal mensal domiciliar per capita de até 1/8 a 1/4 salário mínimo	Domicílios particulares com rendimento nominal mensal domiciliar per capita de até 1/4 a 1/2 salário mínimo	Domicílios particulares permanentes sem rendimentos - co esgoto a céu aberto	Total
M'BOI MIRIM	Jd. Ângela	740	4.227	16.356	353	21.676
	Jd. S. Luis	287	2.299	11.040	289	13.915
	Subtotal	1.027	6.526	27.396	642	35.591
CAPELA DO SOCORRO	Cid. Dutra	347	1.576	7.035	38	8.996
	Grajaú	875	4.905	18.554	1.018	25.352
	Socorro	14	98	587	2	701
	Subtotal	1.236	6.579	26.176	1.058	35.049
CAMPO LIMPO	Campo Limpo	261	1.846	7.783	117	10.007
	Capão	391	2.790	12.074	148	15.403
	Redondo					
	V. Andrade	219	1.096	4.811	135	6.261
	Subtotal	871	5.732	24.668	400	31.671
CID. ADEMAR	Cid. Ademar	472	2.605	10.897	234	14.208
	Pedreira	253	1.657	6.912	209	9.031
	Subtotal	725	4.262	17.809	443	23.239
PARELHEIROS	Marsilac	52	225	491	0	768
	Parelheiros	444	2.152	7.466	1.244	11.306
	Subtotal	496	2.377	7.957	1.244	12.074
SANTO AMARO	Sto. Amaro	13	73	414	6	506
	Campo Belo	42	190	591	87	910
	Campo Grande	42	309	1.463	22	1.836
	Subtotal	97	572	2.468	115	3.252
CAS SUL		4.452	26.048	106.474	3.902	140.876

O fato de a renda das pessoas não chegar a um terço da média da cidade é reflexo das desigualdades apresentadas em uma grande metrópole, porém deve-se considerar que boa parte desta população está desempregada (23,04%) ou em trabalhos informais e parte dela, quando envelhecida, não contará com a aposentadoria, uma vez que não contribui com o INSS – Instituto Nacional Seguridade Social.

As áreas de risco mapeadas (48) e a falta de grandes avenidas que liguem M'Boi Mirim as outras regiões da cidade são reflexos do crescimento exagerado e irrestrito dessa região e um dos principais motivos de reinvidicação da população, a última ocorreu em 2010 e ocupou o espaço da Subprefeitura:

Em que se pesem os dados acima, essa situação está sendo gradualmente revertida através da intensa mobilização de suas organizações sociais, grupos organizados e por ações governamentais que tem levado a uma reconhecida diminuição desses índices, em especial a implantação maciça do Programa Saúde da Família, com seus mais de 900 agentes comunitários de saúde, cobrindo 100% do território e ocupando os lugares antes reservados apenas ao tráfico de drogas. Pelo trabalho realizado por esses Agentes, foram coletados vários dados que embasaram o presente trabalho. (Subprefeitura de M'Boi Mirim, 2008, p. 3)

No território as diversas políticas públicas não “conversam”. O SUS – Sistema Único de Saúde, por exemplo, tem georeferenciado todo o território de M'Boi Mirim, no entanto a Política de Assistência, por meio do CRAS, não utiliza esse mapeamento para identificação e acompanhamento das regiões de maior vulnerabilidade, se assim o fosse, pouparíamos esforço e as famílias seriam acompanhadas por todas as pastas do município e quem sabe, reduziríamos o número de exclusão em decorrência da pobreza extrema.

No território do distrito do Jardim São Luís, é importante evidenciar a violência do bairro Parque Santo Antonio, conforme mostrou reportagem da *Revista Veja*, de 22 de agosto 2012. Nesta reportagem constam relatos da população do Parque Santo Antonio em que é possível evidenciar o cotidiano do bairro campeão de mortes, trazendo uma morte a cada seis dias, recorde nacional. Tal matéria enfatizou mais de 300 favelas da área na região do Jardim São Luís, moradores são amedrontados pelo tráfico, mesmo com a presença de uma delegacia que convive com dois pontos de venda de drogas na vizinhança.

Essa reportagem evidenciou as estatísticas divulgadas em julho de 2012, pela Secretaria de Segurança Pública, que mencionou que ocorreu no bairro Parque Santo Antonio no primeiro semestre deste ano, um total de 33 homicídios – um a cada seis dias. Além disso, somam-se às ocorrências dos vizinhos, Capão Redondo e Jardim Ângela, o chamado “triângulo da morte” que concentra um em cada dez assassinatos que ocorrem na capital, esta é uma mostra da violência no território de M’Boi Mirim. Deve-se ressaltar que no território do Distrito São Luís existe apenas um Hospital, para uma população de quase 270 mil pessoas, ausência de vagas na educação infantil, as famílias chegam a aguardar três anos para inserir seus filhos nas creches públicas. Segundo a polícia, os dois distritos, reconhecidos nacional e internacionalmente pelos altos índices de violência, tem a sua violência atribuída na maioria dos casos ao comércio das drogas. Além disso, há rixas entre bandidos e cobranças de dívidas estão entre os principais motivos dos homicídios. Devo pontuar que no bairro Parque Santo Antonio, a situação era ainda pior em 2000, onde ocorreram 224 homicídios, uma média de um caso de assassinato a cada dois dias.

As visitas que eu realizo a pedido do Ministério Público e as que realizei como pesquisadora evidenciam que, de alguma forma, esta população envelhecida sofre violência, seja por meio de maus-tratos ou negligência ou em decorrência de sua condição de pobreza. Na sequência relatarei um dos casos colhidos durante a minha pesquisa de campo em que pude evidenciar a situação degradante de um idoso do território de M’Boi Mirim. Para preservar as famílias mencionadas na descrição abaixo, optei por tratá-los a partir de nomes fictícios.

Francisco e seus 79 anos de vulnerabilidade

Em 05/01/2011 realizamos visita domiciliar ao idoso “Francisco, de 79 anos”; o idoso habitava sozinho dois cômodos apertados e em precárias condições de higiene, acumulando muito entulho na residência. A UBS – Unidade Básica de Saúde de referência da família do idoso nos informou que o mesmo vivia em estado de “abandono”, era esquizofrênico sem controle da doença e sem uso de medicação necessária. Na ocasião da visita, fizemos contato com a filha de Francisco (37 anos), que disse que o pai conversava com máquinas e pessoas o tempo todo (referindo-se a esquizofrenia) e nunca teve boa relação com os filhos ou com a mulher, que era falecida há dois anos e separada de Francisco há 10 anos. Francisco teve nove filhos, registrou apenas cinco, sendo que ela nem tinha o sobrenome do pai, a filha de Francisco relatou abandono por parte do pai, durante toda a vida e não referiu vínculos familiares, desde a mediação do Serviço Social e da UBS, a filha de Francisco tentou auxiliar o pai a tomar banho, a comer e a cuidar de seus pertences, mas gostaria mesmo que ele fosse internado

em um Núcleo de Convivência para Idosos e por isso estava se esforçando para conseguir um benefício assistencial para ele. Francisco não tinha vínculo afetivo com nenhum dos filhos, ninguém na época queria dispor de seus cuidados. O idoso foi encontrado magro, contava com o auxílio de vizinhos para se alimentar, o que ocorria esporadicamente. Não tomava banho, unhas e cabelos crescidos, em completo estado de abandono. No momento da visita, em janeiro/2011, não possuía documentos ou recebia BPC-LOAS.

Depois da mediação de conflitos entre assistência social e saúde, a filha de Francisco mostrou-se mais compreensiva em relação à situação de vulnerabilidade do pai, ela o acolheu em casa pequena, juntamente com mais seis pessoas. Deste momento em diante, a UBS informou progressos no acompanhamento da família, o idoso passou a receber visita da equipe de saúde da família, bem como a visita bimestral de psiquiatra, que lhe prescrevia medicação para esquizofrenia.

Em dezembro de 2011 o idoso estava com anemia e com dificuldades para se deslocar, devido a uma queda accidental no ano de 2010 e outra em 2011 que resultou em fratura na perna e no braço, devido à recusa do tratamento, muito provavelmente por conta da esquizofrenia, sempre em crise, os médicos sugeriram sua recuperação natural, devido à idade.

A dificuldade de locomoção associada ao seu comportamento nem sempre sociável, segundo a filha, impedia-a de agendar perícias ou levá-lo em transporte coletivo a qualquer lugar, a família continuava vivendo sem recursos e trabalho, pois Josil engravidou novamente e os benefícios assegurados pela Política de Assistência Social nunca foram utilizados, uma vez que faltava, para família, o movimento de buscar a garantia dos direitos.

A família da filha de Francisco, composta por sete pessoas na época, possuía renda de R\$ 150,00, pensão recebida pelo ex companheiro da filha de Francisca, o que configura vulnerabilidade extrema.

Outros dois dos filhos de Francisco auxiliavam financeiramente a irmã cuidadora na alimentação do pai, porém nenhum deles quisera assumir os cuidados do idoso.

Em relação à renda familiar a família nunca conseguiu receber Bolsa Família, Renda Mínima ou qualquer outro benefício social. A filha de Francisco não se lembra se o pai trabalhou registrado alguma vez, sabe apenas que ele trabalhou como pintor, mas não se lembra do mesmo ter tido vínculo empregatício. Em relação ao benefício bolsa família, esta situação caracteriza um completo desconhecimento de direitos, ou seja, as pessoas que se encontram afastadas das regiões centrais do território e estão em situação extrema de pobreza, têm dificuldades de acessar os benefícios.

Considerando o caso relatado, lembramos que as políticas públicas de atenção ao idoso se relacionam ao desenvolvimento socioeconômico e cultural, bem como à ação reivindicatória dos movimentos sociais. Um marco importante dessa trajetória foi a Constituição Federal de 1988, que introduziu, em suas disposições, o conceito de seguridade social, fazendo com que a rede de proteção social passasse de um enfoque estritamente assistencialista, para uma visão ampla da cidadania.

É importante ressaltar que ao chegar à periferia da cidade de São Paulo fui surpreendida pela imagem de um amontoado de casas, muito próximas uma das

outras, sem limite de espaço entre uma casa e outra, sem privacidade para as diversas famílias do local, são residências com elevado número de pessoas por metro quadrado, pessoas de diversas faixas etárias que dormem próximas a outra e se dividem entre as atividades domésticas e um ou outro lazer nas ruas, entre a circulação de carros e a movimentação dos bairros.

Infelizmente a periferia é referida sempre de forma negativa, acentuando a pobreza e a exclusão, jamais nos referimos à periferia considerando a sua distância para os grandes centros urbanos. Existem diferenças entre o conceito e o senso comum, podemos entender periferia como ocupação de terrenos públicos e privados, a territorialização ilegal e a própria forma de vida das pessoas. O processo de periferização e segregação das camadas populares de São Paulo acabou por criar as segregações entre as diversas camadas da população. E nas periferias, a relação de poder que o Estado estabelece sobre a classe trabalhadora manifesta-se na forma de serviços ou de benefícios para o seu território (sistema viário, equipamentos sociais, serviços públicos, etc.). Quando o Estado não fornece esses serviços, “surge” outra face do poder (das relações), que pode ser o poder paralelo, quando não há interferência do Estado.

Essas questões são discutidas por ARENDT (2010), quando trata da violência com relação ao poder, destacando que sobre o território dominado isso pode acontecer com frequência, principalmente quando ele está sendo perdido por qualquer motivo. Quem comanda, na última instância, recorre à violência para tentar manter o controle sobre o território. “(...) Toda a diminuição de poder é um convite à violência – quando pouco porque aqueles que detêm o poder e o sentem escorregar por entre as mãos, sejam eles o governo ou os governados, encontraram sempre dificuldades em resistir à tentação de substituí-lo pela violência” (Arendt apud Castro, 2006, p. 78).

A violência constitui, assim, o grande meio para que um imponha sua vontade sobre o outro. Em situações cotidianas o domínio pela violência é habitual, praticado desde os períodos mais remotos da civilização até os dias de hoje. Na periferia de São Paulo, territórios dos mais distintos coexistem. Muitas favelas são controladas por traficantes, caracterizando os territórios ilegais, dominados por grupos diferentes. Existe aí uma divisão territorial na própria favela, porém não é esse o movimento mais característico, normalmente existe um

grupo dominante para cada território/favela dominado, que chega a exercer a influência sobre bairros próximos.

Cada bairro periférico, ou mesmo determinada área de um bairro, pode ser um território específico, podendo ser a manifestação de um agente de poder, seja ele legal ou ilegal. O papel que o Estado estabelece nos territórios pode direcionar a maior ou menor manifestação do poder por parte dos agentes ilegais (especialmente traficantes), no caso dos bairros periféricos de São Paulo.

A questão do poder do crime é analisada mais especificadamente a seguir, pois o crime tem atuação cada vez maior na sociedade atual, estabelecendo relações de poder com o Estado e também com os territórios. Um dos aspectos que pode ser considerado para o aumento da criminalidade na região metropolitana de São Paulo e em outras localidades do Brasil, mesmo que discutíveis, é a falta de trabalho. Levadas pela necessidade, pessoas desempregadas envolvem-se no mundo do crime para buscar algum ganho. O Poder Público poderia ser culpado por essa situação, porém, apesar da ineficiência deste em diversas situações, não se pode deixar de observar que a população também tem sua parcela de responsabilidade na manutenção do crime, já que pobres e ricos envolvem-se na criminalidade. Enquanto o pobre é mais vulnerável a essa condição, o rico é o que sustenta em especial o tráfico de drogas.

O pobre será estimulado a entrar no mundo da criminalidade por motivos variados, mas o principal deles, em se tratando do indivíduo adulto, é a falta de perspectiva na vida, a falta de trabalho, o desespero de não ter o que comer, bem como a ambição de conseguir melhorar a condição de vida rapidamente.

Há 20 anos, segundo relatos, a região onde se encontra o Jardim Ângela era predominantemente ocupada por trabalhadores, havia menos pessoas que viviam de assaltos e atividades ligadas a este tipo de crime, inclusive matadores. Nesse contexto, havia disputas por território e a busca pela organização de um espaço até então sem lei. Apesar da presença da polícia, que representava o Poder do Estado, essa também disputava com os bandidos o poder sobre o território.

As relações de poder que existem na região envolviam principalmente o mundo das drogas. Os outros tipos de crimes continuaram a ocorrer, mas, de fato, o que dá lucro ou, no que se investe de maneira agressiva, são as drogas. Nos últimos dez anos, no Jardim Ângela e adjacências, a rede criminal de drogas tem

determinado uma forma de dominação e organização, sua estratégia é evitar que eventos criminais chamem a atenção das autoridades policiais para as áreas em que atuam e, para tanto, estabelecem “uma paz” ordenada pelo seu poder de coerção e pelo uso das armas.

Não posso deixar de mencionar o poder da religião no território. O território passou por uma grande transformação nas últimas décadas e, entre vários setores que estiveram presentes na vida da população, o religioso é fortemente representativo. Culturalmente, a população mais pobre tenta se apoiar na fé para seguir sua vida ou tomar decisões importantes e, desta forma, quando os índices de violência alcançaram níveis incontroláveis no Jardim Ângela, ocorreu uma reação da população, orientada por líderes religiosos, alimentados pela Teologia da Libertação⁸. Com liberdade de ação por não haver, ainda, uma organização criminosa estruturada ou rede bem estabelecida, o padre Jaime, da Paróquia Santos Mártires, foi um dos principais responsáveis pela busca da organização territorial no bairro e também um símbolo da luta pela paz:

O Padre Jaime Crowe, irlandês da Sociedade São Patrício, que mantém um seminário no bairro de Santana, veio ao Brasil em novembro de 1969 e desde 1986 lidera movimentos sociais no Jardim Ângela, extremo sul da capital paulista, distrito da Subprefeitura de M'Boi Mirim, apontado no ano de 2000 pela Organização das Nações Unidas (ONU), como o lugar mais violento do mundo. O título resultava de uma taxa anual de 116,23 assassinatos para cada 100 mil habitantes, índice que subia para 200 quando calculado apenas sobre a população masculina entre 15 e 25 anos. São dados do Mapa de Exclusão Social, organizado por pesquisadores da PUC paulista e do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). A região também liderava os índices de mortalidade materna e infantil, sendo que esta apresentou aumento de 40% entre os anos de 1994 a 1999. (*Jornal da USP*, 2005)

2.3. A Política de Assistência Social

A Política de Proteção Social no Brasil se consubstancia no formato de Seguridade Social a partir da Constituição Federal de 1988, o qual parte da fixação de um conjunto de necessidades que são considerados como básicas em

⁸ A Teologia da Libertação é um movimento supradenominacional de teologia política, que engloba várias correntes de pensamento que interpretam os ensinamentos de Jesus Cristo em termos de uma libertação de injustas condições econômicas, políticas ou sociais. Ela foi descrita, pelos seus proponentes como reinterpretação antropológica da fé cristã, em vista dos problemas sociais, mas outros a descrevem como marxismo e materialismo cristianizado.

uma sociedade. A Seguridade Social Brasileira compreende um conjunto integrado de ações de iniciativa, destinadas a assegurar os direitos em relação à saúde, à previdência e à assistência social.

De acordo com a PNAS – Política Nacional da Assistência Social (2004), a assistência social é política pública não contributiva, dever do Estado e direito de todo cidadão que dela necessitar, garantindo meios de subsistência às pessoas que não tenham condições de suprir o próprio sustento, dando especial atenção às crianças, velhos e deficientes, independentemente de contribuição à seguridade social (previdência).

A Política Pública de Assistência Social tem como pilar a Constituição Federal de 1988 que dá as diretrizes para a gestão das políticas públicas e a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), de 1993, que estabelece os objetivos, princípios e diretrizes das ações para a pessoa idosa e com deficiência.

A LOAS determina que a assistência social seja organizada em um sistema descentralizado e participativo, composto pelo poder público e pela sociedade civil.. Cumprindo a deliberação da IV Conferência Nacional de Assistência Social, o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) implantou o SUAS – Sistema Único da Assistência Social que passou a articular meios, esforços e recursos para a execução dos programas, serviços e benefícios socioassistenciais.

Em São Paulo, a Secretaria Municipal responsável pela efetivação da política de assistência social chama-se SMADS – Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social. Esta Secretaria mantém uma rede de proteção e atendimento, organizada pelas CAS – Coordenação de Assistência Social nas cinco regiões do município, que coordena as atividades dos CRASs. Esta secretaria conta com os seguintes serviços e programas:

- CRAS – Centro de Referência de Assistência Social: Em SP há 31 unidades instaladas, estas oferecem orientação, encaminhamentos, provisão de benefícios e inserção na rede socioassistencial.
- NCI – Núcleos e Centros de Convivência: São 106 unidades que atendem cerca de 7.860 idosos em atividades pontuais ou no desenvolvimento de projetos e programas.

- CRECI – Centro de Referência da Cidadania do Idoso: Serviço de referência, proteção e defesa de direitos da pessoa idosa. Oferece atendimento de modo individual e coletivo e estimula a participação social. É espaço difusor de conhecimento e intercâmbio de experiências inovadoras, objetivando fortalecer as políticas públicas e disseminar práticas qualificadas para os demais parceiros da rede de proteção ao idoso. Além da atenção direta aos idosos; é referência para qualificação institucional e defesa dos direitos, mantendo estratégias de trabalho articulado com a rede de proteção social ao idoso.
- Centros de Convivência intergeracional: Espaços de convívio e desenvolvimento relacional e intergeracional, através de trabalho social e socioeducativo da população do distrito em que está instalado. São 15 centros de convivência intergeracional que juntos atendem cerca de 1.089 idosos.
- Apoio socioalimentar a idosos: Visitas domiciliares com a entrega de refeições prontas e aquecidas para idosos em situação de risco pessoal e social. A secretaria conta com este serviço na região da Sé e atende 180 pessoas.
- Centro de acolhida especial para idosos: São espaços de atendimento integral a idosos independentes que oferecem abrigo provisório, garantindo acolhimento digno e resgate da cidadania. A região da Sé e da Mooca contam com quatro abrigos que atendem 400 idosos.
- Centros de acolhida: A Secretaria conta com 54 centros de acolhida (albergues), sendo quatro específicos para idosos, que são espaços para abrigo provisório para idosos independentes, em situação de rua, com objetivo de acolher e preparar adultos para o alcance da autonomia pessoal e social.
- ILPIS – Instituições de Longa Permanência para Idosos independentes, são cinco unidades que atendem mais de 60 pessoas.

O mapeamento realizado pela pesquisa mostrou que na região de M'Boi Mirim, a Sociedade Santos Mártires é uma das organizações que mais se destaca no trabalho social com a população, é uma entidade sem fins lucrativos, vinculada

à Igreja Católica, certificada como utilidade pública municipal, Estadual e Federal, conveniada a Prefeitura de São Paulo localizada no Distrito do Jardim Ângela. Entre os serviços oferecidos destacamos: CEIs – Centros de Educação Infantil, CCA – Centro de Convivência para Crianças, CJ – Centros Juventude, SASF – Serviço Assistência Social a Família, Abrigos para mulher vítimas de violência, abrigos para crianças e núcleos de assessoria jurídica, estes serviços, de acordo com a Sociedade Santos Mártires, têm como principal objetivo a promoção da dignidade humana.

A Sociedade Santos Mártires atende a comunidade do Jardim Ângela e bairros vizinhos através de 29 serviços, realizando aproximadamente 10.000 atendimentos diretos e 30.000 atendimentos indiretos por mês. Além de participar ativamente junto com outras organizações de ações visando ao desenvolvimento sustentável da região. A organização participa ativamente dos fóruns, sendo: Fórum em defesa da vida, Fórum regional de assistência social de Mb/Cl, fórum da educação, Fórum da criança e do adolescente, Rede Nossas Crianças, Fórum da inclusão, Fórum de mulheres, Fórum do álcool e drogas, Movimentos de moradia, Fórum MOVA, Movimento Nossa São Paulo outra Cidade, São Paulo Sustentável e outros.

Mais de 75 serviços do território de M´Boi Mirim são conveniados com a Prefeitura de São Paulo, o convênio auxilia financeiramente estas organizações, e a equipe do CRAS realiza o monitoramento das atividades executadas, como podemos verificar no Quadro 003 – Número de Convênios, capacidade e repasse mensal por SAS e Proteção Social. Muitas organizações ainda caminham sozinhas, sem apoio financeiro da prefeitura e seus equipamentos, estão há décadas no território, desenvolvem trabalhos socioeducativas para a população mais carente de M´Boi, com um viés assistencialista, mas não menos importante.

Nº de convênios, capacidade e repasse mensal por SAS e Proteção Social

SAS	POR PROTEÇÃO						TOTAL CAS SUL		
	PSB			PSE					
	CONVENIOS	CAPACIDADE	REPASSE	CONVENIOS	CAPACIDADE	REPASSE	CONVENIOS	CAPACIDADE	REPASSE
MB	64	15.315	2.283.524,08	11	975	441.283,00	75	16.290	2.724.807,08
CL	49	10.960	1.935.905,23	12	1.160	567.845,12	61	12.120	2.503.750,35
CS	36	12.665	1.546.333,11	14	1.150	680.833,16	50	13.815	2.227.166,27
AD	31	8.220	1.211.414,95	10	640	514.697,82	41	8.860	1.726.112,77
PA	19	4.950	692.957,11	3	130	154.796,17	22	5.080	847.753,28
SA	14	1.360	359.050,02	12	1.025	573.366,17	26	2.385	932.416,19
CAS SUL	213	53.470	8.029.184,50	62	5.080	2.932.821,44	275	58.550	10.962.005,94

Fonte: SMADS; CGA – Novembro/2012

Elaboração: CAS SUL - Supervisão de Planejamento e Observatório de Políticas Sociais

Em relação aos equipamentos disponíveis na cidade de São Paulo, para ser ter uma noção da incompatibilidade entre demanda e oferta dos serviços públicos, Publicação da Prefeitura de São Paulo, Clipping – Indicadores SMADS, de 25 de maio de 2011, sobre a institucionalização do idoso, informou que:

Brasil tem um asilo para cada 5,6 mil idosos. Embora a expectativa de vida do brasileiro tenha aumentado nos últimos anos, alguns aspectos sociais insistem em não acompanhar este crescimento. Com uma população de mais de 20 milhões de idosos, de acordo com o Censo de 2010, o Brasil soma apenas 218 asilos públicos. O número faz parte de uma pesquisa divulgada ontem pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA).

Conforme estudos do IPEA, o país possui 3.548 asilos, entre públicos e privados, que atendem a 83.870 pessoas, ou seja, 0,5% da população idosa. São 109.447 leitos, 91% ocupados, a maioria por mulheres. A soma representa déficit na oferta do serviço. Como já foi mencionado nesta pesquisa, a institucionalização do idoso ocorre, ora por vínculo familiar rompido, ora por ausência de renda e condições do mesmo de prover seus próprios cuidados, o fato é que não se tem trabalhado o suficiente na chamada “proteção social básica” para se dividir com a família a responsabilidade de cuidar do idoso, construir uma rede de atendimento integral ou mesmo dar condições para que ele envelheça dignamente. Além disso, a pesquisa apresentada por SMADS aponta que a maioria das instituições brasileiras é filantrópica (65,2%), as particulares correspondem a 28,2% e as públicas são 6,6%, nesta condição, a Prefeitura de São Paulo atende somente 815 idosos na capital, número insuficiente para a demanda.

Conforme dados colhidos, idosos com 60 anos ou mais que necessitam de cuidados e não têm condições de permanecer com suas famílias, contam com cinco Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI), equipamento público, onde os usuários são acomodados em suítes adaptadas e acessíveis para atender até quatro pessoas da terceira idade de uma só vez. Nesses espaços há acompanhamento médico e social, bem como a oferta de atividades ocupacionais, mas, como observei, são espaços insuficientes para a demanda da população idosa que possui vínculo rompido com sua família e não tem quem os acolha.

Com base nos dados do Observatório de Políticas Públicas – Sul, no mês de julho 2012, constatou-se que no território de M´Boi Mirim existem 12 serviços

conveniados direcionados ao atendimento de idosos, com uma capacidade de 870 vagas e em média 1.160 idosos atendidos mês, mas é importante reforçar que esses serviços socioeducativos ainda são pouco estruturados, por isso atendem abaixo de sua capacidade e oferecem atividades pontuais.

Cabe lembrar que, na maioria das vezes, os idosos que participam desses Centros de Convivência para Idosos são encaminhados pelo CRAS ou buscam de forma espontânea essas instituições, mas, não há busca ativa ou divulgação desses espaços nos lugares mais afastados “do distrito”, a maior parte desses idosos desconhecem esse tipo de serviço e sua condição, em especial a econômica e a cultural o impossibilita de pensar em formas de convivência social, como poderemos ver no Capítulo 3, quando tratarei das formas de violência sofridas pelos idosos do território. A população idosa da região tem à disposição imediata, duas importantes instituições:

- **O CRAS** – os Centros de Referência da Assistência Social que tem por objetivo a prevenção de situações de risco por meio do desenvolvimento de potencialidades e de aquisições e do fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, destina-se à população que vive em situação de fragilidade decorrente da pobreza, ausência de renda, acesso precário ou nulo aos serviços públicos, bem como fragilização de vínculos afetivos (discriminações etárias, étnicas, de gênero ou por deficiências, dentre outras).
- **Ministério Público** – instituição pública autônoma, a quem a Constituição Federal atribuiu a incumbência de defender a ordem jurídica, o regime democrático e os interesses sociais e individuais indisponíveis, sua atuação é de grande valia na defesa dos direitos dos idosos, uma vez que faltam órgãos para acompanhamento efetivo e específico para o segmento etário. O Ministério Público é utilizado para denúncia de casos de violação de direitos. No CRAS M’Boi Mirim ele é o elo entre os idosos que sofrem maus-tratos e a assistência social que deve acompanhar as famílias vulnerabilizadas do território.

O Ministério Público atua também na proteção dos direitos do idoso, reforçando os direitos adquiridos na Constituição da República Federativa do

Brasil de 1988, na Política Nacional do Idoso de 1994, e no Estatuto do Idoso, além das atribuições previstas ao órgão através da Constituição da República Federativa do Brasil, Lei Orgânica Nacional do Ministério Público e Estatuto.

Entre os instrumentos utilizados pelo Ministério Público na proteção dos direitos do idoso, destacam-se: a medida de proteção, que poderá ser determinada pelo Promotor de Justiça ao verificar ameaças ou violações ao direito do idoso; a ação civil pública, que será ajuizada quando o assunto versar sobre interesses difusos ou coletivos dos idosos; e, a transação de alimentos, que será celebrada pelo promotor de justiça, o qual referendará, na ocasião, um termo de compromisso que será assinado por ele e pelas partes, possuindo este termo efeito de título executivo extrajudicial e ainda a fiscalização das entidades governamentais e não-governamentais que abrigam idosos em caráter asilar.

No exame detalhado da legislação, identifiquei que os principais direitos do idoso encontram-se no artigo 3º do Estatuto do Idoso, o qual preceitua que “ é obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária”. Saliento ainda que, entre os principais documentos utilizados na defesa e garantia dos direitos dos idosos, podemos destacar:

- .1. **A Política Nacional do Idoso**, instituída pela Lei n.º 8842/94 e regulamentada pelo Decreto n.º 1948/96, tem como objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade, nos termos de seu artigo 1º.
- .2. **Constituição da República** Federativa do Brasil de 1988 (CRFB/88), em seu artigo 230, dispõe sobre a proteção da pessoa idosa, impondo a família, a sociedade e ao Estado o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito a vida.

É fulcral ressaltar a distância entre a obrigação de amparo ao idoso e as condições efetivas para que o idoso receba esse cuidado, condição que muitas das vezes perpassa recursos financeiros, como poderemos visualizar nas histórias de

vida que serão apresentadas ao longo do Capítulo 3, situações que evidenciam casos de violência em decorrência da pobreza.

Nesse contexto, o Ministério Público prepara-se na medida do possível para atender às demandas emergentes, se outrora o alvo era a defesa o meio ambiente, do consumidor, da pessoa portadora de deficiência, da criança e do adolescente, com o crescimento acentuado da população idosa o Ministério Público atualmente vem dedicando atenção à tutela jurídica das pessoas idosas, inclusive na mediação de conflitos com familiares.

A seguir apresento o relato do caso da família de Sr.^a Maria (72 anos), residente no território e em acompanhamento pelo CRAS M'Boi Mirim:

A doença de Dona Maria

A usuária é originária de São Paulo, reside em casa simples e confortável de três cômodos há mais de 30 anos, herdou o terreno de seu pai e divide o mesmo com a irmã Severina e outra família. A idosa mora em companhia do filho Márcio (42 anos). Márcio é curador de Maria desde 2007, trabalha como técnico de enfermagem no SAMU – Serviço Atendimento Médico Urgência e no Hospital do Servidor Público Municipal de São Paulo, das 07 às 19h, com renda de cerca de R\$ 2.500,00. Já foi casado, tem uma filha de 16 anos, a quem fornece pensão, hoje mora somente em companhia da mãe.

Questionamos sobre a saúde de Sra. Maria, Márcio informa que a mesma tem esquizofrenia e epilepsia diagnosticadas em 2002, ambas estáveis. Em relação aos cuidados médicos e o acompanhamento da UBS – Unidade Básica de Saúde, Márcio informou que suspendeu algumas medicações prescritas, pois as mesmas faziam a mãe dormir o dia inteiro e não tem conseguido agendar algumas especialidades pelo SUS – Sistema Único de Saúde.

Márcio demonstrou dificuldades em aderir a tratamentos médicos para a mãe, diz que a mãe tem alzheimer, que sua doença é degenerativa, mas nunca realizou tomografias que comprovem ou se consultou com um neurologista. Em relação à rotina da Sra. Maria, Márcio disse que acorda às 04h30 da manhã, dá banho na mesma, a alimenta com mingau, em seguida prepara seu almoço, dieta processada no liquidificador, com ingredientes que ele considera relevante a sua saúde. A dieta fica na geladeira, e ele não tem certeza se a tia administra via oral por meio de seringa, informa que em alguns dias o alimento estraga na geladeira ou a mãe fica sem comer e é isto que pode fazer pela mãe, que fica fechada o dia inteiro, sem nenhuma companhia.

Ao questionarmos a prescrição da dieta, Márcio informou que até o presente momento não recebeu o encaminhamento de consulta com nutricionista pela UBS – Unidade Básica de Saúde. Disse ainda que a mãe não conseguia mastigar e é por isso que administra sua alimentação pela boca através de uma seringa. Sra. Maria encontra-se magra, apesar da avaliação clínica informar que ela está nutrida e corada.

Em relação à família extensa (tia de Márcio, que mora no mesmo quintal e poderia prestar ajuda a Sra. Maria) acrescenta que sua relação com a mesma é “difícil” e que não se comunicam, mesmo morando no mesmo quintal. Em relação ao irmão Tobias, Márcio disse que não quer contato, não tem seus telefones, pois eles não se falam há muito tempo, as brigas se acentuaram desde que ele “vendeu, para uma família de estranhos, uma casa no mesmo terreno” onde habita.

Quando questionamos o fato de Sra. Maria ficar sozinha o dia inteiro, ele disse que é o máximo que pode fazer, pois tinha assumido todas as responsabilidades sozinho e nunca pedia ajuda ao seu irmão Tobias. Márcio acrescentou que sempre responde às cobranças do Ministério Público e disse que sente falta de apoio para cuidar da mãe, inclusive da irmã da mãe, a Senhora Conceição.

Durante a visita domiciliar percebeu-se que Sra. Maria estava atenta a nossa conversa, mas tinha dificuldades para se comunicar. Segundo Márcio, a Sra. Maria expressava eventualmente uma ou outra palavra confusa, lembrando a infância dos filhos e o apelido que dava a eles “iogurte,” por exemplo, ela depende totalmente de uma pessoa que lhe forneça cuidados para comer, vestir e mudar de decúbito. Quanto a uma pessoa disponível para os cuidados da mãe, Márcio informou que já contratou uma cuidadora no passado, mas não deu muito certo e, no presente, não está disposto a pagar sozinho uma cuidadora, já que o irmão Tobias não assumiu nenhuma responsabilidade com a mãe.

A Sra. Maria não possui benefício BPC/LOAS, apesar da idade e da deficiência, sua família não se enquadra nos critérios de renda, que prevê que a renda mensal familiar per capita seja inferior a $\frac{1}{4}$ do salário mínimo vigente, no entanto esse auxílio contribuiria na contratação de um cuidador.

Márcio disse que, de forma geral, a Sra. Maria não apresenta delírios ou agitação psicomotora, não se movimenta, fica sentada durante todo o dia e deitada. Quando chega em casa à noite, ele retira as fraldas geriátricas na UBS e frequentemente leva a mãe às consultas agendadas com o psiquiatra, que prescreve as medicações para esquizofrenia e epilepsia, ele informou que apenas administra esses medicamentos, se concordar.

A UBS – Unidade Básica de Saúde nos informou que Márcio aderiu pouco ao tratamento médico e a equipe do PSF – Programa Saúde da Família – e tinha dificuldades para acessar a residência de Sra. Maria.

Acompanhamento Social realizado pela Técnica Vanessa Lopes de Almeida, no CRAS M’Boi Mirim em 2012.

Este caso demonstra a importância no Ministério Público na mediação de conflitos familiares, Márcio já esteve por três vezes diante de um promotor, cometeu inúmeras violências com a mãe, mas reclama de não ter amparo do Estado. Diz não sentir medo das penalidades, define, enquanto responsável, a maneira de cuidar da mãe, fala com autoridade de quem trabalha na saúde e os conflitos com o irmão o impede de avançar nos cuidados com a mãe. Márcio é um

cuidador que não recebe cuidados, se não trabalhar, não tem como sustentar a si próprio e a mãe, se trabalhar, a mãe fica abandonada durante todo o dia, já que não tem autonomia ou condições de se cuidar.

Em contato com os idosos que foram sujeitos desta pesquisa, foi possível verificar que parte deles não possui autonomia suficiente para compreender seus direitos, reivindicando-os por meio de órgãos, como o Ministério Público, que ainda é uma alternativa viável quando não há o que se fazer pelo idoso dentro da Política de Assistência Social e quando essas políticas não minimizam o impacto violento da pobreza, trata-se de políticas que deveriam garantir a dignidade humana proporcionando condições mínimas de sobrevivência.

Atualmente, não há uma política clara de atendimento aos idosos, o atendimento a esse segmento ainda é tímido, salvo no caso de violência, em que temos as chamadas “delegacia dos idosos”. De um modo geral, os idosos da cidade de São Paulo são atendidos pelos CRAS ou recebem auxílio do Ministério Público, promotoria específica para atendimento ao idoso, que reencaminha, na maioria das vezes, os casos para acompanhamento nos Centros de Referência da Assistência Social, o qual será apresentado no item posterior – O CRAS M’Boi Mirim.

2.4. O CRAS M’Boi Mirim

Como foi abordado no subitem anterior, o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) é uma unidade pública estatal descentralizada da Política Nacional de Assistência Social (PNAS). Atua como a principal porta de entrada do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), distribuída nos territórios, sendo responsável pela organização e oferta de serviços da Proteção Social Básica nas áreas de vulnerabilidade e risco social. Além de ofertar serviços e ações de proteção básica, o CRAS possui a função de gestão territorial da rede de assistência social básica, promovendo a organização e a articulação das unidades a ele referenciadas e o gerenciamento dos processos nele envolvidos.

O principal serviço ofertado pelo CRAS é o Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF), cuja execução é obrigatória e exclusiva. Esse consiste em um trabalho de caráter continuado que visa fortalecer a função

de proteger as famílias, prevenindo a ruptura de vínculos, promovendo o acesso e usufruto de direitos e contribuindo para a melhoria da qualidade de vida. Entre os usuários do serviço encontram-se indivíduos e famílias em situação de vulnerabilidade e risco pessoal, que habitam o território de abrangência do CRAS. Por conseguinte, os Centros de Referência da Assistência Social tem como objetivo geral prevenir a ocorrência de situações de vulnerabilidade e risco social nos territórios, por meio do desenvolvimento de potencialidades e de aquisições, do fortalecimento de vínculos familiares e comunitários e da ampliação do acesso aos direitos de cidadania.

O Censo IBGE (2010) constatou aumento considerável da população de M'Boi Mirim nos últimos anos, em 1990 a população era de 382.657 mil, saltando para 563.305 mil habitantes nos distritos de Jardim Ângela e Jardim São Luís, distritos que compõem o território de M'Boi Mirim. Esses distritos, além de apresentarem alto índice de vulnerabilidade social, estão entre os bairros mais violentos de São Paulo, esta população carece de emprego, escolaridade, convive com o tráfico de drogas, bem como com a ausência da oferta de serviços de saúde, socioassistenciais e, especialmente, de educação infantil (creche).

O levantamento de dados para a caracterização da região demonstra que o CRAS M'Boi Mirim se localiza Rua Manuel Vieira Sarmiento, 26, no bairro "Chácara Santana", suas instalações atuais foram inauguradas em junho de 2012, sua estrutura física está de acordo com as normativas estabelecidas pelo MDS, no que tange ao número de salas, banheiros e outros.

Em setembro de 2012 o equipamento possuía 14 mil pessoas referenciadas, atendendo em média 1.900 pessoas mês. A PNAS – Política Nacional da Assistência Social (2004) institui um CRAS para cada 5.000 famílias referenciadas. As famílias são referenciadas, quando há questões que dizem respeito à Política de Assistência Social e demanda de acompanhamento familiar para superar ou minimizar o impacto da pobreza sobre suas famílias. Em 2010 havia projetos para três CRAS no território, hoje, existe um CRAS em funcionamento e previsão de instalação de mais um no Jardim Ângela. De acordo com o levantamento realizado pelo Observatório de Políticas Públicas da Coordenadoria da Assistência Social – Sul, da qual M'Boi Mirim faz parte, atualmente 35.591 mil domicílios se encontram em situação de vulnerabilidade no

território de M'Boi Mirim, domicílios com renda per capita de ½ salário mínimo, população que deveria ser trabalhada pelos profissionais do Centro de Referência de Assistência Social.

O CRAS deve oferecer serviços, projetos, programas e benefícios da proteção básica da assistência social, realizando a vigilância socioassistencial em seu território. Acompanha, orienta e apoia os indivíduos e famílias em situação de vulnerabilidade, ofertando serviços, programas, projetos e benefícios, tais como:

- Recepção escuta, orientação e encaminhamentos aos cidadãos que buscam espontaneamente o serviço;
- Serviço de Proteção e Atendimento Integral às Famílias do PAIF;
- Concessão de Benefícios Eventuais.

No ano de 2010 eram disponibilizados R\$ 60.000,00 de verba para atendimento à população, hoje é disponibilizado pela Prefeitura R\$ 6.000,00. Verba utilizada para compra de bilhetes únicos para operacionalizar a busca do emprego ou atualização para o mercado de trabalho; instrumental de trabalho – material fornecido a pessoas que fazem curso de manicure, cabeleireiro ou artesanatos, por exemplo; pequenas reformas – nas residências que não caracterize mudanças na estrutura da casa. O benefício eventual “passagem terrestre”, solicitado por famílias que desejam voltar para sua terra de origem e as “cestas básicas” não saem do recurso recebido pelo CRAS.

Quanto às cestas básicas necessárias para suprir a carência alimentar emergente das famílias do território, M'Boi Mirim pouco concede este benefício, pois entende que reduziu sua qualidade de 2011 para 2012, pois não é comprada no território de localização do CRAS e é fornecida mediante licitação pública, sua composição não dá conta da necessidade alimentar da família no mês. A divulgação da verba disponível para o trabalho no CRAS tem a intenção de chamar a atenção para a falta de investimento em política pública de assistência. Lembro que M'Boi tem uma população de quase 600 mil habitantes, 14 mil referenciados no CRAS e 35 mil em situação de pobreza, no entanto a verba disponível para atendimento desta população diminui a cada ano.

Cabe ao CRAS a responsabilidade de:

- a) fornecer orientação e encaminhamento para inserção de pessoas com deficiência e idosos no Benefício de Prestação Continuada. Lembramos que esta ação é somente de orientação, que disponibiliza o BPC-LOAS – Benefício de Prestação Continuada, um salário mínimo para idosos com mais de 60 anos ou deficientes que tem renda familiar inferior a $\frac{1}{4}$ é a Previdência Social;
- b) conceder Carteira do Idoso para o transporte interestadual. Ao que tange esta demanda do idoso, a burocracia ainda é um entrave para este atendimento, há mais de três anos não se concede carteira do idoso para viagem intermunicipal, devido à falta de recursos humanos e materiais para a elaboração das mesmas. No entanto, o idoso tem como opção para a garantia do direito gratuito de viagem intermunicipal buscar declaração no INSS que comprove que o mesmo não tem rendimentos e no CRAS solicitar outra declaração as assistentes sociais, para conseguir sua passagem intermunicipal. Idosos que já são aposentados não precisam de carteira do idoso, nem outro procedimento, a passagem é concedida na Rodoviária Tietê mediante apresentação de documento de identidade e comprovante de aposentadoria (recibo bancário que comprove o recebimento do benefício);
- c) inclusão e acompanhamento das famílias em Programas de Transferência de Renda e
- d) inclusão das famílias em rede socioassistencial conveniada. O território é ainda deficiente na oferta de serviços, hoje 75 serviços são oferecidos no território, com repasse de R\$ 2.724.807,08 pela Prefeitura, reforçamos que estes serviços são ainda insuficientes para a demanda do território.

A Norma Operacional Básica de Recursos Humanos do Sistema Único de Assistência Social (NOB-HR/SUAS), que trata da equipe de referência do CRAS, responsável pela gestão territorial da proteção básica, organização dos serviços ofertados no CRAS e pela oferta do PAIF – Programa de Atenção Integral às Família prevê no quadro de recursos humanos: 01 Coordenador – Nível Superior, 02 Assistentes Sociais, 01 Psicólogo, 01 profissional que compõe o SUAS e 04 Técnicos Administrativos – Nível Médio, – Estagiários de Serviço Social ou Psicologia, – Instrutores de Atividade. No CRAS M´Boi Mirim, o foco de exame na presente dissertação esta equipe é constituída por:

Quadro 004: Recursos Humanos do CRAS M'Boi Mirim

<i>Qtd.</i>	<i>Profissional</i>
<i>1</i>	<i>Coordenador</i>
<i>9</i>	<i>Assistente Social</i>
<i>0</i>	<i>Psicólogo</i>
<i>2</i>	<i>Técnico administrativo</i>
<i>6</i>	<i>Estagiários de Serviço Social ou Psicologia</i>
<i>0</i>	<i>Instrutores de atividades</i>
<i>3</i>	<i>Motoristas</i>
<i>0</i>	<i>Recepcionistas</i>

Fonte: CRAS M'Boi Mirim, 2013.

No quadro apresentado, é relevante ressaltar que a equipe atual de M'Boi Mirim será dividida para a instalação do CRAS Ângela, estando defasada de acordo com a Norma Operacional Básica de Recursos Humanos do Sistema Único de Assistência Social (NOB-RH/SUAS). Quando os técnicos foram lotados na região de M'Boi Mirim no último concurso para Assistentes Sociais (2010) tinha-se a intenção de lotar técnicos para três CRAS, três anos se passaram e ainda temos a instalação para um CRAS, 30% dos estatutários admitidos neste concurso solicitaram exoneração do cargo público ou foram transferidos para outras secretarias, a defasagem justifica em partes, a dificuldade de acompanhamento das famílias, em especial os idosos.

De acordo com o último Censo IBGE (2010), estima-se que no município de São Paulo a população de idosos chegue a 12%, o equivalente a 1.335.000 habitantes distribuídos nas cinco regiões do Brasil. No CRAS M'Boi Mirim, as técnicas (assistentes sociais) se dividem entre visitas domiciliares solicitadas pelo Poder Judiciário, de forma geral, relatórios e acompanhamento para o Conselho Tutelar, Ministério Público, Vara da Infância e da Juventude, todos os procedimentos referentes aos PTRs e o atendimento direto ao município que procura o CRAS para atendimento, via de regra, por busca espontânea, desejo de apresentar alguma demanda da questão social.

Seria ainda de responsabilidade do CRAS promover a articulação com as demais políticas públicas e acompanhar a população por meio de grupos socioeducativos, especialmente acompanhamento das famílias em descumprimento das condicionalidades do Benefício Bolsa Família. No entanto, até dezembro/2012 somente um grupo socioeducativo foi realizado, este grupo acompanhava famílias que possui entre seus membros pessoas com deficiência. As famílias acompanhadas pelo grupo socioeducativo do CRAS evadiram-se dia a dia devido à falta de perspectivas e parcerias para as pessoas com deficiência, que também carecem de políticas públicas de acesso, como a população idosa.

A pesquisa mostrou que os idosos de diferentes raças/etnias, graus de escolaridade, estratos sociais e condições de saúde, que deveriam ter à disposição atendimento de qualidade para efetivação da política pública, devido à imensa carga de trabalho administrativo e burocrático nos CRAS não são acompanhados pela Política de Assistência. Os dados coletados evidenciam que os usuários de forma geral e especialmente os idosos de São Paulo recebem uma acolhida breve, pouco efetiva, no que tange à garantia de seus direitos sociais, não elevando esta população na superação da pobreza e da violência social, proveniente da falta de recursos, como constataremos no Capítulo 3.

Quanto ao fluxo de atendimento a esse idoso, na teoria, o assistente social de plantão deve acolher este usuário, elaborar um estudo social e respectivo plano de ação, conceder benefício eventual (no caso de fragilidade social em decorrência de ausência de renda), se necessário o técnico deve realizar visita familiar, promover a articulação com outras secretarias (saúde, previdência, por exemplo) e encaminhar se necessário a outras instâncias de poder, especialmente Ministério Público, quando comprovada a violação do direito do idoso. Durante todo o processo e coleta de dados em M'Boi Mirim, observei que o atendimento basicamente se limita em agendar uma data para o cadastro/recadastramento do benefício (que ocorre em média, seis meses depois do primeiro contato do usuário com o técnico).

Em outros CRAS do município de São Paulo, a atividade de agendar cadastro é administrativa, não é realizada por técnicos (assistentes sociais, psicólogos ou pedagogos). O CRAS M'Boi Mirim não possui funcionários administrativos para a execução desta tarefa, em média cada técnico atende 80

pessoas, em um plantão de quatro horas. Durante o tempo de observação no atendimento dos usuários, identifiquei que há usuários que aguardam duas horas para ser atendido pelas assistentes sociais e às vezes estão em local errado ou buscam por uma informação, por que o CRAS M'Boi Mirim não conta com uma recepção sequer, o número de pessoas que solicitam atendimento, impedem uma escuta qualificada, que merece tempo e atenção.

O excesso de trabalho administrativo dos técnicos inviabiliza o trabalho técnico dos assistentes sociais no acompanhamento das famílias, seja por meio de visitas domiciliares, articulações no território, interface com as demais secretarias municipais, ou mesmo trabalhos socioeducativos com grupos, desqualificando as pretensões da Política de Assistência Social no que tange à garantia dos direitos e o enfrentamento das inúmeras manifestações das questões sociais apresentadas.

Para as famílias que são encaminhadas pelo Poder Judiciário (Ministério Público, Vara da Infância, Defensoria Pública ou outros), o acompanhamento é realizado de forma pontual, garantindo ao menos, a realização de uma visita domiciliar e interface com outras políticas públicas (basicamente a saúde, se necessário). Os técnicos realizam no máximo cinco visitas domiciliares no mês, sua demanda média é de quinze visitas mensais. A principal dificuldade em acompanhar as famílias no PAIF⁹ – Programa Atenção Integral à Família é o número limitado de técnicos para atendimento nos plantões sociais, monitoramento dos 75 serviços da rede socioassistencial de M'Boi Mirim. Parte do tempo dos técnicos é destinado ao agendamento/consulta de PTR, se houvesse funcionários administrativos, haveria tempo para se pensar em grupos e acompanhamentos efetivos, faltam profissionais capacitados para o trabalho com família e a presença de psicólogos e pedagogos na equipe.

9 PAIF – Programa de Atenção Integral à Família é um trabalho de caráter continuado que visa a fortalecer a função de proteção das famílias, prevenindo a ruptura de laços, promovendo o acesso e usufruto de direitos e contribuindo para a melhoria da qualidade de vida. Dentre os objetivos do PAIF, destacam-se o fortalecimento da função protetiva da família; a prevenção da ruptura dos vínculos familiares e comunitários; a promoção de ganhos sociais e materiais às famílias; a promoção do acesso a benefícios, programas de transferência de renda e serviços socioassistenciais; e o apoio a famílias que possuem, dentre seus membros, indivíduos que necessitam de cuidados, por meio da promoção de espaços coletivos de escuta e troca de vivências familiares.

<http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/protecaobasica/servicos/protecaoe-atendimento-integral-a-familia-paif/servico-de-protecaoe-atendimento-integral-a-familia-paif>, Disponível em 27/11/2012.

Respondendo à dificuldade em acompanhar as famílias no território, criou-se SASFs – Serviço Assistência Social a Família, em M’Boi Mirim existem cinco SASFs monitorado pela Equipe de CRAS M’Boi, estes SASFs desenvolvem um trabalho que deveria ser realizado pelo CRAS e este não dá conta, devido à falta de recursos já mencionados. Nos SASFs existe uma equipe técnica completa (que inclui pedagogo/psicólogo), as famílias são mapeadas e referenciadas por técnicos sociais (profissionais de nível médio), que remetem os casos sociais a uma equipe técnica, em nosso ponto de vista, o trabalho é ainda tímido e não está articulado com a rede, além da população não ter legitimado o serviço como um serviço de assistência social.

Nas análises do Diagnóstico de M’Boi Mirim, elaborado pela Prefeitura Municipal de São Paulo em 2008, houve avanços na região, no que se refere a ações e organizações da Sociedade Civil. No entanto, o relatório reconhece que os índices socioeconômicos, culturais, educacionais, de Saúde e Lazer estão ainda bem distantes da média da cidade, igualmente reconhece que M’Boi Mirim não é uma região homogênea e em 2005 a Subprefeitura M’Boi Mirim identificou, com base no mapa de vulnerabilidade social da cidade, no mapeamento realizado pelas UBS’s e nos dados socioeconômicos existentes, as dez áreas de maior risco e vulnerabilidade social da região, conforme segue as quatro campeãs da vulnerabilidade coletado do São Paulo. DIAGNÓSTICO (2008):

- a) CIDADE IPAIVA – ARACATI: segunda maior porcentagem de população na faixa etária de 7 a 19 anos; baixo número de vagas conveniadas em SMADS (150); existência de uma favela, denominada Muriçoca; importante concentração de crianças em trabalho infantil;
- b) JARDIM IBIRAPUERA: segunda maior concentração de favelas de M’Boi Mirim; maior população na faixa etária de 7 a 19 anos da região, problemas sanitários;
- c) PARQUE SANTO ANTONIO: a maior concentração de favelas de M’Boi Mirim, com renda média familiar de R\$ 452,00 mensais (SEHAB 2008 apud SÃO PAULO, DIAGNÓSTICO, 2008); maior número de homicídios da região em

2007, problemas relativos à infância e juventude, no que se refere a vagas na educação e

d) JARDIM LETÍCIA: há 2.130 domicílios em área de favela (terceira colocação de M'Boi Mirim), renda mensal familiar média de R\$ 228,00 na área das UBS's Chácara Santana e Zumbi dos Palmares e de R\$ 424,00 no Parque Figueira Grande; não há nenhuma vaga de serviço conveniado para a faixa etária de 7 a 19 anos e nem para idosos nas regiões das UBS's Chácara Santana e P. Figueira Grande UBS Zumbi dos Palmares

O Mapa da Vulnerabilidade e da violência nos bairros de M'Boi Mirim demonstram a necessidade urgente de se empreender na região ações contínuas de políticas públicas, especialmente na área da Assistência Social, justificando a instalação de mais serviços socioassistenciais. Nos dados colhidos entre setembro de 2011 a setembro de 2012, constatou-se que 120 idosos aproximadamente procuraram o CRAS M'Boi Mirim para atendimento, esses idosos trouxeram inúmeras demandas, mas em especial, garantia de mínimos sociais como alimentação e saúde, alguns referem “abusos” por parte dos filhos, que contraem empréstimos em seus nomes ou que não quer contribuir com o orçamento doméstico, outros ainda, referem violência física ou psicológica.

No Brasil, o Estatuto do Idoso, Lei nº 3.561 de 1997, de autoria do deputado federal Paulo Paim, define direitos e estipula deveres para melhoria da qualidade de vida dos brasileiros com mais de 60 anos. Se por um lado, o estatuto é um marco legal na conquista dos direitos, por outro, reforça a necessidade de diminuir os casos de negligência em relação aos idosos, tanto no campo familiar como no institucional é eminente, conforme constataremos no Capítulo 3, com a análise das histórias de vida. O Estatuto assegura o direito à liberdade, à dignidade, à integridade, à educação, à saúde, a um meio ambiente de qualidade, entre outros direitos fundamentais. Como o Estatuto da Criança e do Adolescente é um instrumento de realização da cidadania, responsabilizando o Estado, à Sociedade e à Família a responsabilidade pela proteção e garantia desses direitos a pessoa idosa.

Notei que entre setembro de 2010 a setembro de 2012 mais de 20 expedientes (processos) foram encaminhados pelo Ministério Público ao CRAS

M'Boi Mirim, a fim de que o técnico realize visita domiciliar e realize o acompanhamento destes usuários (idosos), se por um lado existe uma legislação no país que assegura o direito da pessoa idosa, por outro, as políticas de assistência ainda não têm foco nesse segmento etário. O principal foco de atuação do CRAS é otimizar os programas de transferência de renda (especialmente o Bolsa Família), que tem, segundo SILVA (2011) por objetivo:

Combater a fome, a pobreza, a desigualdades por meio de transferência de um benefício financeiro associado à garantia do acesso aos direitos sociais básicos saúde, educação, assistência social e segurança alimentar; promover a inclusão social, contribuindo para a emancipação das famílias beneficiárias, construindo meios e condições para que elas possam sair da situação de vulnerabilidade que se encontram

De acordo com o autor, o Programa Bolsa Família (PBF) transfere diretamente renda às famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o País. O Bolsa Família integra o Plano Brasil Sem Miséria (BSM), que tem como foco de atuação os 16 milhões de brasileiros com renda familiar per capita inferior a R\$ 70 mensais, e está baseado na garantia de renda, inclusão produtiva e no acesso aos serviços públicos. Os CRASs nesta estratégia do Ministério teria papel fundamental na elaboração dos grupos socioeducativos, momentos que os usuários seriam acompanhados pela Política de Assistência Social, com vistas a superação de sua condição de pobreza, mas fato é que nesta premissa tem se tornado utopia, como poderemos ver no desenvolvimento deste capítulo.

Lembro que o benefício Bolsa Família, como explicita a Lei nº. 10.836 de 2004 em seu artigo 6 parágrafo único, o Benefício Bolsa Família, apesar de ser considerado um instrumento de combate à pobreza extrema no país, não pode ser considerado como direito, pois não é política pública como a assistência social, é um programa de governo e está condicionado às disponibilidades orçamentárias e financeiras. O Poder Executivo, por sua vez, deverá compatibilizar a quantidade de beneficiários com a disponibilidade de orçamento, portanto nem todas as famílias elegíveis para o Programa serão contempladas com o Benefício. O decreto nº. 5.209 de 2004 que regulamenta o benefício confirma esta ideia no artigo 21: “a concessão do benefício do Programa Bolsa Família tem caráter temporário e não gera direito adquirido”, apesar de muitos dos beneficiários receberem a transferência de renda há mais de 10 anos.

No município de São Paulo hoje, o técnico do CRAS realiza um primeiro atendimento ao usuário, para verificar se o mesmo é elegível pelo Programa, em seguida agenda um dia para cadastro no CADUNICO¹⁰, quanto aos prazos, o usuário a partir de sua primeira ida ao CRAS tem seu agendamento marcado entre três a seis meses. Depois que realiza o cadastro, este demora em torno de três meses para ser inserido no sistema e, após a inclusão no sistema CADUNICO, há a contemplação entre três a seis vezes, conforme dizemos se houver disponibilidade orçamentária. Os CRAS, além de atendimento para inclusão do benefício no Cadastro Único, é responsável pelo atendimento dos usuários no que tange à verificação de bloqueios, orientações ou justificativa de descumprimento de condicionalidades, quanto o benefício é bloqueado, esta demanda corresponde a 99% da atuação do assistente social no CRAS, trabalho este que poderia ser feito por profissionais de ensino médio/administrativos, a fim de que os assistentes sociais tivessem tempo para acompanhar as famílias efetivas, criando parcerias com as demais políticas públicas e trabalhando nas expressões da questão social do território.

Se atentarmos para as condições de vida de muitos dos brasileiros com sessenta anos ou mais de idade, observamos, infelizmente quase sem surpresa, o grande hiato que separa a realidade de tudo o que é desejável e esperado, um hiato que há muito tempo já foi instaurado. Os dados coletados durante a presente investigação demonstram a precária situação dos idosos acompanhados por mim. Todos os entrevistados apresentavam situação de alta vulnerabilidade social, recebem menos que dois salários mínimos, residem em ambiente pequeno, com muitas pessoas e todas as famílias contam com a renda do idoso para subsistência. Nas palavras de ALMEIDA (2004), tais problemas são fomentados pelo crescimento acelerado da população idosa que traz novos desafios para a sociedade, especialmente o desafio de construir políticas públicas de acesso e de inclusão. De acordo com o Censo (2010), somos 18 milhões de brasileiros acima dos 60 anos de idade, o que já representa 12% da população brasileira, que necessita de forma urgente, de políticas públicas e acesso a condições dignas de vida.

¹⁰ O Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal é um instrumento que identifica e caracteriza as famílias de baixa renda, entendidas como aquelas que têm renda mensal de até um salário mínimo por pessoa ou renda mensal familiar de até três salários mínimos.

Durante todo o período de coleta de dados, observei que, apesar da Constituição Federal de 1988, a dita “constituição cidadã” introduzir o conceito de seguridade e garantia de mínimos sociais, saltando de uma visão assistencialista para uma visão de cidadania, ainda há muito a se conquistar no campo dos direitos, especialmente direitos para maiores de 60 anos, neste caso, para 18 milhões de pessoas com mais de 60 anos. Como pesquisadora, senti a necessidade de procurar entender a situação vivida pelos sujeitos sociais em sua singularidade e localização estrutural ou como aponta Martinelli (1999, p. 26) ao dizer: “não desconectamos esse sujeito da sua estrutura, buscamos entender os fatos, a partir da interpretação que faz dos mesmos em sua vivência cotidiana (...). O sujeito é singular, conhecê-lo significa ouvi-lo, escutá-lo, permitir-lhe que se revele.”, logo a necessidade de entender os significados que os sujeitos atribuem à sua vida cotidiana e às situações e deixar que ele se revele. A construção de diretrizes e políticas de atenção ao idoso deve partir da escuta atenta e qualificada do que considero ser o verdadeiro protagonista deste contexto histórico.

Por outro lado, o exame da atuação do Estado perante as Políticas voltadas ao idoso levou-me a compreender que, atualmente, é ainda tímida a atuação do Estado na elaboração de políticas de atenção ao idoso, A Lei nº 8.842, que instituiu a Política Nacional do Idoso (PNI), foi sancionada em 4 de janeiro de 1994 e regulamentada pelo Decreto nº 1.948, de 3 de julho de 1996. Ela assegura os direitos sociais e amplo amparo legal ao idoso e estabelece as condições para promover sua integração, autonomia e participação efetiva na sociedade. Objetiva atender às necessidades básicas da população idosa no tocante à educação, à saúde, à habitação, ao urbanismo, ao esporte, ao trabalho, à assistência social e à previdência e à justiça.

A referida lei cumpre sua missão enquanto legislação, especialmente quando atribui competências a órgãos e entidades públicos, sempre de forma alinhada a suas respectivas funções. Determina ainda que cada ministério, de acordo com suas competências, elabore proposta orçamentária visando ao financiamento de programas compatíveis e integrados (inter e intraministeriais) voltados aos idosos e promova cursos de capacitação, estudos, levantamentos e pesquisas relacionados à temática da velhice e envelhecimento, em suas múltiplas dimensões.

A PNI institui várias modalidades de atendimento ao idoso, entre elas: Centro de Convivência; Centro de Cuidados Diurno: Hospital – Dia e Centro-Dia; Casa-Lar; Oficina Abrigada de Trabalho; atendimento domiciliar. Pontua que a atenção ao idoso deve ser feita por intermédio de sua família, em detrimento da internação em instituições de longa permanência. Para demonstrar o quanto as legislações referentes à garantia dos idosos são recentes no Brasil, aponto, por exemplo, divergências ao se considerar a idade da pessoa idosa. A Política Nacional do Idoso (Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994) e o Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741, 1º de outubro de 2003) consideram a pessoa idosa a partir dos 60 anos, A Constituição Federativa do Brasil (1988) considera o idoso, para fins legais, a partir de 65 anos de idade, enquanto a OMS – Organização Mundial da Saúde também considera pessoa idosa a partir dos 60 anos de idade. O Benefício de Prestação Continuada da Assistência Social – BPC-LOAS é assegurado para maiores de 65 anos, que possuam renda mensal familiar per capita inferior a $\frac{1}{4}$ do salário mínimo vigente. Os países desenvolvidos consideram o idoso a partir dos 65 anos de idade, esta idade limite é definida de acordo com a expectativa e qualidade de vida da população dos países desenvolvidos, especialmente os europeus.

Para efeito de estudos populacionais e políticas sociais, a Organização das Nações Unidas (1985) considerou como idosa a população de 60 anos ou mais, porque é em torno dessa idade que se acentuam as transformações biológicas típicas da terceira fase da vida. Foi também nesse momento que ocorreu o desengajamento ao mundo do trabalho, ou seja, a aposentadoria, bem como o descompromisso com alguns papéis tradicionais da vida adulta, como, por exemplo, aqueles decorrentes da emancipação dos filhos, segundo MASCARO (2004).

Em São Paulo os idosos são atendidos e referenciados pelos Centros de Referência da Assistência Social, nestes locais, não se consideram as especificidades do segmento etário, os espaços são para atendimento de pessoas em situação de vulnerabilidade social. Há ainda no município de São Paulo oito DECAPs – Delegacias Especializadas na Proteção ao Idoso, que recebem queixas e orientam/encaminham a população idosa, é importante ressaltar que qualquer delegacia registra atendimento a pessoas idosas, mas as DECAPs contam

com o auxílio de estagiários de Direito e Psicologia e algumas com assistentes sociais. As delegacias voltadas ao público idoso no aparato policial é algo recente, foi em 1991 que um decreto criou as primeiras delegacias do tipo no Estado de São Paulo.

Segundo Reportagem da *Folha de S. Paulo*, datada de 24/01/2012 e intitulada “Idoso autônomo e independente é quem mais procura delegacia especializada”, as delegacias do idoso atendem os delitos listados no Estatuto do Idoso, como a discriminação, o abandono – caso que acontece, por exemplo, quando nenhum familiar busca o idoso depois de uma alta hospitalar – e a apropriação indébita – como ficar com o dinheiro da aposentadoria – de maiores de 60 anos. A SSP – Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo não tem o levantamento do número total de inquéritos e boletins de ocorrências feitos nessas delegacias desde sua criação, mas estima-se que as delegacias atendem em média cinco casos por dia, em delegacias comuns a média é de 30 atendimentos de idosos por dia.

Nesta mesma matéria, a assistente social Cristiane dos Santos Correa completa: “A gente se surpreende porque aqui encontramos a família real e não a família ideal que temos na nossa cabeça. Nem a família tem o comportamento que esperávamos, nem o idoso é ‘bonzinho’”. Para ela, “o comportamento da pessoa ao longo da vida repercute no seu envelhecimento”. Parte dos idosos que visitamos com denúncia de maus-tratos e abandono possuem vínculos rompidos com os familiares, especialmente filhos e ex companheiros. Idosos que envelheceram e perderam a cumplicidade de sua família, idosos que antes de serem abandonados, abandonaram. Essas situações são bem comuns, sobretudo a idosos do sexo masculino.

Os Levantamentos que realizei junto ao CRAS deram conta de que idosos/instituições que solicitam auxílio do CRAS recebem queixas semelhantes por parte dos idosos, negligência, maus-tratos, apropriação indébita, descaso de outras secretarias do município são as mais comuns. No CRAS, a coleta de dados que realizei mostrou que este idoso é ouvido, acolhido e encaminhado, se necessário, a outras instâncias, inclusive ao Ministério Público que atua quando há ameaça aos direitos previstos na Constituição e nas leis, encaminha-se também

para Fóruns, Delegacias e especialmente para a rede socioassistencial, onde os idosos podem desenvolver atividades socioeducativas.

Os idosos acompanhados pelo CRAS M'Boi Mirim e por mim entrevistados relataram ser "arrimo de família", às vezes trata-se de famílias extensas, com muitos dos seus membros em idade ativa, fora do mercado de trabalho. Em relação aos casos de abandono, negligência e maus-tratos, existem casos em que os idosos, quando mais novos maltratavam seus filhos, e na atualidade, os filhos se recusam a amparar seus pais na velhice, como é o caso de Sr. Antonio (81 anos), que procura o CRAS e informa que não quer mais que seu filho habite em sua casa, diz que o filho é um "folgado", não trabalha, fica nervoso o tempo todo com o pai e ameaça agredi-lo, além de instalar internet no computador e não se responsabilizar pelo pagamento das contas telefônicas, nas palavras de Sr. Antonio.

Das situações acompanhadas, percebi que as famílias com vínculos rompidos, sem afetividade ou intenção de estreitar laços deveriam ser alvo de acompanhamento social, pois muitos dos familiares não assumem a responsabilidade sob os cuidados do idoso, mesmo quando o mesmo está em situação de doença ou risco social, nestes casos, conforme definido pelo Estatuto do Idoso, cabe ao Estado assumir a responsabilidade anteriormente destinada a família. De acordo com números referentes à institucionalização do idoso apresentados neste Capítulo, o Estado não tem conseguido dar conta desta demanda, o que pereniza muitas vezes a situação de violência e abandono.

Em continuidade ao levantamento das instituições públicas de atendimento ao idoso detive-me no levantamento das propostas do Governo do Estado de São Paulo e encontrei o trabalho realizado por meio da Secretaria de Saúde criou os CRI – Centros de Referência do Idoso (CRI), espaços de uso exclusivos para maiores de 60 anos, que oferecem atendimento médico ambulatorial aliado a espaços de convivência, visando promover a integração, além de atendimento médico, atividades culturais e educacionais que têm como objetivo reinserir o idoso e fortalecer sua rede de seu convívio social. O acesso é gratuito, tendo como exigência ter 60 anos ou mais. Em São Paulo, há três CRIs instalados, no Centro de São Paulo, no Mandaqui e em São Miguel, segundo informações coletadas no

sites da Prefeitura do Município de São Paulo o projeto é ainda inicial e será ampliado nos próximos anos.

Os dados obtidos demonstram que todos idosos acolhidos e acompanhados pelo CRAS, possuem um prontuário com dados cadastrais, além de breve relato social, idosos que chamamos de “referenciados”, nos Centros de Referência da Assistência Social dos diversos municípios, as pessoas atendidas expressam uma ou outra vulnerabilidade, sendo vulnerabilidades afetivas as econômicas, sem considerar as especificidades da faixa etária que está inserido.

Atualmente o CRAS M’Boi Mirim tornou-se um “balcão de PTRs – Programas de Transferência de Renda, os chamados “benefícios sociais”, os técnicos pouco exercem a função de assistente social, sua rotina limita-se a “enquadrar” 99% dos que procuram o equipamento nos Programas de Transferência de Renda ou verificar bloqueios e cancelamentos dos benefícios Bolsa Família e Renda Mínima, vislumbrando sua regularização o idoso de M’Boi Mirim continua fragilidade e sem acesso à política pública de assistência social. Como visualizamos no Quadro 005 – Programas de Transferência de Renda – Beneficiários e Cadastramentos, no território de M’Boi Mirim 14.780 recebem o benefício Bolsa Família:

Programas de Transferência de Renda – Beneficiários e Cadastro

89

Nº DE FAMÍLIAS BENEFICIÁRIAS DOS PROGRAMAS DE TRANSFERÊNCIA DE RENDA (PBF+PRC+PRM), SEGUNDO SUBPREFEITURAS E DISTRITOS DA CAS SUL, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, JULHO DE 2012

SAS	DISTRITO	Nº DE FAMÍLIAS
CS	Grajaú	11.909
	Cid. Dutra	5.008
	Capela do Socorro	212
	Subtotal	17.129
MB	Jd. Ângela	9.311
	Jd. S. Luis	5.469
	Subtotal	14.780
CL	Capão Redondo	6.507
	Campo Limpo	5.702
	V. Andrade	2.164
	Subtotal	14.373
AD	Cid. Ademar	7.368
	Pedreira	3.910
	Subtotal	11.278
PA	Parelheiros	5.041
	Marsilac	259
	Sub-total	5.300
SA	Campo Grande	914
	Campo Belo	593
	Sto. Amaro	269
	Sub-total	1.776
Total da CAS		64.636

Cadastramentos em PTR – jan a nov 2012

SAS	CRAS	CADASTROS	A INSERIR
CS	Capela do Socorro	2.546	46
	Grajaú	2.697	1202
	Unidade Móvel	8.869	1454
	Subtotal	14.112	2.702
CL	Campo Limpo	4.244	825
	Capão Redondo	4.136	900
	Subtotal	8.380	1.725
MB	M' Boi Mirim	7.785	578
AD	Cidade	3.747	1369
	Ademar/Pedreira		
PA	Parelheiros	3.241	78
SA	Santo Amaro	1.588	0
CAS Sul		1.113	39
TOTAL DA CAS		39.966	6.491

Fonte: SMADS, CGB, COPS, jul 2012; CAS Sul - NGB, Controle de Cadastros ,nov 2012

Elaboração: CAS SUL - Supervisão de Planejamento e Observatório de Políticas Sociais

No Capítulo 3 apresentaremos um pouco da trajetória de vida de sete idosos entrevistados com a técnica “história oral de vida”, a fim de perceber o quanto a vulnerabilidade econômica afetou a qualidade de vida dos mesmos e o seu dia a dia.

CAPÍTULO III - OS PROTAGONISTAS E SUAS HISTÓRIAS



CAPÍTULO III

3. ETNOGRAFIA

Neste capítulo apresento trechos das histórias de vida de sete usuários. Optei por realizar uma aproximação etnográfica / etnológica, aplicando a técnica história oral de vida no local onde residem os entrevistados. Apresento ao longo deste capítulo minhas impressões sem as influências de outros pesquisadores e a partir das subjetividades trazidas pelos idosos, subjetividades que narram uma vida de superação, vulnerabilidade e dificuldade de acesso a políticas públicas, pessoas que de alguma forma são vítimas de uma pobreza que se mostra violenta social e institucionalmente.

3.1. Os Protagonistas e suas Histórias

Envelheço aprendendo sempre muitas coisas.
SÓLON (640-558 a.C.)

Consciente de que o processo de envelhecimento é um processo contínuo que perpassa todas as fases de nossa vida: nascimento, maturidade e declínio, têm como diretriz o postulado de GEERTZ (1978, p. 4) de que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”, por isso inicio a etnografia pelo território que me fornecerá a estrutura/base da constituição desses significados e suas implicações em termos cultural, histórico e socioeconômico para os protagonistas, objeto de análise dessa pesquisa.

Sendo assim, pondero que o território de M´Boi Mirim é desigual, visto que seus 62,1km² de extensão é permeado por contradições. Sua via de acesso principal, a estrada de M´Boi Mirim/Avenida Guarapiranga possui fluxo intenso de veículos, o que gera congestionamentos de horas. A Subprefeitura localiza-se na Avenida Guarapiranga, próxima ao acesso da Avenida Guido Caloi, avenida que liga os bairros dos distritos do Jardim Ângela e São Luís a Marginal Pinheiros e daí se tem acesso a toda grande São Paulo. Nos arredores de M´Boi Mirim, encontramos distritos como o do Capão Redondo, Campo Limpo, Capela do Socorro, a região faz divisa com os municípios de Embu – Guaçu e Itapecerica da Serra.

Em M´Boi Mirim, posso contemplar o cenário semelhante ao de toda periferia, um amontoado de casas construídas de forma irregular, não da forma que era preciso, mas da forma que foi possível, muitas construções em morros e aglomerados de favelas. As residências invadem o espaço da rua, afinal o crescimento foi desordenado e, como a maioria dos bairros de São Paulo, as construções não foram planejadas, o que justifica o número de “puxadinhos”, como segue, na foto a seguir:

IDOSO 1

Foto 003 - Residência de Maria de Jesus Pinto (64 anos), fotografada por Ariene Lopes em Março/13

Vale ressaltar que os esgotos escorrem em córregos e nas ruas que desembocam na Represa Guarapiranga, um importante recurso hídrico da cidade de São Paulo. Nos bairros mais afastados (sentido centro-bairro) bairros como o Jardim Aracati, Cidade Ipava, que fazem divisa com outros municípios, abrigam moradias esparsas, com difícil acesso a bairros comerciais ou bairros que oferecem equipamentos públicos (creches, escolas, associações). Parte dos bairros do Distrito do Jardim Ângela, têm vista para a Represa e não é difícil encontrar crianças tomando banho em dias ensolarados. Apesar de 70% do território estar em área de preservação ambiental, não há projetos relevantes de educação ambiental.

A Represa também funciona como lazer para as classes mais abastadas, trata-se de um cenário bem contraditório, pois, de um lado, é possível visualizar, casarões antigos, luxuosas mansões e esportes náuticos para todos os gostos, de outro, há uma “Prainha”, área liberada para lazer da população, onde as pessoas tomam banho e sol na Represa, há movimentação do comércio local seja por meio

de restaurante sou do comércio local com venda de petiscos e cerveja, estes espaços um atrativo para os pertencentes ao território e para os que desejam praticar esportes dentro de São Paulo.

O território M'Boi Mirim sofre com alagamentos, enchentes, desabamentos, apresenta 48 áreas de risco, mesmo assim há poucos investimentos, além de uma ou outra canalização de córrego. Os períodos de chuvas são tensos, as vítimas podem pertencer a qualquer classe ou estrato social. Os fenômenos da natureza, neste caso a chuva, democratiza as tensões no território.

Diante dessa conjuntura, os dados nos mostram que, em 2000, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da unidade espacial era de 0,773, segundo a classificação do PNUD, a unidade espacial está entre as regiões consideradas de médio desenvolvimento humano (IDH entre 0,5 e 0,8). Em relação as outras subprefeituras, apresenta uma situação ruim: ocupa a 26ª posição, sendo que das 25 subprefeituras (16,1%) estão em situação pior ou igual. (São Paulo (Município) Secretaria Municipal do Trabalho, 2007). Ademais, o trabalho e a renda são limitados, e os indicadores apontam que a renda familiar média é sempre menor que o do município de São Paulo e a quantidade de trabalhadores informais aumenta dia a dia. Em 2008, 23,04% da população estava desempregada.

Tais fatores corroboram e legitimam a imagem da periferia: amontoado de casas, construídas de forma irregular, casas que avançam no espaço das ruas, sem favorecer os moradores com quintais ou espaços que proporcionem áreas de lazer, eventualmente, algum morador que dispõe de mais recursos faz um churrasco na laje. Enfatizo que a lógica do adensamento populacional do território é a lógica da autoconstrução, havendo possibilidade, faz-se um “puxadinho” ou para abrigar os filhos que se casaram ou para abrigar familiares vindos de outras regiões do país, estas novas famílias passam a compor a família que recebe daí o número grande de pessoas em uma mesma residência de pequenas proporções.

É importante lembrar que a média de filhos no território de M'Boi Mirim, não segue a média brasileira, de até dois filhos por casal. Alguns moradores conseguem construir pequenos espaços para locar e gerar renda, tamanha a defasagem de projetos de habitação popular no território e a falta de acesso aos

mesmos, nesse contexto, os auxílios públicos para habitação são concedidos esporadicamente para quem mora em área de risco, uma vez que a prefeitura entende que a maior parte das construções foi construída em áreas públicas, portanto estão em condições irregulares.

Nesse percurso etnográfico, observei que a dinâmica comercial concentra-se na Estrada do M'Boi Mirim, local onde se empregam pessoas do território, além de ser o espaço para o trabalho informal dos ambulantes, muitas das vezes, há movimentação da economia local, nem sempre os moradores precisam se deslocar para áreas comerciais como a do bairro de Santo Amaro. Existem investimentos de supermercados, lojinhas de móveis, eletrodomésticos, calçados e outras ofertas, além de grandes bancos no território. As faculdades mais próximas localizam-se nos bairros de Santo Amaro e Campo Limpo, mas há instalação de uma ETEC – Escola Tecnologia Estado de São Paulo.

Em contraste a organização dos comércios, os trabalhadores informais apropriam-se das calçadas das grandes avenidas, existem territórios demarcados e às vezes os vendedores pagam “propina” para manter sua pequena atividade. Isso ocorre porque não há regulamentação para se trabalhar na rua e muito menos autorização para “outros poderes” realizarem cobranças. Utilizam-se as crianças como trabalhadores infantis, porém este cenário não é muito comum no território estudado, uma vez que as famílias as crianças se deslocam para bairros mais “movimentados”, como o de Santo Amaro.

A maioria das pessoas tem que se deslocar para trabalhar em Santo Amaro, Socorro ou em regiões centrais, quando não trabalham informalmente como prestadores de serviços (pedreiro, encanador, eletricista, etc.) e no comércio local. O transporte público é de vital importância, tendo em vista que os moradores da região o utilizam para se deslocar da casa para o trabalho e vice-versa. Nesse trabalho, ficou evidenciado que esse tipo de transporte é precário, os congestionamentos comprometem a qualidade de vida da população.

Ao circular pelos diversos bairros do território, pude observar que as crianças brincam em áreas livres, jogam bola, empinam pipas em meio a carros e motocicletas, visto que suas casas não possuem áreas de lazer e, nos bairros, campos e quadras públicas são escassos. No território há um telecentro e uma biblioteca com aproximadamente 3.300 livros doados pela prefeitura. Algumas

escolas ficam abertas aos finais de semana, pois integram o Programa Escola da Família.

Para o lazer, os jovens freqüentam os shoppings, as quadras e os campos de futebol da região. Às vezes eles participam de alguma atividade promovida pelos projetos da “Virada Cultural” e por organizações sociais do território. Em termos educacionais, as escolas são deficitárias tanto no método de ensino como nas instalações precárias, por isso a evasão escolar é uma constante, exceto nos casos das famílias que recebem o benefício de transferência de renda “Bolsa Família”, pois estas obrigam, com uma “certa seriedade”, os seus filhos a irem para a escola, uma vez que freqüência escolar acima de 85% é uma condição para que as famílias recebam o benefício social.

É comum o CRAS M’Boi Mirim receber solicitação de visita domiciliar para crianças que faltam a “escola”, é claro, que não se questiona o desinteresse das crianças pela escola e o que as escolas se tornaram na periferia. Por conseguinte, posso, em virtude do contexto apresentado, asseverar que morar na periferia significa falta de acessos, segregação e vulnerabilidade social e por que não dizer convivência com a violência social e institucional. Nas palavras de Arendt (2000 apud Castro, 2006, p. 78 “toda a diminuição de poder é um convite à violência – quando pouco porque aqueles que detêm o poder e o sentem escorregar por entre as mãos, sejam eles o governo ou os governados, encontraram sempre dificuldades em resistir à tentação de substituí-lo pela violência”, os poucos investimentos do Estado e a pobreza da população favorece a atuação do poder paralelo.

Neste capítulo, tenho o objetivo de apresentar um pouco da vida e do cotidiano dos nossos protagonistas, idosos de mais de 60 anos que recebem de zero a dois salários mínimos e são atendidos pelo CRAS M’Boi Mirim. Em razão das dificuldades financeiras esses idosos se encontram em situação vulnerável, uma vez que o empobrecimento está presente de forma violenta em seu cotidiano, impedindo-os de participar de espaços de socialização, bem como de gozar de direitos conquistados nas leis que os protegem.

Para captar os processos de subjetivação construído e (re) construído pelo cotidiano e pelos protagonistas, optei por realizar as entrevistas de modo a registrar a riqueza de suas histórias e assim compreender o processo de

subjetivação dos idosos. Em virtude disso, cabe ressaltar que todo o processo de entrevista e coleta de dados foi explicado a cada idoso, para que este se sentisse livre para contar as histórias que consideravam relevantes para compor “suas histórias de vida”.

A transcrição das entrevistas gerou 77 páginas em formato “word”, não serão anexadas na dissertação, uma vez que este capítulo traz as falas relevantes para esta pesquisa, na íntegra.

Dos 15 idosos entrevistados, optamos por considerar as histórias de vida de sete idosos, tal escolha ocorreu tendo em vista que as histórias passaram a se repetir, portanto esta quantidade de entrevistas foi suficiente para se entender o quanto as dificuldades financeiras tornam esses idosos vulneráveis, sem acesso a políticas públicas e alheio aos direitos garantidos pelas leis em vigor.

Para realizar as análises tomarei por base a minha experiência profissional como assistente social no Centro de Referência da Assistência Social – CRAS M’Boi Mirim, bem como os conhecimentos que venho adquirindo ao longo de meu percurso como discente do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais – PUC-SP.

Os sete idosos pesquisados integram o território da subprefeitura de M’Boi Mirim, compostas pelos distritos do Jardim Ângela e Jardim São Luís, moram há mais de 20 anos na região e convivem com vulnerabilidades econômicas. Os momentos de entrevista dividem-se em emoção e descontração. Inicialmente os idosos mostraram-se tímidos, pois nunca haviam sido entrevistados e poucas são as oportunidades que têm de falar de sua própria vida.

A escolha dos protagonistas que compõem esta pesquisa ocorreu de modo aleatório, sem distinção de sexo, raça/etnia ou opção sexual. A maioria dos entrevistados são homens, advindos do estado da Bahia, autodenominam-se negros e heterossexuais. Ao longo das entrevistas, percebi que os homens são mais falantes e abordam as questões de forma mais profunda, talvez porque as atividades laborais tenham os impedido de se socializar durante a maturidade, e a oportunidade da entrevista tenha propiciado o diálogo. De um modo geral, os idosos repetiam muitas vezes a mesma palavra e sempre terminavam suas falas com uma interrogação, talvez à espera de minha aprovação durante a entrevista.

Na sequência apresentarei os trechos das histórias de vida dos sete entrevistados pesquisados:

IDOSO 2



Foto 004 - Deraldo Dias dos Santos (64 anos), fotografada por Ariene Lopes, Mar/13

Deraldo Dias dos Santos, 64 anos, originário de Arataca (BA), saiu de sua terra natal aos 10 anos de idade, morou em Ribeirão Pires (SP), Mauá (SP) e depois no Rio de Janeiro (RJ), antes de residir no Jardim Guarujá, distrito do Jardim Ângela, M'Boi Mirim. Está solteiro, foi criado pela mãe, em suas palavras, seu maior tesouro, também vulnerabilizada economicamente, acometida por osteoporose, artrose, reumatismo, problema de coração, sempre refere-se à “mamãe” com carinho e manifesta o desejo de que ela resida em sua companhia, o que hoje não é possível, pois mora no morro e a mãe é acamada. Na medida do possível sua mãe é cuidada por uma amiga, e Deraldo auxilia financeiramente no

aluguel da casa, mesmo sem ter renda fixa e esta ser insuficiente para suas necessidades.

Deraldo não tem referências paternas. Teve uma filha quando morou no Rio de Janeiro, mas a moça não o reconhece como pai, pois não conviveu/desenvolveu vínculo. Ele também tem uma irmã, a quem não faz muitas referências. Deraldo trabalhou algumas vezes com carteira assinada, mas, na maioria das vezes, trabalhou na informalidade, ainda não é aposentado, aguarda o benefício BPC-LOAS concedido a idosos que não têm renda aos 65 anos. Não conseguiu pagar o INSS devido ao alto valor, não tem os 15/17 anos necessários para aposentadoria proporcional por tempo de trabalho.

Durante a entrevista, ele mencionou ter sido sempre sozinho, nunca ter tido auxílio de parentes, já que veio morar em uma cidade desconhecida, para ele isso foi uma aventura, já que não possuía certezas de nada e nem um lugar para morar quando chegou à cidade. O idoso orgulha-se dos empregos que teve e apresenta suas cartas de referência, agradece aos amigos e vizinhos que o auxiliam quando podem e os considera uma nova família. De alguma forma Deraldo sente-se reconhecido pela sociedade, mesmo que ela represente seus antigos empregadores e alguns poucos amigos da Igreja.

O Sr. Deraldo reside em casa própria, mas tem clareza de que a mesma foi construída de forma irregular, em terreno da Prefeitura, quando questionado se paga aluguel ou reside em casa própria, ele afirmou:

Aqui é (...). Mas isso aqui é da prefeitura da prefeitura, né?

Quando questionei sobre sua escolaridade, Deraldo teve dificuldades para responder essa questão, como se tivesse vergonha de sua condição, uma vez que estudou até o segundo ano primário, pois ocupou sua infância e adolescência com trabalho:

Não, estudei pouco, eu não tive tempo de estudar filha, eu fui uma pessoa que não tive infância, sabe disso, né, a minha infância foi trabalhar (...). É, foi trabalhando, eu quase não estudei porque é o seguinte, a minha mãe ficava na roça com a gente, entendeu? Na roça, lá na Bahia, então fui pro Rio, no Rio adoeceu minha mãe, entendeu então uma luta, um trabalho. O trabalho na roça. Então a minha mãe lavava muita roupa pra fora pra criar a gente, então ela teve muita friagem dentro d'água, né filha? Aí pegou artrose, reumatismo, problema de coluna tudo, tudo nos ossos entendeu? Aí sabe como é, né? Quando é agora, a minha mãe doente, se fosse coisa que ela pudesse andar eu trazia ela pra morar aqui comigo entendeu,

mas ela não anda, ela sai da cama dez minutos volta pra cama. Estudei até o segundo ano, segundo ano lá na Bahia, na Bahia. Tava trabalhando fia (...).

Quando questionado sobre sua atual condição econômica, Deraldo evidenciou sua condição de vulnerabilidade, uma vez que realiza trabalhos esporádicos, não tem renda fixa para viver e conta esporadicamente com o auxílio de amigos da comunidade, que fazem o papel de família, no conceito de aproximação por vínculo afetivo. Ele reforçou que procurou o CRAS e as assistentes sociais, pois lhe disseram que havia benefícios do governo (Bolsa Família) para pessoas que não têm renda:

Ééé (...) Vixeeee às vezes eu tô assim, meu Deus do céu, sei não viu? Se eu fosse aposentado e eu não esquentava tanto a minha cabeça entendeu, mas eu tenho problema nas minhas pernas também, né? Os pés começam a inchar também né? Entendeu, tenho problema de pressão também, entendeu? Então, a menina falou assim, que cê não faz uma ajuda, você tem ajuda do governo?

Adriana mora ali atrás, Adriana muito minha amiga, Adriana o marido dela é advogado, ela me adora aquela menina tudo que eu preciso dela ela me ajuda pra mim entendeu? A minha renda é a do Bolsa Família que saiu no valor de R\$ 70,00. Só, graças a Deus, dou graças a Deus ainda, né? E faço uns bicos de pedreiro, eu faço qualquer serviço eu faço, pintura, qualquer coisa eu faço, sendo pra ganhar um dinheiro entendeu, eu vou. Quando eu posso ir, eu vou. Às vezes eu levanto daquela cama ali na marra com dor nas pernas, eu vim pra trabalhar aqui, cheguei aqui e tal (...) comprei isso aqui fiado, maior sacrifício pra pagar, a vista isso aqui eu, eu lutei mais venci filha.

Deraldo fala com orgulho que já teve um cartão de crédito, em épocas em que podia consumir em decorrência de seu trabalho, hoje consome o mínimo para manter-se vivo:

E se você vê oh menina, eu sou uma pessoa tão assim, eu era tão econômico, eu tinha até cartão de crédito (...). Tinha. Aqui é verdade! Eu tinha cartão de crédito entendeu (...). Eu fazia bico, eu tinha, sei lá às vezes eu fico pensando às vezes que era hoje em dia o que eu era o que eu sou, fico esperando dos outros assim, né? (...). Só trabalhei, e melhor um pouco, melhorou pouca coisa comecei a ajudar minha mãe também, né?

Deraldo representa um número expressivo da população que se deslocou de um Estado a outro em busca de emprego, cenário comum, para pessoas que nasceram nas décadas de 1940 e 1950:

É. Eu tive por Rondônia também, eu fui até Rondônia atrás de serviço. Isso tem uns cinco anos, seis anos eu fui, né? Rondônia, atrás de trabalho em Rondônia às vezes que eu não consegui nada aqui em

São Paulo, né por causa da minha idade, quando chegou em Rondônia eu não pude trabalhar em Rondônia porque eu não sabia eu nunca derrubei árvore de machado, o único serviço que eu achava, derrubar árvore de machado eu nunca trabalhei de machado (...). Não é pesado, o negócio é seguinte, é que eu não sei derrubar de machado, nunca cortei de machado entendeu, aí eu me vim embora, pra mim vir mim borá eu trabalhei um mês mais ou menos na enxada pra arrumar o dinheiro da passagem, tendeu se não eu tinha ficado por lá mesmo que o dinheiro que eu fui pra lá foi a conta da passagem eu fiquei durinho da silva eu vendi minhas ferramentas tudinho entendeu? Pra arrumar algum dinheiro pra vir-me embora.

Quando questionado sob o acesso à saúde, UBS – Unidades Básicas de Saúde, Hospitais, Exames Clínicos e tratamentos, Deraldo informou que utiliza o SUS, não tem doenças graves, suas pernas ficam inchadas, é hipertenso, mas tem dificuldades em agendar consultas e exames:

Vez em quando eu faço, vez em quando eu faço, eu vou lá, né? Mais isso aí não tem quase médico filha, não tem médico não quando você quer alguma coisa têm que ir lá em Santo Amaro, fazer um exame eles mandam pra aqui pro posto, como vai no posto se não tem um exame aqui meu pra mim pegar no posto, aí tem mais de dois meses pra mim fazer exame de fezes até hoje entendeu eu não fiz, que não tem médico (...). Não consigo marcar as consultas fácil não, passei no médico tem faz dois meses. Eu vou mostrar o exame pra você não pensa que eu estou mentindo (...) mas não a coisa que eu detesto é mentira entendeu, eu não tenho nada mais eu detesto é mentira eu tô com um negócio pra fazer um exame, aí tá em casa ali, tá na minha carteira ali pra mim fazer um exame e não tem médico, tem que passar pelo médico, quando eu vou em Santo Amaro, você vai pro posto, vou no posto não tem médico, passei duas semana aqui só pro banheiro, problema de barriga aqui tendeu, uma virose que me pegou fui lá no médico ele examinou tudinho, você tem que passar pro posto, a médica tem que encaminhar você pro tratamento sério do seu intestino, mas não tem médico (...).

Considerando a fala de Deraldo, é possível perceber que ele assume o protagonismo de sua vida, pois em nenhum momento o idoso se autovitimizou ou disse que a vida não foi boa para ele, sempre reconheceu o esforço da mãe e fez menções sobre sua infância, adolescência e velhice de forma a aceitar sua condição:

Há minha infância eu não tive quase infância a minha infância era trabalho, eu comecei a trabalhar eu tinha idade de oito anos, sete, oito anos, entendeu, único brinquedo que eu tinha era cavalo de pau, você nem sabe o que é isso, né? (...). Conhece? Andar em cavalo de pau ou então em perna de pau eu nunca ganhei um carrinho, brincar nos carrinhos que eles ganham aqui, nunca tive, nunca tive, o meu sapato era sapato de borracha ou então tamanco, eu usava muito tamanco não existia esses chinelos aqui que eu uso isso aqui era luxo, eu não tinha a minha camisa era calça de (...). Aqueles negócios de saco de açúcar a mãe fazia aquelas camisas pra gente e short de pano de saco (...). A mãe fazia pra gente tendeu, vestir as camisas assim né,

colchão a minha fazia de saco de carregar material pra roça com palha de banana entendeu eu não gosto nem de lembra a minha infância, dormir em cama não tinha era cama de madeira aquelas cama de madeira né? Com aquela esteira e aquele colchão é sei lá, às vezes nós tava com fome a minha mãe ia pescar no rio chegava nós tava dormindo e ela acordava a gente pra comer ela pegava três peixes tratava pra chamar a gente pra comer aquele peixe (...). Por causa disso, porque pra inteirar né, interá comprava alguma coisa, uma farinha, na Bahia se usa mais a farinha, farinha e feijão, né?

Quando perguntamos a Deraldo qual fase de sua vida ele gostou mais, ele prontamente respondeu que é o tempo presente, que a velhice tem sido a melhor fase de sua vida:

Agora (...). Agora (...). É, agora! Porque sim, porque agora, pelo menos eu como duas vezes, entendeu? (...). (Faz um movimento reprovador com a boca). Não. Se eu tomasse café de noite eu não jantava, né? Eu tomava um cafezinho com mandioca, né? E ia dormir entendeu, às vezes eu tomo meu leite, como meu pão, como minha bolachinha, entendeu então, eu penso que eu vivo mais a vida agora entendeu? (...). É, eu vivo mais a minha vida que a minha infância sei lá, cê vê que os colega saia chamava pra sair você não podia nem sair? Eu não tinha roupa, pra sair, nenhum sapato pra sair não tinha, né? Tudo era andar descalço, então, e agora não, graças a Deus eu tenho sapato, que eu pago com o meu dinheiro o pessoal me dá, eu tenho roupa, sapato (...).

Em relação aos processos de socialização e à participação em grupos sociais, Deraldo informa que é evangélico, frequenta a Igreja Renascer em Cristo há mais de cinco anos, antes disso se denominava católico. Atualmente, não participa de nenhuma outra atividade e, apesar de suas dificuldades financeiras, contribui com o dízimo, faz trabalhos voluntários, contribui na limpeza da igreja, varrendo e limpando o banheiro, bem como na manutenção.

Com a finalidade de refletir acerca das implicações de se tornar idoso na sociedade contemporânea, questionei Deraldo como é ser idoso e lidar com um cenário de solidão, Deraldo posicionou-se dizendo que tem amigos, mas não tem alguém com quem possa contar quando ficar doente, completou dizendo que a possibilidade de depender de outra pessoa o assunta:

Ô filha, eu não sei, eu nem pensei, nem pensei eu sou uma pessoa que penso comigo mesmo que eu não tenho com quem conversar, assim que e o seguinte eu não tenho com quem conversar, eu converso comigo mesmo né, eu não posso ficar doente porque não tem ninguém que faça nada pra mim, entendeu, eu nem penso em ficar doente porque pior depois de velho, quando eu tiver mais velho um pouco, eu não sei que será de mim né. Porque é o seguinte, eu tiro por minha mãe, minha irmã abandonou ela também, então eu tiro por mim mesmo eu digo poxa, será que mais tarde eu vou pro asilo? Eu tenho que ir pro asilo, porque não tem ninguém que toma conta de mim tem

que ir para o asilo mesmo se eu me aposentar eu tenho que ir pro asilo que como e que eu vou fazer minha comida mais, então eu tenho que ir pro asilo se eu tivesse mais parente, tudo bem eu encostava num parente pra me ajudar a minha aposentadoria mesmo pouca mais dava pra mim viver entendeu, mesmo pouca dava pra mim ao menos paga pra fazer comida pra mim, entendeu (...).

Ao questionar sobre quais eram as dificuldades da velhice, ele afirmou:

É precisar dos outros, e ocupar os outros pra mim e a coisa mais difícil porque precisar dos outros porque a coisa mais melhor da vida é você ser independente mas você com a velhice todo mundo vai lhe levar no medico entendeu, tudo, tudo você depende da pessoa tendeu, aí eu fico pensando o que será de mim? O que será de mim? Porque e o seguinte você não encontra, hoje em dia você não encontra uma palavra amiga é só pra destruir você, entendeu você não topa uma palavra amiga, então uma palavra amiga é para o cara andar na droga, andar bêbado pela rua dormindo por debaixo de ponte, mendigo isso você topa você uma palavra pro cara te ajudar de alguma coisa, te dar um prato de comida, te dar um remédio, te dar um dinheiro, entendeu?

Quanto às conquistas da velhice, Deraldo atribuiu o sucesso de sua idade à aposentadoria e a não depender de outras pessoas:

(...) A conquista da velhice é você ser aposentado, ter o seu salarinho (...).

Quanto à garantia de seus direitos e os acessos a políticas públicas, Deraldo informou que teve muita dificuldade para conseguir o Benefício Bolsa Família, além dos entraves burocráticos, pelo fato de ser idoso, não esteve em condição de prioridade para as agências bancárias e afirmou não compreender as informações para executar os procedimentos solicitados pelo banco:

É, do Bolsa Família, mas menina só você vendo foi uma luta, e uma luta, por causa do meu cartão cidadão, que eu tinha um cartão cidadão, no tempo que eu peguei pra pegar meu PIS entendeu, a única coisa que eu tirava era o PIS com aquele cartão cidadão, aí quando saiu agora, o cara falou você tem que fazer o cartão cidadão, aí eu disse como eu faço pra tirar esse cartão cidadão aí ele falou vai lá na caixa e apresenta essa cartinha, olha eu cheguei lá ia dar nove horas, nove e meia, não dez horas eu cheguei lá, aí não me atendeu eu fui lá no cara lá no chefe deles lá entrei ele olhou da um tempo aí, eu sai de lá três horas da tarde, entendeu? Não fui atendido, não fui atendido não. Aí voltei atrás dele lá e rapaz desculpa, ele passou por mim, você falou que ia me chamar eu to aqui esperando, aí ele me passou pra outro rapaz então meu pagamento já estava liberado, eu me lembro como se fosse agora, mais tem que ter o cartão cidadão meu pagamento tava liberado, pra aguentar pro dia 15 meu pagamento, aí eu falei mais tem que ter o cartão cidadão o rapaz falou então vou tirar o cartão cidadão, aí tirei o cartão cidadão, e aí fui lá, eu disse poxa e agora? A menina me deu pra mim ir lá na lotérica, e essa menina enrolou na lotérica, meu Deus do céu me deu tanto telefone eu falei assim, olha filha, pode parar que eu não vou fazer mais nada não (...). Eu não vou fazer mais nada não, eu não conheço todos esses códigos que você passou aqui, esse tanto de

telefone, procurar quem e eu nem sei quem e? Eu não tenho uma pessoa que resolve isso pra mim não! Ela falou na minha cara não posso fazer nada, tá bom filha, botei no bolso né? Disse, poxa que agora eu vou? Vou lá na Vanessa (assistente social), a Vanessa passou quase uma hora ligando pra essa mulher, pra ela passar os dados como e que podia desbloquear esse negocio do cartão cidadão, aí falou você vai lá na caixa e dá entrada no seu cartão cidadão, deu o nome da minha mãe, deu a data que eu nasci, eu cheguei lá a mulher me atendeu aí eu falei assim, só seu pagamento só dia dezoito, mas tava liberado no dia 15, aqui na piraporinha, ta pro dia 18 pra você receber seu dinheiro, aí eu fui no dia 18 cheguei lá e disse, será que vou receber hoje? Eu fui até sem graça pra receber, né? Aí quando eu cheguei lá, pode ir lá fora digitar aí fui lá entendeu, aí tava setenta reais lá na caixa, tá bom (...).

Ao solicitar que Deraldo apontasse o que a velhice tinha de diferente em relação as outras fases da vida. Ele afirmou que ninguém se importava com o velho, na juventude, quando ele era jovem tinha companhia, podia namorar, praticar lazer, aproveitava melhor a vida e até desfilava em Escola de Samba:

(...) Tem tudo rapaz, tem tudo se você comparar a velhice, eu dessa idade nego já quer me jogar pro alto que não liga mais pra mim que já tô velho, né? (...). Não, jovem não, uma pessoa nova consegue namorar, entendeu, a quanto tempo eu não namoro? Há muitos anos que eu não namoro, muitos anos porque hoje é tudo na base do interesse e eu não tenho nada pra dar pra ninguém, né? Então a pessoa não vai interessar em nada, então a pessoa não vai me querer então eu não tenho nada então a pessoa entendeu até na igreja, na igreja, se vai na igreja a pessoa pensa o cara não tem nada, começa a conversar mais e pura amizade, mais pra você dá uma saída não sai porque você não tem nada pra gastar (...). Pra oferecer, entendeu, então é isso entendeu, eu não acho ruim não, neguinho pagava entrada de cinema tendeu, eu ia pra pagode entendeu, escola de samba aqui eu tenho (...).

Deraldo apresentou um certo saudosismo quando lembrou de sua juventude no Rio de Janeiro, ele demonstrou sentir falta das companhias e da socialização:

Toda vida eu fui assim tomei conta de turma, você vê feitor e que toma conta de turma, eu tomei conta de turma um bocado de tempo, mas por quê? La no Rio eu tenho minhas amizades, que eu conhecia gente de muitos tempos eu ia procurar a pessoa lá na casa dele, que no escritório, quando eu chegava lá no escritório, eu não tenho nada era igual nos estarmos conversando aqui, às vezes os donos da firma, tá sumido vai vim trabalhar com nós, às vezes eu ficava pra trabalhar, trabalhar agora, mais aqui em São Paulo eu não conheço ninguém, eu estou conhecendo vocês agora (...).

Quando questionei sobre seus sonhos e desejos caso aquele fosse o último dia de sua vida, Deraldo sorriu, refletiu sobre a morte e expressou:

É o seguinte, porque a morte não espera, sabe disso a morte só chega né? Só chega, né? Só chega, né? Então não posso nem te falar, o negócio agora se ela me mostrasse como e que eu ia morrer e o dia

que eu ia morrer eu comia bem, dormia bem, mas disse que o pobre só morre de barriga cheia quando morre afogado, né? Risos (...). Entendeu, então e isso que eu tô falando pra você, então eu não posso falar pra você o que eu faria da minha vida porque eu mesmo, eu ia no açougue comprar uma carne boa pra fazer uma comida muito gostosa, né? Beber eu não bebo mais... Um dia de rei, cê entendeu isso eu faria, eu não penso da morte, e o seguinte porque se eu morrer agora não sei (...). Sabe por que tem muita pessoa que vai sentir falta de mim a minha mãe entendeu, que eu sou tudo na vida da minha mãe, eu sou tudo na vida da minha mãe, ontem eu liguei pra ela, ontem eu falei que tava te esperando aqui, ela falou o que essa mulher vai fazer lá na tua casa, ela vai te ajudar em alguma coisa? (...). E ainda se eu pudesse ajudar a minha mãe antes dela morrer, eu comprava um lugarzinho pra ela viver sossegada, mas eu não posso, eu tive uma casinha lá no Rio, que eu vendi, vendi não dei a troco de nada, se eu soubesse que ia acontecer isso, eu não tinha vendido eu me arrependo todo dia por isso. Vendi a minha casa, deixei a minha mãe na casa da minha irmã, minha irmã abandonou minha mãe, até hoje eu penso isso, que burrice eu fiz na minha vida, né? Se eu soubesse que ia acontecer isso eu não tinha nem vendido, nem deixado essa casa pra minha mãe; Hoje nós paga aluguel, minha mãe paga trezentos contos de aluguel de aluguel, entendeu, ela ganha um salário.

Ao indagar se Deraldo era feliz, ele me disse que um dia será feliz e abriu diálogo para falar de uma paquera recente, ele tinha clareza dos empecilhos de um relacionamento entre alguém de diferentes classes e narrou sua relação com uma certa amiga:

A mulher tem dinheiro, ela vai gostar de mim? Um pé rachado de obra, mais ela gostava de mim, mais eu tinha vergonha de dar um alô nela, o carro dela era zero, ela cansava de me pegar lá na casa dela e me levar lá no ponto de ônibus de carro, ela vem comigo até aqui, se viu que lá de onde você mora é longe, ela vinha até a menininha comigo de carro e ela não veio aqui comigo que eu fiquei com vergonha de trazer ela aqui em casa, eu não tenho nada, entende?

Não, eu não tive nada, ela viu a intenção, eu não fui uma pessoa assim de abuso, entendeu, pra chegar junto com ela eu não cheguei, porque o seguinte, eu não falava a língua dela entendeu, eu não falava a língua dela, e se eu soltar alguma abobrinha pra aquela mulher ali e ela me xingar, me xingar todinho e em botar por cima de mim, que eu tô abusando dela?

Ela ia pra igreja pra me ver na igreja, ela chegava lá na igreja de carro, maior carrão lá na igreja, ela sentava encostadinha de mim, ela falava vamos lá pra casa, Deraldo? Aí eu ia chegava lá almoçava e vinha pra casa umas seis horas, ela mora La, na Santa Catarina.

Não, quando ela vai na igreja eu não tô, ela viu que eu não queria nada, deve ser isso viu, que eu não queria nada com ela (...).

É, como e que eu vou querer uma coisa (...). Uma vez eu fui com ela ali no extra pra fazer um lanche ela pagou tudinho, ela queria alguma coisa mais eu não fui em cima, eu tinha vergonha entendeu? Eu converso com todo mundo mais se abuso entendeu?

Deraldo denomina-se tímido e afirma que a falta de dinheiro o impediu de realizar os seus sonhos, entende também que existem regras para dirigir ,por exemplo, que é preciso uma carta de motorista válida:

(...) Falta de dinheiro, né? Falta de dinheiro, se eu tivesse uma situação melhor, né? Era outro Deraldo um dia, né? E uma casa, né filha, uma casa, carro não que eu não sei por que eu trabalhei com tanto carro, né? Carro sim, se me da assim porque eu tenho carta de motorista também, eu tenho carta de motorista (...). É porque eu sou uma pessoa assim eu gosto de andar com o que é meu, pra mim andar com o carro dos outros, a Leia, a Leia pensou que eu não tinha carta de motorista (...). Então, como eu vou andar assim sem a carta de motorista, tá vencida, mais eu posso renovar, mas não quis, tem mais de dez anos que a minha carteira tá vencida, entendeu? Eu não renovei por causa disso, andar com o carro dos outros? Não faz meu gênio, mas meu sonho mesmo é ter uma casa.

Quando questionei Deraldo sobre quais eram os desafios de morar em um bairro de periferia, o idoso disse que nunca teve vergonha de morar no Jardim Ângela, mas gostaria mesmo é de morar na Piraporinha, que é um centro comercial:

E a Piraporinha, nossa há se eu morasse na Piraporinha!!! Perto de tudo, né?

Deraldo afirmou que nunca pensou em mudar, gostava de onde morava e das relações de coleguismo que adquiriu, este era o seu grande tesouro, orgulhava-se de manter hábitos de higiene, apesar de suas roupas surradas:

É o seguinte, eu fui uma pessoa muito pobre entendeu, então eu nem sei quem é rico e quem é pobre [neste momento a voz ficou embargada quando ele relatou] entendeu isso? Eu não sei quem é rico e quem é pobre. O que eu gosto da pessoa que me trata bem, a pessoa me dá um carinho, eu gosto, adoro um carinho entendeu, adoro a pessoa falar comigo rindo eu gosto disso, porque eu nunca achei isso entendeu, nunca achei isso, a pessoa olhar pra mim rindo entendeu, porque toda vida que eu trabalhei você vê tanto coração, trabalha em obra, neguinho não gosta de você, neguinho fala mal de você, entendeu, neguinho te olha com cara feia entendeu, então pra você achar hoje a palavra amiga e difícil, até aqui mesmo aqui onde eu moro, todo mundo me conhece, mas ninguém fala por trás das minhas costas, não chega aqui pra nós conversarmos um papo, bater uma ideia legal, não vem aqui saber como é que eu tô se passando, neguinho me vê andando mas não sabe como e que eu tô. Às vezes tô até doente, mas eu vivo aqui pela graça de Deus entendeu, quando eu saio pra fora assim, quando eu chego lá na igreja todo mundo me abraça as meninas da igreja, ate aqueles pessoal que não me conhece pensa que eu tenho dinheiro, que as meninas falam tão bem de mim, que elas pensa poxa esse cara deve ter dinheiro. E porque eu como pobre eu não ando sujo.

Eu ando com a roupinha ruim, mas limpinho, meu sapatinho, cabelo bem (...). Adoro chapéu, você nunca me viu, sem chapéu, poxa Deraldo, pensava que tu era careca, não e porque eu adoro chapéu, e um esquema que eu tenho (...). Olha adoro chapéu, adoro chapéu,

boné, essas coisas, e quando eu tava lá no Rio eu gostava muito de raspar a cabeça, mais lá é quente, mais aqui não, aqui é mais e frio, mas eu adoro andar de chapéu.

Ao finalizar a entrevista com Deraldo, perguntei se ele tivesse mais recursos financeiros, o que gostaria de fazer. Ele respondeu:

Há eu iria passear, adoro passear! (...) Adoro passear, passear bastante, conhecer outros países, eu gostaria, né? Meu sonho também, andar de avião, que eu nunca andei. (...). Navio eu já andei de navio (...) Já, mas de avião eu nunca andei, meu sonho é andar de avião, um dia eu ainda ando de avião, mas eu nunca andei de avião, meu sonho é andar de avião... Lá pra fora de avião!

Então aproveitei e perguntei ao idoso se ele achava que a sua relação com a filha seria diferente, caso ele tivesse mais recursos financeiros. Ele informou que a filha nunca o procurou, atribuiu este comportamento da menina ao fato de ele não ter o que oferecer, concluindo que é importante ter recursos financeiros.

(...) É, foi isso mesmo, se eu tivesse alguma coisa uma boa casa, um carrão, então ela me procurava, mais eu não tinha nada eu ganhava um salário, pessoa que trabalha em obra ganha salário mínimo, salário de miséria, pessoal trabalha na prefeitura coitado ganha pouco, ninguém entende isso, eu entendo, mesmo com a minha burrice eu entendo que as pessoas não ganha essas coisas tão assim.

IDOSO 3



Foto 005 - Francisca da Silva Maciel (62 anos) e seu companheiro, fotografada por Fabiana Cardoso da Silva, Mar/13

Francisca da Silva Maciel, 62 anos, originária de Jequeri (MG), reside com o marido e o filho, é aposentada, recebe um salário mínimo. Teve nove irmãos, três morreram, relata uma época de altos índices de mortalidade infantil, em comum a todos os idosos pesquisados, diz que brincou brincadeiras improvisadas, com os recursos que possuíam na época:

A infância lá a gente brincava de pular corda, passar anel, boneca de sabugo, (risos) era muito difícil crianças ter boneca de verdade. Teve uma época que a gente tinha aquelas bonequinhas miudinhas. Éramos nove irmãos, morreu três e ficou seis.

Quando questionei sobre suas condições de moradia, fui informada que sua família morava de favor, em troca de serviços prestados aos fazendeiros. Francisca também relatou começou a trabalhar quando ainda era criança. Diante de sua resposta, pude constatar que a escolarização era privilégio para alguns, bem como havia distinção entre a escolarização para homens e mulheres, uma vez que cabe à mulher a função doméstica de cuidado com o lar:

(...) Era fazenda, dos fazendeiros. A gente chegava procurando um lugar para morar, e então eles arrumava uma casinha para gente morar e trabalhar para eles. A gente plantava milho, feijão, arroz aí eles dividiam parte da plantação com a gente.

Eu trabalho na roça desde a idade de 7 anos. Meu pai quando me colocou na escola eu já tinha 10 para 11 anos, estudei dois meses e meu pai colocou a gente para trabalhar de volta na roça, para carpir. Meu pai dizia que mulher não precisava estudar.

Alguns vícios eram consentidos, como fumar “fumo de rolo”, mesmo na infância, comia-se o que plantava, e o namoro devia ter o consentimento do pai e a intenção primeira de casamento:

(...) Para carpir meu pai ensinou a gente fumar cigarro de fumo de corda na palha, e acendia para a gente fumar, que era para a fumaça para espantar os mosquitos. Minha adolescência, quando eu fiquei mocinha, foi carpindo dentro do brejo, com lama até o joelho. Meu pai era muito rígido, não deixava namorar e nem sair. Desde a infância até a adolescência trabalhei na roça, e não tinha lá essas coisas não. A gente não passava fome. Arroz a gente tinha porque a gente plantava, mas até a metade do ano a outra metade tinha que compra na venda, de quilinho. Macarrão era novidade (risos), no natal a gente comia.

Francisca informou que teve o auxílio de outros parentes no processo de migração:

(...) Primeiro veio meu irmão ele casou ficou viúvo, depois de alguns anos casou de novo e veio para cá, ele arrumou serviço e conseguiu construir uma casa de dois cômodos, depois mandou buscar a gente

para poder trabalhar, veio eu e minha irmã, a gente começou a trabalhar em casa de família, depois Deus abençoou e a gente conseguiu construir uma casinha e mandamos buscar nossos pais. Cheguei em São Paulo com quase 18 anos, voltei a estudar e fui para 5º série. Aos 24 anos me casei e tive quatro filhos de sangue e um adotivo. Continuei trabalhando muito eu e o meu marido para a gente, conseguir o sustento da nossa família.

Em relação às conquistas que Francisca considerava importante alcançar na velhice, ela também considerava que a aposentadoria lhe proporcionaria “sossego”:

Hoje, eu, bem ou mal, tenho esse dinheirinho (...). Antes eu trabalhava e ganhava pouco tinha medo de entra no mercado e encher o carrinho e não conseguir pagar. Essas coisas, a diferença entre desta fase da minha vida e as outras é essa. 36 anos e nunca consegui reformar minha casa (...) as mesmas portas, as mesmas janelas. Só agora estou conseguindo mudar algumas coisas na minha casa.

Em relação às dificuldades que Francisca sentia pelo fato de ser idosa, ela comentou que não gostaria de ter sido acometida por algumas doenças, ficava indignada com a falta de respeito e cidadania dos jovens quando não dão lugar para os idosos sentarem em lugares públicos. Ela disse que complementa sua renda com venda de catálogos de produtos de beleza, uma vez que um salário mínimo é insuficiente para seu sustento nesta fase da vida, além disso, precisava colaborar com o orçamento da casa. Como outros idosos entrevistados, Francisca tinha uma atividade extracasa com os grupos religiosos.

Eu participo de caminhada, atividades no Ginásio, sou católica, participo da pequena comunidade e evangelização uma vez por ano. Eu gosto muito!

Quando questionei Francisca quanto à violência do bairro em que reside, a mesma disse que já teve medo de morar onde mora, mas se fosse para outro lugar, gostaria de morar em uma fazenda, lembrando que a idosa residia em fazenda, na infância. Quanto às dificuldades financeiras, afirmou que se tivesse tido “mais condições”, teria contribuído na profissionalização dos filhos, mas sabe que ele teve de conquistar, por esforço próprio, seu espaço no mercado de trabalho, uma vez que o que os pais recebiam era para suprir apenas as necessidades básicas:

(...) Gostaria que eles tivessem estudado cedo, tivessem formados (...). Mas eu não pude. Só um se formou e com o esforço dele, em administração de empresa, porque se dependesse de nós (se referido a ela e o companheiro), ele não conseguiria.

Ao questionar sobre quais eram os sonhos de Francisca, ela mostrou-se além de sua época, manifestou o desejo de tirar sua carta de habilitação e comprar um carro. Ela disse que se tivesse muito dinheiro, aproveitaria mais a vida, “iria viajar e curtir a vida e ajudar os filhos”.

IDOSO 4



Foto 006 – Geraldo Pablo dos Anjos (62 anos), fotografada por Ariene Lopes, Mar/13

Geraldo Pablo dos Anjos, 81 anos, nasceu em Caraíbe (BA), tinha três irmãos, não foi criado e assumido pelo pai, nasceu em casa e sem auxílio médico no ano de 1932, mas foi registrado depois de adulto, prática comum há 70 anos, quando os registros de nascimento não eram emitidos na mesma semana de nascimento. Reside com o filho e construiu sua residência em terreno da Prefeitura há mais de trinta anos. Diz que cursou até a 3ª série primária, o que atualmente equivale ao “mobral”. Geraldo é aposentado por invalidez e também recebe um salário mínimo. O idoso foi criado somente pela mãe, esta sempre foi muito rígida, alertando-o para que não arrumasse confusão com os colegas na rua, trabalha desde os 12 anos de idade. Em resposta ao meu questionamento sobre

como veio parar em São Paulo, Geraldo afirmou que sua terra de origem era boa, mas não tinha trabalho, exigia esforço das pessoas para plantar e trabalhar nas fazendas em troca de teto:

É São Paulo, como você falou né, porque lá no norte, que nem eu tava falando com um senhor lá na Bahia, a Bahia tá boa demais, têm tudo, têm luz, têm água, têm comida, têm tudo, naquela época não tinha né? A gente queria trabalhar, não tinha lugar pra trabalhar, trabalhava numa fazenda de um senhor (...). Lá na roça que tinha, não dava pra plantar tinha que tirar aquela roça pra plantar outra né, e eu tinha vontade de plantar muita roça, fumo, plantar fumo, mandioca, porque naquela época era mais fumo né, e não tinha lugar, né pra trabalhar, o que eu pegava não dava pra nada.

Era como se fosse de favor, mas tinha que fazer uma casa no meio do mato, de madeira e cobria de palha e ali toda segunda-feira, nós pagava um dia pra ele, que era a renda naquele lugar, né? E a gente tinha que fazer uma tuba pra ele, pra aqueles donos do sitio lá, né?

Uma fala comum dos idosos entrevistados era a de que eles trabalhavam em fazenda na infância e adolescência, muitas vezes em troca de teto, parte do que produziam era do fazendeiro e a outra parte para seu próprio sustento. A atividade principal era a plantação e cultivo de roça. Apesar de a atividade ser remunerada, sobrava muito pouco para que a pessoa saísse da condição que se assemelhava a de um escravo, pois trabalhava-se pela comida, pelo teto e pelo sustento mínimo:

Pagava aquele salário mixaria, né. Então a gente pegava aquele salário que não dava nem pra comprar comida, pra comer né, naquela época era como se fosse nada né, e muitos queriam ver nós, quando era sexta- feira dava pra nós trabalhar pra nós ou sábado e domingo.

Geraldo referiu-se a uma fase no Brasil, em que houve a “crise de farinha”:

No Brasil agora teve uma crise de farinha, então em alguns lugares a pessoa só comia farinha né? Passou na televisão que os negócios tava muito caro, né. Vinha uma senhora de Minas e disse, ah Sr. Geraldo, lá em Minas tá uma carestia, que o quilo da farinha que tava custando dois reais (dois mil réis), agora tá custando (dez mil réis) e teve uma época lá na Bahia, cumé, uma época dessa que ninguém tinha farinha. A pessoa comprava farinha longe né, onde tinha né, quando chegava longe que ia comprar farinha, só tinha o farelo de farinha, não tinha farinha, não tinha nada.

Em relação às suas atividades laborais, assevera que trabalhava de sol a sol na roça quando o tempo ajudava e quando não também, trabalhava na capital (Salvador) como servente de pedreiro construindo casas, mas havia épocas que

não se tinha o que fazer e todos diziam que até as mulheres estavam indo para São Paulo, pois lá era a Terra do trabalho:

(...) Então assim né, beira mar fazendo aqueles bicos, e assim vivia. Quando o tempo mudava que dava pra plantar, nós vinha embora, então uma época, que todo ano eu fazia isso, eu uns amigos lá fazia isso né, porque não tinha nada a fazer nas roças ,né, nem uma planta tinha pra plantar né, pra trabalhar. Então quando fui pra parar na roça com minha mãe porque só fui criado por mãe né, não fui criado com pai, aí o pessoal falava, é Geraldo, o pessoal foi tudo pra São Paulo, até aquelas mulheres casadas, foi tudo pra São Paulo, pra depois que elas tiver lá arrumar serviço, levar a família, levar o marido.

E porque você não vai também Geraldo? Você sozinho, solteiro e tal né? Eu digo, eu ir? Pra lá, pra São Paulo, não tenho profissão, não tenho estudo aí não dá né! A não você vai! Agora você fica aí sem fazer nada, até mulher casada largou família, deixou marido para depois buscar o marido, se não vai? Pegaram a mim incentivar né, então ele falou, olha tem um caminhão aí, que vai pra São Paulo pra levar essas famílias né, uns tinha dinheiro para pagar pagou, outros pagaram depois, né, pagaram metade o resto depois, chamavam de Pompilho. Porque você não vai com essa tal de Pompilho? Tão lá trabalhando, uns foi sem marido, outros tão esperando a mulher vim buscar né. Não tem ninguém aqui foi todo mundo pra São Paulo, só não vou eu porque tô de idade, tal (...). Aí eu pensei, pensei (...) tá certo , eu tinha uma rocinha que eu tinha plantado, vendi essa roça e aí sem ser essa semana, na outra, tava viajando pra aqui né, naquele caminhão grande né.

Geraldo informou que veio de Salvador a São Paulo em um “pau de arara”, caminhão que na época ficava dias na estrada, transportando pessoas, sem nenhuma segurança ou conforto, o caminhão pulava muito, servia de dormitório, as pessoas que não tinham dinheiro para almoçar em restaurante se alimentavam ali mesmo, muitas adoeciam no caminho.

Semelhante a Deraldo, Geraldo veio para São Paulo em busca de emprego, mas sem garantias, em São Paulo fez amizade com um pessoa chamada “João Pereira”, que o instruiu onde procurar emprego:

(...) São Paulo não era nada, tinha poucas casinhas na cidade né?

(...) Eu me lembro que cheguei ali em João Pereira aí eu tinha ido lá uma vez nessa época (...) nos ia ali pro Santana, porque ali em Santana tinha um tal de um Sr. que ele faz construção, pega as casas pra fazer, né e dá serviço a um monte, eu disse vou procurar esse tal de Sr. na cidade daquele Senhor lá, mas cheguemos com uma fome, cansado, cadê comida? Ali nós saltava na época procurando lugar pra nós dormir e não encontrou, com muito tempo tinha uma pensão lá né que só era pra mulher, como nós cheguemos bem tarde, com fome ali, foi lá aqueles que sabia conversar de monte, aí na pensão e

mulher falou, olha aqui tem uma pensãozinha é só pra mulher e o dono, proprietário não tá aqui né e não pode homem dormir aqui né. Aí tava um pouco tarde era só até de manhã né, aí ela falou tem um quarto aí fechado, que ninguém tá dormindo, você quer dormir lá você vai, quando o homem chegar aí de manhã vai achar ruim né, aí a gente foi dormir nesse quarto lá, sem comida, lá eles não tinha comida, não tinha o que comer, chegamos com fome, com a roupa tudo suja e tal né, aí nós deitou lá né, mais tinha pulga, pelo amor de Deus, num colchão velho com pulga, mas nós não dormia né. Quando é de manhã aqui, veio um homem batendo na porta, vamos sair daqui, que aqui não é lugar pra homem, só pra mulher e tal né, como se batendo nós tinha lugar pra ficar né.

Quanto à escolaridade, Geraldo informou que teve de trabalhar muito cedo para contribuir com o sustento dos irmãos, a escola era muito longe de sua residência e isso dificultou seu aprendizado:

Lá na Bahia, minha mãe não tinha condições de me por na escola, a escola lá era muito longe, né, então ela não tinha condições né, quando eu comecei a ficar com doze, treze anos, aí nós já ia pra roça mexer com carroça, fazia comida e era em dois, três irmãos, colocava comida em casa para ela trabalhar na roça e nós tinha que se virar né, pra fazer comida pra aqueles dois irmãos, então ela não tinha condições e naquela época eu fiquei trabalhando, e depois nós rapazes, já rapazes né, então o senhor lá que era político, arrumava uma escola lá, um tal de mobral pra nós estudar (...).

Geraldo também se referiu à corrupção na política, às pessoas que aprendiam a ler para depois votar em “certo candidato”, em troca a família recebia “uns trocados”. Já em São Paulo, exigia-se no mínimo que se soubesse escrever o nome para fazer fichas para os empregos:

(...) Sim lá na Bahia, pra nós estudar, era pra votar né, no começo pra ele saber nosso nome e ele pagava nossa mãe né (...).

Aí eu comecei a fazer o nome, aí já comecei fazer meu nome e já fazer umas continhas lá, que eu não sabia nem a letra Ó, né?

(...) Eu cheguei aqui em São Paulo, tinha que estudar né, pra fazer uma ficha, né, e tinha o mobral, depois da ficha tinha que ter o título, e agora? Tinha que ter mobral, né, aí era duro mesmo.

Aí eu trabalhei em construção, às vezes em uma firma, assim né, e quando eu chegava em casa, correndo na carreira, tinha que chegar, tomar banho correndo no serviço, pra eu chegar cansado, com fome, pra ir pro tal de mobral, né. No mobral tinha uma moça que era do estado na escola né, tinha dia que ela não vinha né, faltava né, voltava ali aquele sacrifício.

Ele acrescentou que sua esposa não o incentivava a estudar e dizia:

Ave Maria! Gostava nada, é como é que vai estudar, tu nunca aprendeu nada, e agora tu não vai aprender nada, não vou mais abrir a porta, era brava mesmo!

Geraldo tem clareza de que depois de adulto foi ficando cada dia mais difícil aprender, devido à jornada de trabalho durante o dia:

Sim era importante, já preenchia fixa, mas não tinha aquilo né? Depois de adulto era ruim apreender mesmo, né. Aí eu tinha que ir pra escola no tal de Lídia né fazer o mobral, aí eu fui lá, quando vinha naquela época eu tinha que jantar dormir, pra mim já trabalhar.

Olha, eu tava bom pra ler e escrever, mas depois parei de tudo e agora nem o nome mais (...). Meu nome eu faço, mais agora com essa vista, nem o nome mais. Essa semana eu fui no banco, que a mulher me chamou pra ir no banco, pra renovar a ficha lá no banco, cadê eu? Não vi nada, né, não via nada.

Geraldo mencionou que recebe dinheiro como aposentado, porém mais tarde descobrimos que não é aposentadoria, mas BPC/LOAS:

Na época que eu fui receber o salário né, por invalidez, porque não tem o direto daquele total de abono, quando eu fui receber o salário naquela época, que eu peguei o décimo terceiro, eu peguei aquele salário bem baixinho né, eu pedi perdão a Deus, a mão foi lá pra pegar, assim e rasgar, fiquei nervoso, porque eu peguei o salarinho pouquinho, porque fui pegar o salário, ainda tinha o décimo terceiro. Não dava pra fazer nada.

(...) Exato, é, acostumei, um salário compensa um pouco né, porque naquela época era um salário seco.

Geraldo informou que sempre utilizou os serviços do SUS – Sistema Único de Saúde, ele teve perda de visão de um olho e enxerga muito pouco com o outro, não tem convênio, fez algumas consultas esporádicas pelo convênio de seu filho, mas continua com dificuldades de acesso ao sistema:

No posto eu tava me tratando, operei da vista nas clinicas, né, mais depois eu fiquei sem o contato não tinha um médico próprio pra eu ir e dificuldade pra mim ir né, aí ele me levou na firma dele do convênio dele, aí ele me levou lá, o médico olhou, olhou e tal e fez um exame lá, perdi essa vista por causa da pressão, glaucoma, a pressão da vista né, eu não sabia né e a sua pressão tá por dezoito, então fui colocando o colírio e tal e teve retorno e ela foi pra doze, agora é boa né. A pressão da vista, então ele examinou, foi uma três vezes lá, pelo convênio, aí ele disse, ó seu Geraldo a sua vista não volta mais, se controlar a pressão que ela tá alta, a sua vista é como o Sr. tá enxergando pelo um cano, passou esse óculos pra perto, pro senhor enxergar. Não tem como o Sr. assistir sua televisão sem usar o óculos, né, pra enxergar como era, não tem jeito. Então fui umas quatro vezes, que voltei lá, ele passou um colírio só uma vez lá e ele marcou né pra meu filho levar no médico de retorno, já passou né. Mais como lá é convênio, o médico disse quando você voltar vamos ver o que vamos fazer com seu óculos, vai trocar o óculos e essa vista, se ela não tiver (...) aí passou um colírio se ela não tiver problema, doendo acho que ele ia fazer um tipo de operação, né, por aquele (...) lente de vidro.

Geraldo tem pressão alta e às vezes sofre de dores no peito, é medicado, mas essas dores reaparecem. Como os demais idosos, ele expõe a dificuldade em agendar consultas com especialistas:

Era no AMA, quando era em Campo Limpo, do AMA me mandaram pro Campo Limpo, né, sempre assim né, então se falo a dor é forte como o Sr. fala, mas a pressão não é tão alta né, e aí seu médico lá tem que fazer o exame geral pro Sr. Só que quando eu fui pra fazer o exame, o médico passou um comprimido, um remédio pra eu tomar né, aí eu tomei e melhorou, né melhorou um pouco, mais depois voltou tudo né. Então ele falou, o Sr. Geraldo o seu coração tá um pouco inchado, tem hora que dá uma dor tão forte que parece que vou morrer, teve um dia que eu fui visitar meus amigos, conversar com eles, que se eu morrer, já vi, porque a dor é tão forte que vai indo, vai indo, aí a vizinha (...) tenho uma vizinha, tudo aqui é cheio de vizinhas né, lá encima que falou Sr. Geraldo é que tu demora de comer, essa dor é falta de comida, então a dor é incrível, aí a demora de comer, aí começa aquela dorzinha, se eu como uma comida mesmo que enche o estômago eu vejo passar mais aquela dor às vezes, e se eu deixo ou esqueço porque tô batendo papo ali, aí vem aquela dor forte, eu não aquento e aí não tem mais jeito né.

O idoso afirmou que apresentou fases de revolta, devido a sua saúde, em especial pela perda de sua visão e dificuldade de trabalho, nesta fase, afastou-se da comunidade onde vivia e experimentou o vício da bebida:

Teve uma época que eu não comia, nem nada, num aguentava né, num tinha um bico pra fazer, nem nada, mandei a mulher embora, eu não podia trabalhar, fazer um bico, perdi as vista de um dia pro outro naquela doença de família, passando fome e tudo, vá embora, não quero! Vá embora, porque só bebia e tal né, não conseguia fazer um bico, por causa dessa doença na vista, né, ela foi embora, aí eu fiquei aí. Sem ter o que comer né, e agora tava uma fome tão brava que parecia que tinha um verme comendo por dentro.

Eu não tinha como fazer bico, não tinha dinheiro, aí pensando naquele rapaz, o Juarez, neném, né? E o Fernando, né, esse menino não tem o que comer, ele pegar o pão dos outros, meu Deus do céu, o que eu faço?

Geraldo, além de conviver com a vulnerabilidade econômica, decorrente da falta de emprego, conviveu ainda com a dificuldade de cuidar de dois filhos pequenos e ter de preparar-lhe o alimento, então solicitou auxílio a escola dos filhos:

Não, ele não tinha o que comer, já pensou se ele pega o pão de um, de um vizinho, ou roubar? Meu Deus do céu e agora? Aí ele tava estudando esse molequinho, um dia eu fui na professora lá, né na diretora, lá, né, olha eu não trabalho, a mulher foi embora, eu não enxergo né e eu tenho dois filho, pra dar comida, né, o que pode me ajudar, se dá pra um dá pra todos, ela pegou dois sacos, como se fosse dois sacos de arroz de cinco quilos e misturado com que ela deu (...) era verde, uma mistura verde que lá em casa a criança sabe fazer, fazer (...) acho que é mingau.

(...) Isso, exatamente, mas eu cheguei aqui nem fiz, eles pegaram e comeram cru exatamente. É, e duas cartela de pão, aí comeram tudo cru.

O idoso trabalhou na infância em sítio em troca de moradia e tem orgulho de dizer que era muito respeitado por sua comunidade:

Do lugar onde eu morava, parecia um deus de lá, agradeço a Deus, até hoje agradeço a Deus, peço á Deus (...) que quando me viam pela primeira vez, seu Geraldo, quando trabalhava com uns amigos, diziam, eu queria ser igual ao seu Geraldo, mas porquê? O Sr. é uma pessoa calma, paciente, direita (...) mas tem que ser assim, é lá na Bahia.

Geraldo contou-me sobre a rigidez com a qual foi educado pela mãe e como foi sua infância:

Então quando eu era rapazinho, eu brincando com aquela criançada, todos brincavam e tal, não brigava com eles, não batia neles, nem nada, mas tinha um tal de José, que era doido, daquela altura, né, mas era aquela brincadeira e também se eu brincasse com uma criança daquela e me batia, (...) oh o menino bateu, chagava em casa, minha mãe batia mais ainda, mas você tava com ele! Se ele bateu em você é porque você bateu nele, então tome, tome, minha mãe batia mesmo.

Ele relembra sua infância com sorrisos:

(...) “Correndo, assim, brincando, correndo no mato, pulando, pintar, né, pega aquele balanço e balançar, pegar uma vara de bambu fazer gangorra, subi rodando assim (...) era assim que nós brincávamos” e ainda cuidava dos seus irmãos: (...). “Então né, então era quem cuidava deles, tudo pequeno, aí sei lá, era eu depois, aí nós cuidava dos irmãos, ia no mato pegar uma latinha de água, pequena trazia para encher o tal de balde, eu e esse irmão meu.

Ele contou-me sobre sua humilde residência com chão de barro, forrado de folhas de bananeira e as criações de animais no quintal:

Exatamente a casa lá era no chão, no barro, nós pegava aquela folha do mato, varria ali pra tirar aquela sujeira. Então naquela época, nós tinha um lugarzinho lá e nós criava um porco, um vizinho comprava um porco pra nós criar, dava pra minha mãe meio criar meio, um porco, uma galinha ao meio (...). Quando o porco tava grande, dez, vinte, trinta quilos, aí vendia e ficava com o dinheiro(...).

Orgulhava-se do reconhecimento dos vizinhos, quanto a qualidade do seu trabalho e também da boa relação que tinha com os patrões (fazendeiros):

Aí, eu não sei por que o pessoal era assim unido comigo, o que acontece, uma pessoa lá dizia, Sr. Geraldo, eu tava rapaz, já homem, dizia Sr. Geraldo eu quero que um dia você vá lá em casa pra limpar a terra plantar na roça, eu digo eu vou, quando dava sete horas eu tava lá né lá, e outros que ele pedia não ia, aqueles outros que não ia e quando era oito horas eu tava ali, Sr. Geraldo, eu vou plantar na

roça, a vez amendoim, café, eu quero que o Sr., vá pra dá uma ajuda, eu tava lá né. Aqueles filhos daqueles fazendeiros lá davam bem comigo, nós não brigava, né, aí eu cresci aprendi a dançar, né. Chegava lá eu pegava na mão da moça pra dançar ela dançava mais eu né. Às vezes ela dizia , ah não vou dançar (...) tudo bem. Já o meu primo, ah se ela vim pra dançar e não dançar, você é bobo (...) Xingava ela de tudo quanto era nome, eu ficava quieto.

Apesar da rigidez com a qual a sua mãe lhe educou, ele lembrou com carinho que ela o ensinava a rezar, mesmo na condição de miséria que viviam, hábito que permanece até hoje:

A minha mãe, eu tive uma mãe, que essa mãe não tem igual, viu., agradeço a Deus. Então se falou de mãe, se eu chego com uma lata e ela disser, essa lata? Eu achei na rua, ela diz, vai jogar lá que não é sua!

É, se você tá com uma laranja chupando e tal e deu uma e ela sabendo que aquela pessoa não deu mesmo, ela (...) você deu essa coisa pra Geraldo? Ali pode chupar e se não foi, aí, apanhava! Até em casa, era rígida mesmo e outra, todo dia pra mim dormir, nós tinha que ajoelhar, ela no começo pegava em minha mão pra fazer.. A gente tinha que rezar e dar benção pra ela de manhã e a noite, rezar todos os dias.

O idoso mostrou-se sempre caseiro, disse que não adquiriu o mesmo vício dos rapazes da época:

Exatamente eu fazia uma favor para o pessoal, eu não brigava, outra eu nunca fui de fumar, nem beber, né , e aquele rapaz a maior parte ia pra bar, beber, zoar no bar, eu sempre tava em casa e quando ficava em casa (...).

Ficava, chegava um amigo, ficava lá proseando, no lugar onde eu morava, em volta todo mundo tinha serviço para fazer. Dia de semana, na casa de farinha, tava todo mundo fazendo farinha, plantando mandioca um terminava e outro fazia eu sempre tava ali ajudando, batendo papo com amigos.

Geraldo também relatou sobre seu cotidiano no sítio e, já muito novo, tinha a dimensão da necessidade de trabalho e a possibilidade de brincar, nesta época nada se desperdiçava nem mesmo o animal que morria por acidente:

Não, dava pra brincar na hora de brincar (...) era brincar e na hora de trabalhar, era trabalhar, né, de manhã nos ia trabalhar agora de noite (...) eu sei lá que horas eram, e no domingo nós tinha pra brincar, né e assim, então um dia nós cuidando do porco, um pintinho parecendo uma codorninha, aí o porco mordeu aquele fraquinho, pá, pá, pá, caiu, ficou duro, aí peguei aquele franguinho (...) minha mãe era cozinheira também né, peguei, coloquei no fogo, tirei aquelas peninhas dele tudo, né e cortei ele certinho, cozinhei, aí eu pus no tempero, pus no fogo, né e coloquei folha de hortelã, que colocava na comida, né.

Então tinha um azeite de dendê do bom mesmo, passei naquele bichinho, mas que cheiro (...) a mãe chegou e disse que cheiro gostoso

que tá, ah foi o franguinho que o porco matou. Ah não! Nem água eu vou beber aí, aí eu peguei, já não comi, dei pra meus irmãos.

O idoso não nega as inúmeras dificuldades financeiras que teve ao longo da vida, mas informa que sempre contou o apoio e a ajuda dos vizinhos para enfrentá-las, tem afeto por alguns amigos do bairro onde mora e relata gostar de fazer amizade e falar sobre “namoro”:

(...) E assim foi a minha vida, foi só sofrimento, eu tinha mulher, tinha filho, ia trabalhar, então né, era só pra limpeza, primeiro era só um salário, quando pegava aquela salário só mesmo pra, pra comer e quando era no outro dia que era dia de sexta-feira às vezes não tinha nem o dinheiro da condução, como tinha mulher, pegava o dinheiro dela, ela me arrumava (...).

É, do bairro. É com o pessoal do bairro, tem uma vizinha que têm um filho paralisado, já nasceu paralisado, nem levanta da cama, ele não se mexe, pra dá banho, para dá comida tem que dá comida, tudo então eu vou lá conversar com ela e tem esse menino, esse homem de cinquenta e poucos anos, mais mal fala, tem que por comida na boca, só que agente entende tudo que ele fala né. Ele gosta de ter namorada, fala em namorar. Então eu brinco com ela, sabe dá risada e tal, né. E assim eu fico conversando com ele, quando eu morava lá em cima, tinha uma vizinha, que faltava luz na casa dela, aí eu fui acerta a luz dela, é um casal né, já tem filho tudo casado, né, quando vou pra casa dela, o marido chegava casa, tudo escuro e agora o que faço? Vou chamar Geraldo, e naquela época chovia bastante, e a rua toda de barro, quando chegava lá tava deitado umas oito e meia mais ou menos. Geraldo tá aí? Tá dormindo? É que lá tá tudo escuro e eu precisava de ele ir lá (...) Eu levantava, vestia a roupa, uma chuva! E trocava o fuzil, então ficavam assim comigo. Eu almocei na casa dele e lá tal. Então de vez em quando, ela chega aqui com uma marmita, tapuer (tupeware) com marmita, não eu tenho comida! Eu sei que você tem comida. Esse marido dela falou, Sr. Geraldo eu agradeço a você e a Deus. Lá se queima uma lâmpada eu vou lá e troco, se tem algum problema pra resolver da lâmpada, vou lá e resolvo tal, tudo é eu no comando e agradeço a Deus por tudo eu aprendi contigo, lá no norte, o pessoal é assim comigo.

Quando questionei sobre as fases de vida que Geraldo mais aproveitou, ele disse que tinha saudade da época em que era “jovenzinho”:

(...) Desde criança tive liberdade para brincar com aquela mulecada, a gente sai correndo, quando pensava que não, caía pra traz tonto. E aquela brincadeira de criança e tal, né aí crescendo no jeito como criança e como adulto o pessoal dava valor, né. Então era uma coisa gostosa, tem pessoa que fala da infância, não foi uma infância de bens, de dinheiro e tal, mas uma infância boa, graças a Deus, né. Não tinha problema com amigos, nem com criança, foi uma infância gostosa né. E hoje também a idade, na parte da idade, eu sei lá, agradeço a Deus na sorte que teve e onde estou, né, não é que agora com problema na idade vou ficar desgostoso, mais agradeço aquilo que Deus fez comigo né, então não tô com vida mole, faço bico, ainda mexo com luz e depois, aqui em São Paulo ou na Bahia a pessoa tinha coisa pra fazer, eu ia fazer o serviço, quanto eu é? Nada (...) não quero nada, ah nada não (...) tá certo e assim eu fui vivendo.

Quanto à espiritualidade ou a sua participação em grupos religiosos, ele informou que é católico e esta comunidade religiosa de certa forma era flexível, pois ele podia participar de outros cultos, quando convidado. Com exceção da Igreja, não realiza mais nenhuma atividade, gosta mesmo é de ficar em casa e bater papo:

Eu sou católico e tenho prazer de ser católico, né, só que eu vou. Sou católico, se você tiver uma, se for de outra igreja (...). Igual meu filho aqui (...) se você foi de outra igreja Adventista, Universal, sei lá, ah Sr. Geraldo, o Sr. não quer ir na minha igreja, lá? Aceita uma oração? Vamos, quando? Tal dia, eu é assim, né.

Geraldo parecia agradecido a “Deus” por chegar a 81 anos e disse que não havia como evitar a velhice:

Ser idoso é uma pessoa, vive bem na sociedade, na juventude, né e depois de fazer tudo que Deus pede, e tá na bíblia né, tá não beber, ser honesto com vizinho, com amigos né e chegar idoso já um bem dado por Deus, pra pessoa chegar aquela idade né de setenta, oitenta anos, né, então já é dado por Deus e a pessoa naquela idade tem que agradecer a Deus, que chegou naquela idade e ele tá vivendo (...) acho uma coisa normal. Tem pessoa que fica nervosa, acha ruim, né, é tão normal, a não ser mulher (...) mulher tudo bem tem que se cuidar né, igual o homem que chega na idade, ele tem aquela vaidade de pintar o cabelo pra não mostra que já é velho e tal, eu gosto muito da idade que é dada por Deus, tem que agradecer a Deus pela idade. E quando o cabelo vai ficando naquela idade, branco e tem que, né, não tem jeito mulher tem que fazer alguma coisa. Tem que agradecer a Deus porque chegou aquela idade e tal, e ter muita fé em Deus e agradecer o dia que Deus quiser.

Mais uma vez os idosos entrevistados pareciam preocupados em ficar doente na velhice e tornar-se dependente de outras pessoas, para seus cuidados.

A maior dificuldade é quando a pessoa espera pela doença, é não fica saindo da cama, né e é dominado pelos outros né, pelo um parente, pela mulher, irmão, aí que é a maior dificuldade, entendeu? Mais antes, antes não, é bom, ainda mais (...) igual a dificuldade da minha vida né, pra mim tá bom demais. Se eu tenho que ir aqui, posso ir sozinho, vou devagar, né, ir no banheiro, mas é bom (...) é por causa da idade, não adianta ficar fechado, se mal dizendo, não é?

Ser idoso para Geraldo é ser mais respeitado pela experiência de vida que tem. Mencionou sobre as pregações que escutou sobre o fim do mundo ao longo da infância e questionou se o CPF não é o documento que separa ricos e pobres, pois sem ele não é possível comprar o vender:

É, porque (...) Exatamente, porque (...). É isso mesmo, quando a pessoa entende, pra quem entende a natureza, primeiro lugar Deus, né, então as pessoas respeitam de jovem, desde pequeno até adulto, né, tem pessoa no mundo, hoje em dia que não respeita o novo, nem velho, nem nada. Tem gente que chega e diz eu sei que o Sr. entende as coisas, sei, o Sr. já tem o cabelo branco, e entende as coisas e tal.

Você fala sabedoria, o testemunho de Jeová pega a bíblia e tá tudo bem, digo pra eu era pequeno conheci a pessoa lá, não sabia a letra do O, o pessoal daquela época falava que não ia chegar o fim do mundo porque o mundo não tem fim, as que a terra ia tremer e você via a terra tremendo, eles falavam que os filhos não ia conhecer mais o pai e a mãe e tá acontecendo hoje em dia, né. Então o pessoal falava, pregava o fim do mundo por a besta fera, o capeta sei lá e ia ter o filho da besta fera, e todo mundo tinha que ter aquele documento, rico ou pobre, igreja, né. Então hoje em dia me vejo e fico pensando é o CPF, quem não tiver o CPF não compra nem vende.

Acredita que a velhice é diferente das outras fases da vida por conta do vigor, da garra e da força que estão diminuídas. Geraldo disse que se aquele dia fosse o último dia de sua vida, ele pediria a Deus que o perdoasse por algum erro. Quanto aos sonhos não realizados, Geraldo disse que gostaria de comprar uma terra, ter uma família grande e uma mulher tranquila que ele não precisasse mandar embora:

Um sonho que não realizei? É uma pergunta difícil e fácil, porque eu pedia á Deus, fazia um sacrifício e tal pra ter uma moradia né, uma moradia pra noite comprar um sitio lá e morar né, exatamente. E agora outro sonho que eu pedia á Deus é (...). A esperança só acaba quando a pessoa morre né, era ter uma família, três, quatro, cinco, seis filhos e ter casado com uma mulher mesmo, que eu ficasse ate o fim né. Esse era meu pensamento, mas não aconteceu né, eu pensava em ter uma família, uma mulher cuidadora, sei lá, que não fosse nervosa e ter quatro, cinco seis filhos, trabalhando tudo né, ser uma família grande, igual meus filhos que moram comigo, agradeço a Deus, porque eles não fumam, não bebe né, não fica no bar bebendo, o que mora comigo é Adventista, mais é bravo, é nervoso, é tudo, só Deus, ele faz tudo como é dele e assim. Eu tenho um filho que mora na Bahia, então ele pegou o filtro pós ali, eu tô pensando que ele ia lavar a pia, arrumar tudo (...) Ah pai deixa aí, então ele é desse jeito (...).

Ele atribuiu a não realização da casa no sítio à falta de dinheiro, pois ganhava um salário mínimo e não tinha condições de avançar economicamente, ele lembrou que era preciso trabalhar dobrado para conseguir sobreviver, sem contar a falta de registro e os acordos irregulares entre patrão e empregado:

(...) Fazer minha vida aqui, quando eu começava a trabalhar um mês, dois e três, né, aí a firma abria falência. Igual uma firma que eu trabalhei na construção, né, eu trabalhei naqueles prédios tudo na Nove de Julho, né, aí quebrou tudo, né, a firma pegou o serviço de volta. Então trabalhei e perguntava a firma é boa? É boa, dá aumenta antes do fim do ano, dá férias, dá tudo, aqui o mais velho tem vinte e cinco anos. Tudo bem, opa, graças a Deus, vou pra cima agora e dá extra, dá tudo, né, só nas horas extras que você faz dá o dobro do pagamento, tá bom né (...) quando foi um dia a firma entrou de sócia com outra, não sei o que aconteceu lá né, e aí chamou aqueles que tinha vinte, trinta anos e fez acordo (...) vou fazer acordo com vocês

velho de firma, não vou mandar embora, nós paga o direito e aí vocês vão pra casa, fica um mês, volta e depois volta e continua o trabalho, né. Aqueles desabou né, os que tinha trinta anos, foram pra casa, com um mês que voltaram a trabalhar, com um mês, dois (...) a firma mandaram embora, então não dava pra fazer nada (...).

Ao questionar se alguma vez o Geraldo teve vergonha de dizer que morava na periferia do Jardim Jardim Ângela, ele disse que se orgulhava da cidade de São Paulo, já que tinha a sensação de pertencer a esta cidade. De alguma forma, não sentia a invisibilidade decorrente de sua pobreza, convivia com as expectativas de velhos amigos que o via como professor e percebia o crescimento da região de M'Boi Mirim em especial da região do Jardim Ângela:

Eu não tive vergonha, tive prazer né e muito prazer de tá em São Paulo, inclusive eu tá em São Paulo, eu agradeço tá em São Paulo, uma cidade maior do mundo, pra tudo na vida, pra trabalhar o cara chega aqui e arrumar emprego, tá bom demais. Chega hoje e amanhã tó trabalhando né, nunca tive vergonha, tive prazer, morar em São Paulo, viver em São Paulo, onde estou, ter meus amigos tenho o maior prazer, nunca vi uma pessoa no mundo que olhasse e virasse a cara pra mim. Aí uma vizinha que o conhecida dela é Cleide e foi pro Rio, tá montando uma igreja lá né, e a amiga de lá que mora pra lá de Jabaquara (...) aí ela vinha aqui só pra ir pra igreja né, aí ela chegou aí, quando ela me viu, Sr. Geraldo, começou a conversar comigo, Sr. Geraldo e tal, pensei que o Sr. era um professor, ah como? Já pensou? Eu não ou nada, sou um ninguém né, então só tenho prazer tudo com isso a pessoa me ver, né.

Não senti vontade de me mudar, eu sentia se eu tivesse pra mim, se eu tivesse uma possibilidade melhor, aumentar a casa, comprar uma propriedade melhor, ter os filhos cada um a sua casa e ficar aqui mesmo, pra mim é bom lugar, bom pra si viver né, carro prá cá e carro pra lá aqui era tudo mato

Vi crescer tudo era mato, tanto que morava na zona norte, pro lado de Santana, aí tinha uns amigos, dois amigos, quando é um dia, ele veio me mostrar esse terreno em Piraporinha, ou sei lá Jardim Ângela, naquele dia não tinha ônibus pra Vila Remo, ele chegou na avenida, era o terreno dele, a rua de barro, aí ficou olhando, assim olha aqui Sr. Geraldo, Sr. Geraldo é um terreno, dez metros, aqui é bom, eu digo, é, eu olhei assim só mato. Aí eu olhei pra longe e vi um prédio lá pra Paulista né, voltei olhei e pensei marginal sai dali pra ficar aqui no mato, ela falou é bom é bonito aqui? Eu digo é né? (risos).

Quando questionado se recebesse muito dinheiro o que faria, o idoso mostrou-se realizado, preferia a saúde e o bem-estar, não associava diretamente a felicidade ao dinheiro que possui:

Você fala umas coisas que penso como eu já pensei, se eu tivesse uma grana agora, mais eu já pedi a Deus, eu digo Senhor, meu Deus, Senhor, eu não quero ganhar na Mega Sena, na Loto, não quero Senhor, não quero esse dinheiro meu deus, eu quero viver Senhor, eu quero ter vida, saúde, meu Deus que eu possa andar, ir no médico, conversar com as pessoas, eu não quero esse dinheiro, falei já pra Deus, ganhar na Mega Sena, por isso que eu não jogo.

Em seguida reforça que se sente feliz com a realização dos filhos, que mais dinheiro serviria apenas para dar-lhes mais conforto, agora tem uma vida mais pacata e caseira, mas ainda namora:

Dá pros filhos né, dar pros filhos, ou senão aumentar a renda deles, eu não vou dizer vou passear em tal lugar, sou mais caseiro. Tenho um irmão por parte de pai que diz vêm aqui (...). Tem uma mulher que tá de idade, que eu já namorei vêm aqui ficar comigo pra namorar, tô sozinha e lá tem luz, tem tudo, eu não esqueço você, vem pra cá, você era metido, mas agora você já tá velho vem aqui, eu tô sozinha, mas aquele negocio de passear eu não sou assim, né.

IDOSA 5



Foto 007 – Ivone Ferreira do Amarante (68 anos), fotografada por Elisângela Sobral, em Mar/13

Ivone Ferreira do Amarante, 68 anos, nasceu na Bahia e veio para São Paulo por causa de uma seca que atingia há anos o Estado e porque teve que fazer uma cirurgia e na roça, na época não havia hospital e outros recursos para seu atendimento. Ela disse que se criou aqui, veio para São Paulo com a mãe e foi cuidada por uma irmã que na época já era casada. Atualmente, mora com os três filhos, é viúva, pensionista e conta esporadicamente com o auxílio dos filhos. Quando questionada sobre sua escolaridade, informou que não pode estudar:

Não, não me formei porque nunca tive tempo (...) (risos).

O trabalho, né? Eu praticamente era mandada pelos outros, porque eu trabalhava de babá, de empregada doméstica, eu não tinha onde ficar, minha irmã ficou doente com tuberculose, ela foi internada ficou dois anos fora de São Paulo e eu tive que ficar em casa de família trabalhando pra sobreviver, né? Porque não tinha ninguém aqui além dela.

Quanto ao atendimento da Saúde, esta idosa também fez referência à morosidade do atendimento especializado:

O que eu acho, falta de médico, falta de médicos pra cada tipo de problemas né? Que cada pessoa tem um problema e eu sou uma das pessoas que preciso muito eu não sou atendida, não vou dizer que não sou, mas olha (neste momento ela dá um longo suspiro e se emociona) há quatro anos que eu estou esperando uma vaga de cirurgia só agora que veio surgir a vaga. Eu faço tratamento de hérnia de disco, eu tenho hérnia de disco, eu tenho bico de papagaio, eu tenho osteoporose, e por isso não trabalho mais fora, eu tenho disposição, porém não tenho condição de me mover.

Sobre a infância, tal como os demais entrevistados, a idosa também mencionou que começou a trabalhar muito cedo e não teve tempo para estudar.

Muito sofrida porque eu morava na roça o tempo que eu fiquei na roça eu tinha que trabalhar na enxada, eu não tinha tempo de estudar, eu plantava milho, feijão, mandioca, tinha que carpir terra, cortar madeira de foice, essas coisas aí que se faz na roça, cuidava de porcos, era da família.

Em relação à modernidade e à educação dos filhos na atualidade, a idosa desabafou:

Infelizmente hoje não existe mais assim respeito, não existe mais moral, as famílias tão praticamente destruídas por causa da criação, por causa do dia a dia por causa deste negócio que diz que é moderno, modernismo, né? Dizem que é modernismo, mas eu acho que é tudo destruição, não mais o respeito, filho não respeita pai, pai matando filho, filho matando pai, prostituição muito a vontade, droga, bebida, então ninguém mais é feliz, ninguém, cê luta de hoje em diante pra tentar ser feliz pra ter a sua vida ali regrada com Deus, ali, você quer deste jeito e a outra família quer do outro lado. Infelizmente atrapalha muito.

Já na fase adulta, Ivone disse que teve dificuldades que ultrapassaram a questão financeira, ficou viúva muito jovem, com seis filhos para cuidar:

Muito importante é que eu já passei por tudo essa fase, né? De ficar viúva o marido teve câncer, ficou doente e morreu, aí eu fiquei com seis filhos pequenos pra mim cuidar sozinha, sem nada, não tinha nada, nada, nada, só tinha um barraco de tábuas mesmo, pra botar os filhos dentro, não tinha um banheiro, não tinha água encanada, tinha um bico de luz emprestado, então foi muito difícil, eu tinha que trabalhar em dois serviços pra poder alimentá-los, porque eu fiquei dois anos sem receber pensão, então eu tinha que desdobrar, né? (...). Foi muito difícil, muito difícil mesmo, perto do que eu vivo hoje, hoje estou no céu, nem estou mais na terra, vivo no céu graças a Deus!

Ela comentou ainda que o que mais gostava de fazer era cuidar de sua família, que nasceu para isso e este é o seu dom:

Eu gosto, eu acho (...). Passei toda a minha mocidade cuidando da minha família, trabalhando e cuidando, eu não sei se é certo ou se é errado mais eu cuidei e agradeço muito a Deus por Deus ter me dado esse dom, porque isso é obra de Deus, não é que eu queira fazer, é porque é assim, quando Deus te coloca no mundo pra fazer uma obra, você tem que fazer aquela obra mesmo. Mesmo que você queira mudar seu pensamento, mas Deus não diz você vai é por aqui, minha obra aqui na terra é cuidar da minha família, toda vida, mesmo que já tenha tudo grande, tudo já velho e eu continuo me preocupando e cuidando de cada um.

A idosa disse ser feliz, todas as dificuldades da maturidade trouxeram-lhe muito sofrimento, acrescentou que não tinha problemas para envelhecer, ou ser uma mulher velha:

Bom é muito bom, sabe por quê? Porque eu não tenho complexo de ser uma mulher velha, porque eu tenho este conhecimento todo, através da juventude é claro mais a juventude pra mim não teve nenhum pouquinho de alegria de felicidade, eu vim ter alegria e felicidade depois que eu passei por tudo isso fiquei velha, hoje eu me sinto com doze anos, se não fosse as doenças, que não deixa eu caminhar, não deixa eu trabalhar fora, né? Eu, eu acho que eu me sinto, que eu levanto de manhã, eu sinto vontade de trabalhar de fazer uma limpeza na minha casa, deixar tudo brilhando e já não posso mais por causa do problema do braço e da saúde, né? Mas eu sinto essa (...) eu me sinto uma menina eu não tenho assim complexo da minha idade das peles tá mole das banhas estar caindo, eu não tenho (...) (risos).

Ivone sempre prezou pelos cuidados da família, disse que o que mais a incomodava era a forma como as famílias se destroem:

Que eu vejo hoje é assim, vê os jovens se destruindo, eu fico muito triste, porque eu não penso somente em mim, eu penso também no próximo, quando eu vejo uma família sendo assim é destruída pelos vícios do mundo com a sua família, isso me abate muito eu quando eu vejo na televisão ou vejo assim nos vizinho sabe eu fico muito sabe (...) é uma coisa que me choca que me aperta o coração, eu não fico bem.

Para ela, as suas maiores conquistas foram ter uma família unida, além de todos os seus familiares terem seguido bons caminhos, apesar de eles morarem em bairro de periferia.

Até os dias de hoje foi ver a minha família toda assim cada um na sua casa, tendo sua vida, independente de mim, né? Todos felizes e vivos, não tenho assim filhos que me dá dor de cabeça, tem esse caçula aí que é de vez em quando ele bebe me dá um pouco de dor de cabeça, assim fico chateada, né? Mas tirando disso, graças a Deus para honra e glória do senhor Jesus são uns filhos abençoado, maravilhoso, todos trabalhador que não me dá vergonha, nem vexame eu amo muito a minha família.

Ao questionar sobre o que ela desejaria caso aquele fosse o último dia de sua vida, ela respondeu que gostaria de manifestar sua fé e disse que não realizou o sonho de estudar em uma faculdade:

Agora no momento, eu gostaria de ver toda a minha família nos pés do senhor, todos eles sendo transformado, sendo evangélico, transformado pra poder seguir os passos do Senhor-.

Possuo sim, seria fazer faculdade, eu nem pude estudar porque eu não tive tempo (...). Seria assim, enfermagem, para poder ajudar as pessoas que precisava, velhinhos doente, crianças que não tinha certos cuidado, é o meu sonho.!

Quando eu perguntei se a falta de recursos a impediu de suas realizações, a Senhora Ivone respondeu que o estudo, bem como o respeito e a moral eram importantes.

Foi porque, porque como eu não morava já com os meus pais, nasci na roça e me criei em São Paulo desde 60, então aí eu não podia, eu tinha que escolher ou eu vivia no emprego ou então eu vivia na rua, então eu era obrigada a obedecer patrão, eu era tão pequena que eles que me colocavam no banho e eles que me davam banho e me botavam no quarto e trancavam a porta do meu quarto e iam pra dentro de casa dormir quando era as seis da manhã eles se levantavam abriam a porta do meu quarto, eu ia pro banheiro tomavam banho, pra cuidar no serviço da casa, isso eu vivi um bom tempo até eu crescer né? Porque até aí eu era criança pequena (...).

Ahhhhh, com certeza! Se eu tivesse recurso e tivesse possibilidade, tendo seis filhos, eles estudavam um por um, porque o estudo é uma das coisas mais importantes além do respeito da moral, da família, o estudo é tudo numa família, primeiro Deus, a família tem que ter Deus como base como estrutura, da família depois de tudo isso vem os estudos porque sem os estudos a pessoa não consegue crescer, trabalha noite e dia e não consegue crescer.

A idosa não se referiu de forma negativa à periferia, mas disse que já sofreu discriminação quando não tinha uma casa de tijolos. Informou que apesar de já ter visto muitas tragédias, ela e sua família tinham sido cuidadas e abençoadas por Deus:

Olha, eu às vezes eu senti vergonha, mas assim era uma vergonha que eu era obrigada a aceitar, sabe? Eu uma vez me choquei muito, quando eu saía pra trabalhar meus filhos ficaram brincando assim no terrero, não tinha muro não tinha nada, era um barraco de tábua somente, aí tinha umas crianças brincando aí ele falou assim, a mãe da criança falou assim não brinca com eles não que eles moram em barraco de tábua, eu falei, filho não se importa com isso daí não, que a mamãe vai trabalhar em dois serviços e vai fazer uma casa pra vocês, e foi a primeira casa que construí foi pros meus filhos trabalhando em dois serviços noite e dia, e reuni dinheiro e construí uma casa pra eles, quando chegou o material que eu comecei a construção da casa, os vizinhos tudo saíam pra fora abriam só um burquinho assim (gesto com as mão que simbolizava o espaço aberto pelos vizinhos na janela ou na porta), ficavam olhando o material chegar, caminhão de material chegando, caminhão de material

chegando, depois os pedreiros trabalhando, fiz casa com dois quartos, sala, cozinha, banheiro, chuveiro quente pra eles, banheiro, pia com gabinete, tudo bonito sabe? Isso foi uma conquista maravilhosa que eu fiz pros meus filhos (...).

Não, aqui nesse bairro aqui é um bairro pra mim muito abençoado, porque já houve muitos problemas, mas até aqui o Senhor tem guardado a minha família, cuidado de cada um, zelando, cobrindo, não deixando faltar nada. Apesar de ser periferia, mas já houve muitas tragédias, mas o Senhor cuidou da minha família eu só tenho que agradecer. Eu gosto muito deste bairro é um bairro que todas as pessoas que chegam do lado de fora, passando fome, jogando, consegue crescer na vida trabalhando, batalhando consegue comprar sua casa consegue comprar seu carro, consegue formar sua família aqui.

Por fim, quando questionada sobre o que ela faria se ganhasse muito dinheiro, a idosa informou que reformaria toda a casa, faria uma garagem e compraria um carro, pois a falta de carro a impede de se locomover pela cidade. Foi uma entrevista bastante emocionante, pois a entrevistada se lembrou de fatos marcantes de sua vida.

IDOSO 5

Senhora Júlia Libarina Arruda, 66 anos, nascida em Poções (BA), saiu da Bahia na fase adulta, depois que sua filha Maria de Lourdes veio tentar a vida em São Paulo. Julia, atualmente reside com o esposo. Como todos os idosos entrevistados, ela também não teve acesso à educação formal:

Não, não tenho estudo, só os tiquinhos, eu chorava pra aprende ler, naqueles pedacinhos de papel que vinha embrulhado as coisas da rua, eu pedia pro meu pai ele dizia amanhã eu deixo vocês aprenderem um pouquinho na casa de seu Joaquim Cajueiro, eu pedi muito a Deus pra aprender a ler, estudei uns três meses, ou era de manhã ou de tarde, aí a gente saía da roça e ia estudar uma horinha, mais mal pegava nos caderno e ele mandava chamar pra ajudar na roça, não tinha escola, meu pai que pagava um professor, pra ensinar nós, minhas irmãs não aprenderam nem assinar o nome, mais eu, graças a Deus comecei a lê uns romance e aprendi um pouquinho, meu sonho era ler um livro. E hoje leio as escrituras, graças a Deus!

Sobre a sua infância, ela também comentou que teve de trabalhar muito cedo:

Minha infância na Bahia foi boa que criei junto do meu pai trabalhando noite e dia trabalhava, desde a idade de sete ano nós trabalhava na roça, inda tô aqui viva com saúde que Deus é grande né?

A idosa disse que teve fases boas na infância, na adolescência e também na velhice com os filhos criados:

Ô moça na adolescência eu achava bom porque era criança, não imaginava nada, e agora na idade acho muito bom também, muito bom, porque tenho meus filhos meus netos, a gente ôia aí, tem meu marido.

Júlia informou que como atividade frequente a igreja, refere sempre a Deus e diz que sua velhice é tranquila, pois ainda consegue trabalhar e cuidar de suas coisas. Ela afirmou que a vida hoje é muito melhor do que na época da Bahia:

Risos (...). É, porque já tá velho já de idade né, hoje nem tanto mais lá no sertão da Bahia se comia até bruaca veia pra mata a fome, uma vez veio uma chuva e apareceu um monte de pé de couve na beira do rio, foi aí que comeram as folhas e plantaram os pés de couve e deu pra matar a fome. Não acho muito difícil hoje também não.

Como conquista, Júlia mostrou-se bastante orgulhosa por estar casada, pois muitas pessoas de sua idade se separaram:

A maior conquista que eu tenho é porque tem 66 anos de casada e tô com meu marido achei uma conquista muito boa, que ainda tô vivendo com ele, Jesus tem dado está oportunidade que hoje os casamentos é de uma semana, (neste momento ela se emociona) eu acho muito bem graças a Deus.

Quanto aos questionamos sobre o que ela faria se aquele fosse seu último dia de vida, ela respondeu que entregaria seu destino a Deus:

Entregar o meu caminho a Deus, orar e vigiar falar com Deus e (...) (se emociona e fala neste momento com a voz embargada não consegue concluir)

Quanto aos sonhos, Julia disse que tinha o sonho de estudar, e ainda o tem, mas não conseguiu realizá-lo. Isso me faz pensar que esta idosa não considera a sua idade como uma idade ativa, em que se pode retomar alguns desejos. Ela acredita que a falta de recursos a impediu de proporcionar uma vida melhor aos seus filhos:

É, impediu, né? Impediu de dar porque lá nessa Bahia eu cansei, não tinha escola, eu poderia ter mandado eles estudarem fora, mais (...) (se emociona) fiz o que pude paguei escola particular nos cantinho dentro dos matos, só aprenderam pra eles mesmos aí (...).

A idosa também idealiza o sonho de uma boa casa, gostaria de ter muito dinheiro, para poder abrigar seus filhos e netos.

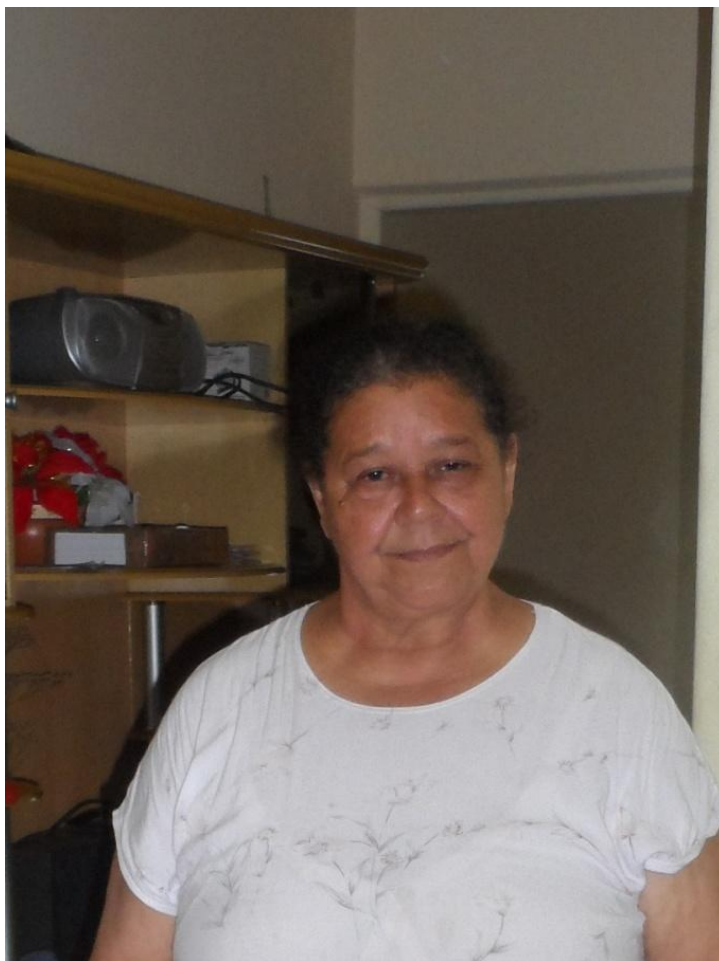
IDOSO 6

Foto 008 – Maria da Glória Ferreira (72 anos), fotografada por Ariene Lopes em Mar/13

Maria da Glória Ferreira, 72 anos, nascida na Cidade Senhora dos Remédios (MG), a idosa fez questão de dizer que seu sobrenome foi mudado após o casamento, antes era Carvalho, agora é Ferreira! Veio para São Paulo depois de casada, para acompanhar o marido, que migrou para São Paulo em busca de emprego e para tratar da filha que necessitou de uma cirurgia quando nasceu. Quando chegaram em São Paulo, foram acolhidos por um tio, que morava em M´BOI Mirim, pagavam aluguel e tiveram uma vida muito simples neste período. A idosa mencionou muitas datas, nomes, referências de empresas e trouxe à tona como foi o povoamento da região. Atualmente, a idosa reside com o marido e seus dois filhos, mas há outros filhos que moram no mesmo quintal. Maria da Glória também estudou pouco, até a 4ª série primária, cursou no período da noite em SP,

no esquema de “mobral”, hoje, alfabetização para adultos. Maria da Glória, como parte de nossa população idosa, tem diabetes e pressão alta, também não tem convênio médico, acessa o SUS – Sistema Único de Saúde – sua doença é controlada, suas consultas são previamente agendadas de seis em seis meses. Ela é casada há 49 anos.

Como a maioria dos idosos entrevistados, Maria da Glória não pode aprender a ler e escrever na infância:

Não, Não, não sabia nada, aprendi um pouquinho aqui, aprendi mais foi aqui, que lá também nos morava na roça e não tinha escola, tinha que ir longe se quisesse, tinha que ir longe, a gente não tinha cavalo, não tinha carro, não tinha nada, tinha que ir a pé e tinha que ter uma turma grande pra ir, né que era longe aí como não tinha a gente também não ia pra escola, não ia não.

Quanto à infância e à adolescência, Maria da Glória disse que não tinha para falar:

A minha infância, não tive quase infância não, na minha infância (...) porque quando eu tinha mais ou menos de dez a onze anos já ia trabalhar na roça, a minha infância só nos domingos que a gente tinha um tempinho pra passear para conversar com as colegas pra ir ~~à~~ igreja que era longe, a igreja era que nem a escola se você tivesse bastante companhia pra ir, então minha infância era assim, quando tinha uma festa a gente ia lá igreja pra rua na cidade, ficava lá o dia todo passeando por lá, conversando com as moças com os rapazes, ficava por lá sabe, mas na roça era só ir pro serviço.

Ah foi a mesma coisa, continua a mesma coisa, não mudou nada a gente ficou assim na roça mesmo trabalhando, indo pra roça plantar milho, plantar feijão, capinar, colher café, você sabe quando o café nas árvores, aqui não tem no, a gente conta a pessoa não acredita, né, mas lá tinha aqueles cafezal grandão chamava uma turma de mulher pra ir catar o café sabe, não é como faz como faz hoje, a gente catava caroço por caroço pra não estragar os pé né. Hoje eles estragam tudo com dois três anos não dá mais, seca.

Quando a idosa comparou a velhice às demais fases de vida, afirmou que esta estava sendo a sua melhor fase:

Olha a minha velhice tá sendo melhor do que minha infância, porque eu já lhe falei, meu pai morreu eu tinha uns onze anos de idade, onze meses, não tinha nem ano ainda, então quando minha mãe tinha que trabalhar lá ia com os irmãos mais e eu ficava com os mais novos, aí a gente foi ficando assim né, mais ou menos isolado, né? Quando eu fui crescer que já tinha uma idade de nós todos ir pra roça, então todo mundo ia, não era só pra família não era pros de fora também, pra ganhar um dinheirinho, pra comprar uma roupa, um calçado, comprar comida, então a minha infância de criança foi essa aí viu, não teve muita graça não.

A minha velhice hoje eu tô aqui se eu quiser sair, ele tá em casa, porque ele também tá aposentado não sai né, eu posso ir na igreja,

posso visitar qualquer pessoa que eu quiser, se eu não quiser eu tô em casa né, não vou pra lugar nenhum e aqui em São Paulo você não pode tá pra baixo, pra cima, só se precisar, né?

Diferentemente dos demais idosos, Maria da Glória comentou que São Paulo é uma cidade violenta e perigosa:

Porque é perigoso né a gente tá saindo assim sozinha no meio da rua, não é fácil não, eu acho melhor ser velho porque você tá mais quieto, você tá mais quieto na sua casa, você vai onde se quer, volta quando se quer, quando você tem seu dinheirinho você quer comprar uma roupa, se compra um calçado, se tiver um passeio a pessoa te chama pra um passeio longe, você tem o seu dinheirinho para você ir pagar (...).

A idosa me contou que, na juventude, tinha poucos recursos, por isso sobrava muito pouco para consumir o que a cidade oferecia:

Eu não tinha nada, o que ganhava mixaria e não dava pra comprar nem a roupa né, tinha que comprar comida, comprar tudo pra sobre viver, então (...).

Foi possível verificar que Maria da Glória possuía era semelhante aos outros idosos entrevistados no que diz respeito à participação na Igreja, mas era diferente dos demais, pois participava de um grupo de caminhada realizado pela UBS – Unidade Básica de Saúde – próxima a sua residência e orgulhava-se de ser aposentada, atribuindo a este fato, sua “tranquilidade” na velhice:

Eu participo de grupo de igreja e participo de uma caminhada que tem no posto de saúde sabe? A gente faz uma caminhada na terça e na quinta e na sexta, são três dia por semana. A gente faz caminhada, faz o exercício, lá na caminhada mesmo tem uma enfermeira que faz os exercícios com a gente. E na igreja tem o pastoral da oração que participo, vou às missas e quando tem romaria eles convidam a gente assim, essas coisas a gente vai, paga passagem da gente, eu acho que a velhice da gente tá sendo melhor do que infância, viu?

Eu acho pra mim, eu acho porque quando eu era nova eu não tinha nada né e trabalha se você quiser ser alguma coisa, agora hoje não, Deus deu uma força, o prefeito, os governos que teve dó dos velhos, que não é só pra mim tem muitos (...) lá na minha cidade, eu vim aposentar com sessenta e pouco, mas na minha cidade tem muitas pessoas que é aposentada com cinquenta e cinco anos e tão recebendo ate hoje né, não precisa mais de pegar enxada e ir pra roça.

Quando questionei sobre a grande conquista da fase idosa, Maria da Glória respondeu que uma de suas maiores conquistas foi “não ter que correr atrás de um emprego”, de um sustento e ainda ficar sossegada em casa, sem a ansiedade e sociabilidade da juventude na cidade:

Porque a gente tem mais prazer de ficar em casa sossegado, né. É assim porque você ver, os jovens não, os jovens perdem o emprego tem que correr atrás pra ver se arranja outro, não pode perder um dia

de serviço, se atrasa, chega lá atrasado o patrão acha ruim e, a gente não, sem pensa mais nisso aí né?

É, só o sossego, porque se é o jovem fica naquela agonia eu preciso ir em tal lugar, tem uma festa quero ir tem um bar quero ir, a gente não pensa mais nisso né. A gente vai assim igual vai aquele grupo de senhoras da terceira idade que chama né e você vai pra assistir as coisas, os jovens não, eu quero ir pra encontrar com fulano, quero ir pra ver fulano.

Maria da Glória mostrou-se realizada com a vida, disse que não podia mais exigir dela, gosta da calmaria de hoje e da superação das vulnerabilidades econômicas que a acompanhou por muitos anos, diz que não teve tempo para sonhar, mas para trabalhar:

Não, acho que não, a gente não tinha tem tipo de pensar em querer ter muitas coisas porque eu o pensava em trabalhar, eu preciso fazer isso, preciso fazer aquilo outro e sonho de querer ter muitas coisas, acho que não.

Em relação aos tempos atuais e os de antigamente, a idosa comentou que a falta de dinheiro a atrapalhou muito no passado, mas mencionou ainda sobre as questões morais da época, que eram alicerçadas na Igreja:

Ah só do meu tempo de infância de criança de adolescente que a gente queria comprar uma roupa nova, um sapato um vestido pra ir numa festa de igreja sabe, ou casamento e a gente chamava a gente não podia porque ficava ai meu Deus queria tanto comprar um vestido novo tem que ir com uma roupa velha, um vestido que todo mundo já me viu com ele, que lá na minha terra naqueles tempos ninguém usava calça comprida, só vestido saia blusa, toda roupa antiga né agora aqui não, todo mundo tem short tem camiseta, tem tudo e lá se você tivesse uma roupa qual essa sua ai, a igreja da gente lá não aceitava, se o padre de visse lá de longe te visse chegando ele ia mandar você voltar, se não entra aqui na igreja com essa roupa, essa roupa aí e de catar lenha, catar vassoura, pergunta pro meu marido que ele sabe disso.

Nem uma criancinha de colo você podia levar com uma roupa decotada na igreja, nem curtinha. (...) Tinha que ser um vestidinho fechado até aqui, de maguinha, que ficasse no joelho da criança, a gente adulto também era a mesma coisa e lá só tinha um padre, já faleceu o coitado, Deus o tenha num bom lugar, ele era muito severo e falava mesmo as coisas e quando as pessoas iam confessar ele já conhecia a pessoa ele falava, você não tem uma roupa decente pra ir pra igreja, você veio com vestido decotado, com vestido curto, com vestido sem manga né, então a pessoa já andava naquele ritmo que sabia que se chegasse num lugar que ele visse ele ia falar né, então era assim a gente tinha uma vida assim, respeitava pra ir nos lugares tinha que ter uma roupa decente pra você, ainda se fosse um casamento, missa ou festa de igreja que lá tinha muito festa de igreja, semana santa, no fim do mês de maio umas festa tudo bonita, tinha pessoa que queria lutar pra quando chegar naqueles dias tá bem bonito ter aquelas roupas decente que você devia ir com elas (...).

Maria da Glória mostrou compreensão política do que acontece no território e se referiu a possíveis projetos de alargamento da avenida e as

enchentes que acometem a região, que poderiam comprometer a estrutura da sua casa:

Se abalar minha casa, eu não quero não, mas acho que eles não vão mexer aqui não, igual eu fico investigando, perguntando no monte de lugar, mas acho que esse projeto deles acho que ele não vai conseguir fazer não, nem tem como né? Porque se eles forem mexer, muita gente vai ficar sem casa, porque aqui tem um pouco perto do ponto de ônibus, pra lá tem umas pouquinhas casas que são da prefeitura, não é terreno dela né, se ela precisar abrir ela vem abrir porque é dela mesmo né, aí a gente que tem o da gente que foi comprado e pago, aí a gente vai perder, né?

Mais uma vez um idoso entrevistado disse que mora em casa própria, mas tem um sonho de ter uma casa melhor e bem construída, que dê mobilidade na velhice e auxilie no conforto dos filhos:

Eu queria ter uma casa para mim e pro meus filhos, cada um porque a Marlene mora aqui no porão, não é muito bom e o outro filho que mora lá na zona leste que paga aluguel o aluguel lá é muito caro, então eu gostaria se eu tivesse numa situação boa compraria um terreno e faria um quartinho, uns dois quatinhos pra cada um pra ficar todo mundo sossegado né?

IDOSO 7

Maria de Jesus Pinto, 64 anos, nasceu em São Paulo, tem um filho, mora sozinha, disse que se sente parte da vida da cidade:

(...) Vi que ontem era uma cidadezinha deste tamanho (fazendo o gesto com a mão) e expandiu e infelizmente eu expandi com ela. (...) Eu nasci em São Paulo, minha procedência é de quatrocentos anos em São Paulo, quatrocentenária (...).

A vida de Maria de Jesus, mesmo em São Paulo, não foi diferente da vida da maioria dos idosos pesquisados, que também cresceu trabalhando em plantação:

Tinha mandioca, milho, abóbora. Eu estudei no Paulo Eiró, naquela época, quantas e quantas vezes, não saía a pé aqui do Ângela pro Paulo Eiró. Naquela época não havia posto de saúde, era tudo em Santo Amaro, as igrejas, a maior parte era Santo Amaro, a Piraporinha era apenas uma Capelinha, né? (referindo-se a Igreja da Piraporinha, hoje uma Paróquia, igreja grande, que realiza mais atividades litúrgicas).

A idosa, diferente de todos os idosos pesquisados, manifestou uma vida de militância política no território de M'Boi Mirim:

Sempre, sempre, eu sou vice-presidente do movimento de luta por moradia, fui de creche, fui ADI e cozinheira, também trabalhei em uma frente de trabalho do Parque Santo Dias, isso na gestão do Pitta.

Quanto a sua formação escolar, também mostrou diferença em relação aos demais entrevistados, disse que voltou a estudar na velhice, concluindo o ensino médio por meio da eliminação de matérias, na infância e adolescência só havia estudado até a 4ª série primária. Ela comentou que teve de “sair do mercado de trabalho” devido a uma atrofia no braço direito, fruto de um erro médico:

Fiz no Instituto Cajaú para eliminação de matérias, então, de lá pra cá, eu tive que me aposentar, eu tenho uma atrofia nesse braço (mostrando o braço direito), aqui pra nos foi erro médico, a enfermeira me perfurou, a agulha atravessou, eu tinha sete anos, atravessou e pegou o meu tendão e essa perna eu tenho uma difícil locomoção, e também eu alterei minha coluna em creche pra não ver uma criança despencar, porque sabe que a gente sofre um processo administrativo, né? Revirei em todo corpo o carretel da coluna, aí fiquei um ano usando colete, na época que trabalhava em creche, né? E depois disso, arrumei alguns (...) Tenho alguns cursos, eu tenho certificado de ADI, tenho do meio ambiente e jardinagem (...).

Quanto a sua renda, informou que recebe um salário mínimo. Além disso, ela disse que realizou empréstimos em bancos oportunistas da região que induzem os idosos a requerer dinheiro com cobrança de juros altos. Maria de Jesus comentou que precisa consertar algumas coisas na casa e pagar dívida de IPTU. Apesar de todas as dificuldades financeiras, ela se sente bastante orgulhosa, pois conseguiu acumular dinheiro na poupança ao longo da vida:

Dinheiro da poupança de vinte e cinco mil cruzeiros, na época eu pagava imposto de tudo assim, tirei a metade para tirar a escritura, foi tirado e construí isso aqui, e praticamente não fiz mais nada, né? Então às vezes, nos queremos alguma coisa, mais o povo não faz como, essa é a nossa realidade se não fosse nossos governantes, a gente não estaria batendo cabeça contra o muro, conta a parede (...).

Maria de Jesus também possui doenças, inclusive doenças comuns aos idosos pesquisados e atribui a causa dessas doenças ao trabalho árduo na roça, mesmo sendo a idosa natural de São Paulo:

(...) Em primeiro lugar eu tenho osteoporose nos ossos, fui aposentada por deficiência de locomoção no joelho esquerdo, porque ele também desloca isso também começou em creche, né? Esse braço atrofia, né? Desgastes na coluna, na lombar. No Jardim Ângela, cinquenta e poucos anos atrás, foi no sertão, eu peguei enxada, picareta, serra serrote., muito coisa, havia água de poço, meu pai tirava água do poço, naquela época antes da SABESP impedir que tivesse aquele poço, né?

A idosa disse que fazia artesanatos para complementar sua renda e ensinava um grupo de terceira idade, informou que já foi cabeleireira e gostaria de retomar sua atividade, no entanto suas doenças dificultam o acesso:

Não, eu cheguei a vender muito e ao mesmo tempo eu dei aula aqui pro grupo da terceira idade, ensinado pintura também, e já cheguei a

fazer muita coisa, tenho algumas coisas, ta aí dentro guardada também, né? Mas como eu fiquei de uns cinco anos pra cá com problema de alergia há vários tipos de química, até mesmo porque sou ex-cabeleireira comecei a trabalhar no salão, por causa disso aí, mesmo que eu pudesse fazer isso aí, um curso de aperfeiçoamento e eu voltasse pelo menos a fazer um corte escova, que não trabalhasse com química já seria o suficiente.

Quanto ao acesso à saúde, Maria de Jesus apresentou as mesmas dificuldades dos demais idosos, mas como aparentemente se trata de uma idosa ativa, esta tenta acessar outros equipamentos da cidade e buscar seus direitos:

Não tenho fácil acesso, principalmente tenho vários exames que na unidade não tá tendo, eu tenho que fazer outros exames, agora tá aí, eu tenho encaminhamento em mãos, mas se eu não dou meus pulos pra fora, se eu tô encaminhada pro hospital São Paulo é pela faculdade OSEC para um tratamento de pele, porque tomei muito sol quando menina, na roça, depois trabalhei muito na rua também e quando cresci como vendedora uma coisa e outra. Então a minha vida, além da prefeitura foi mais luta, luta, né? Então teve trabalho que quando a gente necessita a gente não escolhe, mesmo que a gente tem uma capacidade de exercer uma função, a gente encara qualquer coisa na vida, né verdade? Então mais é (...).

Sim, da unidade Básica de Saúde, que não é só eu criticando, tem pessoas aí que está há três, quatro anos esperando cirurgia médica especial, exame médico, sabe eu mesmo, tô com três exames médicos aí pra fazer, ou de encaminhamento que passa porque eu tenho complicação na pele. O instituto do Coração pediu que a Unidade ligasse pra agendar, porque agora o sistema é assim, até agora, ta aí sem agendar outros exames. Aí não é só eu, tem muitos da periferia, inclusive nos estamos entre o céu e terra, porque na realidade nos estamos numa área que não existe Unidade de Saúde (...).

A idosa criticou a Unidade Básica de Saúde e informou que o acesso a posto é deficitário, bem como as pessoas do bairro onde ela mora utiliza de um posto de saúde de outro bairro, ou seja, na divisa do território de M'BOI Mirim e outros municípios de São Paulo:

Então nesse Jardim São Lourenço é tudo mais velho é mais velho do que Santa Maria, é mais velho do que Jardim dos Reis, certo, isso aqui é desde 1970 e falta muita coisa aqui, muito mesmo, até mesmo uma escola, não tem base de saúde, creche agora tem uma pequeninha conveniada, não sei aqui com a comunidade do Jardim São Lourenço, certo da mesma forma condução aqui nos não temos, a não ser a perua, ainda do Vila Remo, falta muita coisa e mais a gente vai vivendo como tá indo, se bem que na hora dos votos né, nos temos que se esticar, vale a pena a gente votar? Pra eles esquecer do povão. E é por causa do povão que eles tão lá hoje, entendeu? E enquanto isso o povão tá lá embaixo. Principalmente quem tá no fundo da periferia de São Paulo, na busca de qualquer reivindicação, qualquer coisa, né, é um pouco mais difícil, a não ser que já conheceu, já conhece o caminho da roça há muito tempo.

Sobre sua vida no território de M'Boi Mirim, lembrou a época que o Jardim Ângela era um sertão (nas suas palavras) e lavava roupas gratuitamente para a Igreja:

(...) Daí a gente ia lavar roupa lá embaixo, eu chegava muitas vezes a lavar, as batinas dos padres de Santo Amaro, pegando lenha onde tem hoje a base do Jardim Ângela e passava as batinas no ferro a carvão.

Em relação a sua infância, lembrou quando brincava, subindo em árvores e manifestou, mais uma vez, sua consciência sobre as coisas e a natureza:

Isso na minha infância e de diversão nós tínhamos isso, ali na base do Ângela havia aquelas árvores centenárias que precisava de três, quatro homem pra por pra cá e nos criança nos queria subi nela e não tinha condições pra passar então nos fazia uma escadinha subia e pegava no cipó e descia no rio, onde hoje tá todo poluído. Mataram a natureza porque nós (...). Eu entendo que na natureza a gente é feito no barro e pra fazer o barro necessita da água, então essa água hoje eu temo que ela não é uma água mais pura é uma água morta, sem vida, é dela que precisamos, a nossa vida necessita dela, além dos nossos alimentos, né? Então é meu modo de pensar de raciocinar, certo?

Maria de Jesus lembrou com carinho sua adolescência, pois, neste período, havia existia certa fartura, já que havia muitas plantações e árvores frutíferas na região:

Aqui na Ângela, São Judas Tadeu, onde hoje é a telefônica (...). São Judas Tadeu, era uma chácara, tudo quanto era fruta você encontrava. A base comunitária ali, fruta do conde havia, aquele tal de ingá que fala, também tinha, goiaba descendo ali era forrado, pé de goiaba, ali lá debaixo do São Judas Tadeu era ameixa, mexerica, laranja Bahia, o que não tem mais, uva, maçã, é da Santa Maria, que aqui pera. Havia assim uma fruta de santo de São Judas Tadeu, eu e minha prima todo sábado a gente ia enfeitar a fruta, pegar flor dentro da chácara enfeitar a fruta São Judas Tadeu, nós passávamos o dia todo só na fruta e era tudo feito um pomarzinho, cada fruta era dividida em um pomar era a coisa mais linda, tudo com pedras brancas pintadas (...).

Quanto às origens do território, a idosa lembrou os proprietários das chácaras da região e a fase de loteamento dos terrenos do território:

Não, os donos das chácaras mesmo, quem loteou no Ângela foi Sr. Jonathan, foi seu Mário Coimbra, Dario Coimbra e Mário Coimbra, eu sei todos eles quem lotearam, os meus primos trabalharam, os meus tios trabalhou no Parque Novo Santo Amaro com engenheiro nessa área Santo Amaro, Novo Santo Amaro no loteamento, colônia, brincava com as meninas no Nakamura. Ali onde tem entre o terminal e o hospital M' Boi Mirim, havia uma casa antiga, não havia ali?

Ela contou sobre os trabalhos que realizou na Gestão da Prefeita Marta Suplicy, em 2006, como o povoamento da região, os bairros que abrigavam

comunidades tradicionais como a indígena e a violência esporádica que ocorria antes do território ser considerado um dos mais violentos do mundo:

Entendeu, então eu sei o histórico, eu fui também em 2006, no tempo da Marta, eu fui do orçamento participativo mulher, foi votado tudo né, então ali essa área antes do terminal era de uma família antiga Polinária, junto aqui no M' Boi Mirim, então eles venderam uma parte pra Bombril, que é aonde foi feito um hospital, o Bombril na época não quis continuar, não tinha perigo ou qualquer outra coisa, ficou mais de vinte anos abandonado que aí entrou a Marta em 2006 pra fazer a negociação, né, pra poder sair um hospital. Aqui em cima no Nakamura, chamava-se Morro do Índio, onde havia índio, aqui o que a gente fazia era roubar fumo do meu tio pra ir lá trocar com flecha com eles (risos) (...). então a gente tinha era mato, sem condições quantas vezes eu fui a pé pra estudar no Paulo Eiró em Santo Amaro sabe, e mas a gente vivia, porque era uma vida sadia, quando não havia um crime, dois crimes por ano era uma barbaridade, você deixava a porta aberta mais ninguém mexia, o Comendador Santana, casa da minha avó de pau á pique e a casa do meu pai, tinha educação, deixava lá e ninguém mexia no que era seu, entendeu? Tinha lá no guarda roupa o que você deixou, e nisso ele trabalha onde é o Sonda, ele tá na linha Lilás (...).

A idosa, assim como os demais não se casaram na adolescência e não tiveram muitos filhos, Maria de Jesus teve dois filhos apenas. Na adolescência, Maria de Jesus executou trabalhos considerados de alta periculosidade com seu pai, que hoje já são substituídos por máquinas e que seriam considerados trabalho infantil do mais alto risco, a idosa atualmente tem 64 anos, acredita que trabalhou mais de 50 anos em sua vida:

Muito, muito, trabalhei até em poço com meu pai aqui no MB, com doze anos eu descia dentro do poço, se meu pai tivesse vivo hoje, ele tava até preso, porque eu ia buscar dinamite no antigo barroso em Santo Amaro, tá que todo mundo sabe que o antigo barroso depois passou a ser barrosinho porque veio da descendência, tinha como se fosse ali, um bazar na época de festa junina e fogos, mas nos não deixava ele vender nenhuma dinamite também, eu com onze anos eu ia busca meu pai pra poder dá fogo na pedra dentro do poço, o poço mais fundo de trinta e cinco metros, com onze anos eu descia com o meu pai pra dentro. E depois também eu trabalhei muito em casa de família, né? Eu trabalhei como vendedora, eu trabalhei em firma, né? Eu trabalhei, na realidade eu conheço o trabalho desde a minha idade de nove anos, desde nove anos, embora se for contar o que não existe contagem na carteira de trabalho, quase cinquenta anos trabalhando.

Durante a entrevista ela lamentou “não poder mais trabalhar” devido a suas doenças:

O que eu acho assim que mais um pouco que me impede sabe, é que eu gostaria de tá no campo de trabalho, seria muito bom pra eu ir mais vou fazer o quê? A idade chegou, a saúde não tem mais, tem uma carteira carimbada aí pelo INSS.

No que diz respeito à realização de atividades que lhe dão prazer, a idosa respondeu que adora cuidar de suas plantas, ela entende esta ação funciona como

uma terapia, mas deixa claro que não deixará de reivindicar o direito das pessoas, acredita que sempre podemos contribuir no aprendizado dos outros e devemos nos colocar à disposição:

Agora a única coisa que eu fiz, agora a única coisa que eu faço é cuidar das minhas plantinhas aqui dentro de casa e correr atrás de alguns exames de saúde, logicamente que viver, que a gente pode reivindicar, a gente tem condições ou direito que pode às vezes ajudar um pouco a gente naquilo que a gente precisa e infelizmente também é obrigado a cuidar, né?

Entre as fases vividas, ela acredita que a melhor foi a infância, quando conviveu na companhia dos pais, assumiu muito cedo a responsabilidade de cuidar dos irmãos, quando ainda existia a necessidade de ser cuidada e encaminhada por outras pessoas:

(...) Então eu sou a mais velha da família, então pra mim foi assim uma coisa assim muito forte que também sobrecarregou sobre a minha pessoa, sobre meus irmãos que eu acabei de criar, portanto a que tem cinquenta e dois, nasceu em lá cima no posto de saúde, ficou com sete anos, a caçula a outra com dezesseis, o outro com doze eu a mais velha com vinte, assumi um peso sem ter condições. Tava na adolescência, é mais assumi um cargo mais forte, segurei um cargo muito forte, sem experiência de nada nem (...) precisava de alguém estar ao meu lado, mais adulto pra me ensinar muito na vida, o que foi a vida que me ensinou, aqueles que partiram não tive oportunidade de ir aprender com eles.

A trajetória de Maria de Jesus é acompanhada por tragédias, além de assumir o cuidado dos irmãos, perdeu os pais de formas “não naturais”:

Minha mãe morreu de câncer, meu pai era aquilo que te falei, ele era poceiro e morreu em frente ao parque Guarapiranga, onde deu um ataque epilético dentro do poço e ele voltou pra dentro do poço. E a água voltou e acabou matando ele em 73, a minha mãe foi em 79, morava no Jacira, do Vila ao Jacira o loteamento mais velho é o Jardim Ângela, tanto do Jardim Ângela pra lá, quanto do Jardim Ângela pra cá, do Capão Redondo até o Jacira a mesma coisa, naquele época Capão Redondo era apenas um vilarejo, Vila Remo também e Jardim Ângela sertão, se entendeu?

A idosa disse que não participa atualmente de atividades socioeducativas, mas denomina-se católica e frequenta a missa nos finais de semana, dedica-se a cuidar das suas ervas, conhecidas até pela Equipe de PSF – Programa Saúde da Família, de sua atual UBS de referência:

Não, não eu não participo de nada no momento embora to querendo participar novamente, e logicamente que a gente participar de muita coisa abre muito a mente da gente, certo, não fica com a mente parada, se bem que é, eu sou daqueles que às vezes eu tô ruim, ruim, ruim aqui em casa, mas eu não me entrego eu tenho no meu quintal uma faixa de quase quinze ervas medicinais, sabe, odalisca sabe o que isso é?

Agora que acabou, mas tava plantada, esse é hortelã. Mais as meninas do posto de saúde falam isso pra mim, de vez enquanto eu tomo os remédios, aí que vem do nosso governo, aí genérico, aí que tem mais droga do que remédio, eu de vez em quando faço um chazinho pra eliminar um pouco a química, né? Entendeu? Eu tenho confrei, eu tenho balsamo lá embaixo, em outra parte eu tenho mais planta também sabe, esse incenso aí, ele dá uma flor muito bonita, parece aquele algodão doce, toda branquinha, branquinha, branquinha, o quintal aqui e lá embaixo tem mais também, e assim eu faço minhas coisinhas dentro de casa, eu também sou daquela que meia colher de feijão e arroz pra dizer que meia colher de pedreiro (risos) porque a vida obriga às vezes a gente filha, às vezes não pode pagar alguém pra fazer alguma coisa né? Quando tá bem, quando não tá, a gente tem encarar e fazer, eu não sei ficar parada, se eu ficar parada aí que eu não aguento (...).

A idosa atribuiu à velhice muita aprendizagem e ensino, diz que gostaria de voltar a dirigir carro novamente, parou porque teve o problema da perna. Quando questionada a respeito do que é ser idosa, Maria de Jesus disse:

É um pouco difícil porque a gente quer fazer muita coisa e não pode, as energias já foi, sabe as energias já se foram as pernas não aquece mais como antigamente, certo, tem os problemas a gente quer andar, já não pode né, anda um pouco as pernas já começa doer um pouco. Então a gente não tinha um carro, né, tem que ser as pernas mesmo então quem tem vontade de ser, é continuar a vida na luta quando perde as energias, enfim chegar a essa idade fica um pouco triste, a gente de sente magoada com o tempo eu sempre gostei do direito, mais infelizmente eu não tive essa capacidade ou essas condições, porque por ironia do destino eu fiquei com uma despesa arqueei sozinha, porque fiquei sem pai sem mãe, então a minha faculdade praticamente foi uma minha luta minha batalha por eles pela minha filha. Embora que sempre gostei do direito, mas hoje tá tudo torto, não tem nada direito mais.

Um pouco no finalzinho da gente, a gente não quer dá trabalho pra ninguém, não quer sofrer, não quer que a família sofre né, nem dá trabalho pra ninguém na velhice, eu tive uma tia minha agora a última tia minha ficou cinco anos acamada depois de sete anos morreu, descansou, morreu é então a gente teme é isso porque os idosos hoje em dia é (...) não tem assim uma segurança sabe, bem estar social, digamos não, até mesmo na área da saúde.

Sobre os sonhos não realizados e quando questionada sobre o que faria se aquele fosse o último dia de sua vida, ela refletiu:

É, acabou, o que mais eu ia fazer minha filha? Nada!

Que eu não realizei? Foi aquilo que te disse que tinha vontade sempre foi o direito e que eu não consegui fazer e que esse foi um dos sonhos desde menina.

Faculdade, faculdade sonho meu, não sei se era ironia do destino que impediu ou as condições de eu poder fazer uma faculdade, porque como eu ia fazer uma faculdade se tinha, os meus irmãos pequenos, e a faculdade até hoje. Naquela época até o ginásio que hoje é ensino médio ou o segundo grau era pago, quanto mais uma faculdade. Então isso pra mim foi um sonho que não foi realizado e eu vou morrer com ele, só um sonho.

Maria de Jesus atribuiu a não realização de seu sonho à questão financeira, ela lamentou, mas disse que dois de seus “filhos” conseguiram cursar faculdade e se orgulha disso, apesar de todas as dificuldades que encontram em pagar o ensino superior:

Foi a questão financeira, porque eu era uma menina que nasceu dentro de uma casa de pau á pique no Jardim Ângela, lavava roupa na bica a batina dos padres lá de Santo Amaro, ainda ajudou um pouquinho nos estudos pra não perder, porque naquela época a gente estudava três horas hoje as crianças de hoje estudam seis e a quarta série daquela época é equivalente a oitava de hoje.

Finalizando nossas entrevistas, questionamos Maria de Jesus sobre suas pretensões e sua vida no território de M'BOI Mirim. Ela disse:

(...) Como eu fui trabalhar eu precisava estudar mais um pouco aí eu pedi pro povo que não votasse em mim, porque eu não queria é comprometer com o povão e depois não assumir é responsabilidade, porque eu ia trabalhar, estudar, tinha que chegar em casa, então eu contente mesmo falei pro povo eu tô contente, porque na realidade eu formei um povo de quarenta pessoa e esse pessoal agora aprendeu muito bem, muito bem preparado para continuar uma luta que eu não vou poder continuar com vocês, assim mesmo eu fiquei. Posso ir lá de vez em quando uma vez ou outra, eu posso participar ou vim correr com vocês, mais direto eu não posso prometer nada. Então aí foi onde eu num continuei, às vezes eu começo depois paro na metade só caminho sabe, eu mesmo em enrosco, então eu continuei a luta devido eu ter pegado o cargo na prefeitura, mas mesmo assim pedi pro pessoal mesmo assim eu fiquei como vice-presidente, mesmo pedindo pra não votar em mim eles votaram e fiquei como vice-presidente.

Em relação a residir na periferia, Maria de Jesus não faz referência a negativas de sua região:

Não, porque pra mim tanto faz eu tá lá no Centro da cidade como esta aqui hoje, porque na realidade desde a minha infância eu conheci o Centro desde os onze anos de idade ia sozinha pra cidade, com os onze anos de idade, certo trabalhei lá no Centro, trabalhei até com advogados eu fiz fórum de São Paulo, fórum de interior, eu fiz fórum de Litoral, eu sai do escritório de advocacia pra fazer a quarta série primária eu fui, eu era pra te feito uma semana antes de sair do escritório de advocacia era pra eu fazer uma depois, o fórum de Ganizais, uma semana antes deu sai, depois disso vieram me procurar, eu fiz outros concursos na prefeitura, tive deles a carta de referência da minha pessoa, quando fui mandado embora do serviço só tive um só que fui mandado embora entrei com ação judicial. E quando tô trabalhando no escritório de advocacia dentro do fórum encontrei com ele um dos meus patrões, o que se tá fazendo aqui baixinha? Tentando aprender o que o Sr. já sabe e aí ele falou vai que você vai conseguir, depois me deu o cartão e falou se ficar desempregada me procura. Então eu sempre procurei preservar o meu lado do trabalho.

Eu sim, às vezes eu já até pensei assim, mas ao mesmo não porque é por isso que eu queria aumentar um pouco diminuir essas escadas que devido o problema da minha perna só porque eu gosto do meu quintal e tenho eu que tá subindo escada e subindo escada, só por esse ponto, mas ao mesmo tempo não.

É (...) veja bem, se eu fosse um pouquinho melhor era arrumar minha casinha sem precisar tá recorrendo e buscando algumas coisas dentro dos órgãos governamentais como a Secretaria do Bem Estar Social até mesmo a prefeitura, alguma coisa, então logicamente que eu arrumaria a minha casinha melhor né, entendeu, fazendo muro, mas infelizmente tô nessa to esperando aí é o que eu quero, se eu conseguisse receber o que tenho do Color, logicamente que eu nem precisava tá correndo atrás de isso aí mais, eu ia correr atrás de outra coisa como isso aí, logicamente, como ajudar minha família ou num material ou pra mim pagar um pouco por mês.

Ao longo das entrevistas, pude depreender que os idosos sofreram e sofrem, ao longo de sua trajetória, o que BORDIEU (2005) denomina violência simbólica, pois vivenciam um processo pelo qual as classes dominantes (governantes, empresários) impõem aos seus dominados o conjunto de valores sociais, econômicos e culturais. E nesse jogo, o sistema simbólico é arbitrário, já que se assenta em uma realidade dada como natural, que impele aos idosos desenvolver o sentimento de pertencimento à comunidade e seus valores, ao mesmo tempo em que questionam sobre os seus direitos ao longo de sua existência, porém não contestam a realidade.

Essa dualidade é oriunda do fato de que na sociedade brasileira, a classe dominada não é só coisificada pelos meios de comunicação, mas também é produzida uma imagem negativa da periferia e de seus moradores, delineando, assim, uma fronteira tênue entre os dominados e dominantes. Tal fronteira fomenta a desigualdade social, que se materializa em um IDH o qual como pesquisadora deixou-me temerosa, pois vivo em país, marcado por ambiguidades, visto que o princípio da isonomia e em sua Constituição Federal de 1988 é uma cláusula pétrea. Devo ponderar que a violência simbólica legitima-se no momento em que o seu opressor não se percebe como vítima do processo sócio-histórico, ao contrário, o oprimido considera a situação natural e inevitável com foi demonstrado ao longo da etnografia. Tal inferência foi possível, visto que análise feita foi alicerçada nas teias de significados que os idosos construíram possibilitando-me como pesquisadora não buscar leis, axiomas em uma ciência experimental, mas buscar significados por meio de uma ciência interpretativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao notar que nem sempre o idoso retratado pela mídia é a imagem real dos idosos brasileiros e tendo em vista que a maior parte da população vive sem recursos mínimos para garantir uma velhice com dignidade, foi que me propus a desenvolver esta dissertação, coloquei meu foco de estudo sobre idosos pobres e de periferia que envelhecem sem recursos financeiros e sem garantia de direitos, situação relatada com frequência pelos idosos que atendo em meu trabalho como assistente social no CRAS M'Boi Mirim. O contato com esses idosos conduziram-me a problematizar e dar um norte a esta pesquisa por meio de dois questionamentos, sendo eles: a) é possível construir direitos quando o idoso de periferia não tem garantido o mínimo de condições para a sobrevivência? b) quais são as violências não físicas sofridas pelos idosos do Distrito de M'Boi Mirim, Zona Sul de São Paulo?

Para responder a estes objetivos, apresento de forma breve os resultados de minha pesquisa:

O território de M'Boi Mirim é cenário de pobreza, violência e exclusão. A população possui baixa escolaridade, parte mora em área de proteção de manancial e favela e executa trabalhos informais, sem o amparo da previdência social. Devo chamar atenção de meu leitor que as características dos bairros são as mesmas de toda a periferia, um amontoado de casas, com muitos habitantes por residência, sem áreas de lazer ou centros culturais, escolas deficientes quanto a proposta pedagógica. A evasão escolar é uma constante.

Destaca-se, em particular na região observada, o poder paralelo, com a liderança do tráfico de drogas, mas a população também não só reivindica seus direitos por meio de passeatas e ocupação dos espaços da subprefeitura de M'Boi Mirim, como também contesta a falta de canalização de córregos que gera enchentes, a desocupação de áreas ilegais e o excessivo congestionamento da região, cujo trânsito não consegue escoar pela avenida principal, a Estrada do Guarapiranga.

Não posso deixar de mencionar a presença e o poder das organizações sociais no território, com destaque para a Organização Social Santos Mártires que com sua movimentação política reivindica por mais equipamentos para o território, promovendo ainda fóruns em favor da paz. Para retratar esse cenário de

contradições, utilizei o procedimento metodológico a história oral com a finalidade de apontar na etnografia do capítulo 3- O cenário e os protagonistas – as falas e subjetividades de sete idosos de 60 anos ou mais, que recebem até um salário mínimo mensal, apesar da escolha dos idosos ter sido aleatória, sem recorte de gênero, raça ou etnia, percebi que deste público, quatro se autodenominam negros e três se autodenominam pardo. Seis são de outros estados, a maioria do estado da Bahia, migrando para São Paulo sem perspectivas de emprego, mas com a esperança de uma vida melhor.

Saliento que os idosos pesquisados são de famílias pequenas, com no máximo quatro irmãos. Seis deles tiveram filhos, mas somente dois idosos possuem companheiro e residem com os mesmos. Todos relatam uma infância difícil em recursos materiais, lembram com carinho algumas oportunidades de “brincar”, mas dizem que deixaram de estudar por conta do trabalho, a maioria é semi-alfabetizada, sabem ler ou escrever o nome, nesse cenário de vulnerabilidade, somente um idoso concluiu o ensino médio, os outros justificam a baixa escolaridade em virtude do fato de que iniciaram a vida laboral aos sete ou 12 anos de idade. Quanto a renda deste idosos, as entrevistadas me mostraram que dois são aposentados, três recebem o benefício da assistência social BPC/LOAS, um idoso recebe pensão por morte do marido falecido e outro aguarda os 65 anos para requerer o Benefício BPC/LOAS, inclusive este é que está em maior vulnerabilidade econômica.

Esse cenário reflete o fato de que os idosos pesquisados ajudavam seus pais na roça quando adolescentes e quando vieram para São Paulo ocuparam-se com trabalhos informais, sem seguridade social, que os impediram de se aposentar após 30 anos de trabalho. Todos os idosos possuem doenças, algumas típicas da idade (diabetes, pressão alta), outros por conta de carência nutricional na alimentação e esforço repetitivos durante toda uma vida, destacando-se osteoporose e tendinites. Para evidenciar a falta de perspectivas de socialização, nenhum idoso participa de atividades socioeducativas; possui convênio médico, logo, todos utilizam o SUS – Sistema Único de Saúde e referem à dificuldade em marcar consultas com especialistas e realizar exames e não possui uma residência própria, visto que em terreno da Prefeitura e, por isso, não considera sua residência “sua”.

Percebo que os idosos pesquisados retratam “velhices” de forma peculiar e é importante reforçar que todos eles aceitam o que a vida lhe apresentou, em especial as dificuldades financeiras e de nenhuma maneira sentem-se vítimas de sua condição econômica, que a meu ver, é escandalosa e violenta, conforme apresentei ao longo desta dissertação. Por outro lado, cabe mencionar que no momento em que questioneei sobre o que é ser velho hoje, a maioria informa que não são respeitados, mas acredita que nesta fase acumula-se sabedoria, aprendizado. Ao mesmo tempo, que lamentam a violência acentuada das periferias, diz não quer se mudar de onde moram, devido aos vínculos adquiridos ao longo da vida.

A maioria dos idosos atribui a melhor fase da vida a da velhice, afirmam que agora tem um certo sossego e “estabilidade”, há tempo para descansar sem a preocupação de “ter o que comer na mesa”. Dois dos idosos pesquisados gostariam de ter voltado a estudar e quem sabe fazer “faculdade”, todos afirmam que se houvesse mais condições na juventude teriam estudado mais e quem sabe favorecido seus filhos com uma melhor, inclusive os presenteado com o ensino superior e uma casa própria, um idoso, o mais vulnerável socialmente que entrevistamos, ainda auxilia a distância sua mãe acamada de mais de 80 anos que reside de aluguel no Rio de Janeiro.

Alguns idosos relatam com emoção a saudade que tem dos pais já falecidos e de pequenas oportunidades de lazer que tinham na juventude, como a participação em uma escola de samba e a presença dos bailes da Igreja. Todos os idosos sabem que sofreram e sofrem privações econômicas e sociais, mas nenhum atribui este fato, como uma condição violenta para sua fase de vida.

A observação pormenorizada do cotidiano dos idosos, possibilita-me confirmar por meio do embasamento teórico (utilizado ao longo desta dissertação) que o conceito de violência é sempre associado a agressão e aos maus tratos. E enfatizo que pouco se reflete na academia a condição de violência social e institucional e suas implicações na sociedade contemporânea. No entanto, nas falas dos idosos, há uma naturalização da situação de miséria e vulnerabilidade, como se fosse natural, algumas pessoas padecerem de recursos materiais, ao que ODALIA (2006, p. 24) reflete:

“Nascemos, somos criados, atingimos a maturidade, sendo educados

na crença de que “enquanto o mundo for o mundo”, pobreza e miséria, infelicidade e tristeza, desamparo e promiscuidade, são o legado irrecusável de uma parte da humanidade, a mais numerosa; e que seus opostos: o rico e a riqueza, a alegria e a felicidade, o amor e a privacidade, são os apanágios de uns poucos. E que uns e outros nada tem a ver com a perpetuação dessa injustiça”.

Seguindo a premissa de ODALIA (2006), parece que a sociedade humana e em especial, o governo brasileiro, acostumou-se a injustiça! Para que o direito do idoso seja respeitado é necessário um movimento do idoso, de sua comunidade, dos profissionais que trabalham com este segmento e é claro, que das políticas públicas. Quando este movimento não ocorre, este idoso é largado a sua sorte, sortudo; se tiver família ou apoio de sua comunidade, infeliz; se não possuir afetos e depender de recursos públicos para sua sobrevivência, recurso da assistência social, muitas vezes denominado como “ajuda do governo”, como se o idoso não tivesse trabalhado por anos e contribuindo mesmo que informalmente, para a economia do país. E por fim, quando não há recursos ou acessos, este idoso morre sem incomodar a sociedade, afinal, muitas das vezes, eles já se encontra em condição de invisibilidade, uma vez que não produz força de trabalho e de acordo com alguns “não movimentam a economia”.

Durante todo o período de coleta de dados, cada vez mais observei que apesar da Constituição Federal de 1988, a dita “constituição cidadã” introduzir o conceito de seguridade e garantia de mínimos sociais, saltando de uma visão assistencialista para uma visão de cidadania, ainda há muito a se conquistar no campo dos direitos, especialmente direitos para maiores de 60 anos.

De outro lado, o exame da atuação do Estado frente as Políticas voltadas ao idoso levou-me a compreender que atualmente, é ainda tímida a atuação do Estado na elaboração de políticas de atenção ao idoso, A Lei nº 8.842, que instituiu a Política Nacional do Idoso (PNI), foi sancionada em 4 de janeiro de 1994 e regulamentada pelo Decreto nº 1.948, de 3 de julho de 1996. Ela assegura os direitos sociais e amplo amparo legal ao idoso e estabelece as condições para promover sua integração, autonomia e participação efetiva na sociedade. Objetiva atender às necessidades básicas da população idosa no tocante a educação, saúde, habitação e urbanismo, esporte, trabalho, assistência social e previdência, justiça.

E ainda, parte dos idosos pesquisados, mas que não compuseram a análise de resultados relata serem “arrimo” de família, famílias extensas, com muitos dos seus membros em idade ativa, fora do mercado de trabalho. Em relação aos casos de abandono, negligência e maus tratos, existem casos em que os idosos, quando mais novos maltratavam seus filhos, e na atualidade, os filhos se recusam a ampará-los. Os rituais de agressões, violências e maus tratos que se desenrolam nesses cenários expressam-se na força, na palavra, no silêncio, na omissão e na posse, além de revelarem a complexidade das relações interpessoais com todos os seus matizes e remeterem reflexões para as conseqüências nocivas da violência contra as pessoas idosas.

Quanto a violência simbólica, de que pouco se fala, é a de natureza psicológica e emocional que afetam severamente a saúde mental e física do idoso, onde o velho lida com situações permanentes de tensão, angustia medo, intimidação e ameaça, muitas vezes, situações relacionadas a sua condição econômica, quando por exemplo, é obrigado a conviver com seus agressores por não ter outra residência.

As violências que afetam a subjetividade dos idosos parecem freqüentes e de grande intensidade, muitos idosos em condição vulnerável sofrem de depressão, decorrente de uma vida de frustrações, aprisionando-os e condenando-os a viverem por tempo indeterminado em situações desumanas, de intenso sofrimento, desespero e risco. Tais situações observadas durante meu trabalho como assistente social, na maioria das vezes levam ao agravamento ou desenvolvimento de doenças psicossomáticas, especialmente quando essas violências são geradas por pessoas da família.

Os eventos traumáticos, como a violência social e familiar, podem afetar de forma temporal ou definitiva a capacidade de enfrentamento do idoso. Percebemos que idosos depressivos vêm despojando sua vida de significado e prazer. Os profissionais que atuam junto a idosos devem compreender o significado da experiência do envelhecimento e da velhice, pois normalmente são subestimadas as capacidades e o desejo que os idosos têm de viver e de por em prática seus projetos de vida.

As leis que deveriam efetivar os direitos dos idosos, propiciando uma velhice mais confortável, no acesso aos direitos mínimos e condições

socioeconômicas mais favoráveis, foram parcialmente efetivadas, colaborando para ampliar o número de necessitados e excluídos, o processo de envelhecimento diz respeito à sociedade, mas, na maioria das vezes, esses idosos vulnerabilizados desconhecem a gama de direitos que lhe foram atribuídos e subsistem inclusive sem acesso à informação em relação aos seus direitos.

Em virtude dos dados coletados e analisados, concluo que **não** é possível construir direitos quando o idoso não tem garantido o mínimo de condições para a sobrevivência, a falta de recursos materiais impede que o idoso consiga visualizar uma outra forma de vida, sem carências de políticas públicas ou vulnerabilidades econômicas. E ainda, os idosos pesquisados nesta dissertação, sofrem as marcas da violência social que os condicionam a uma situação de miséria.

E por fim, concluo este trabalho com uma citação de ODÁLIA (2006), que reflete um cenário “Olho a televisão e vejo uma cena comum e banal, é secular: uma família de retirantes. São os mesmos traços duros, os rostos vincados de rugas, os olhos semicerrados, os dedos retorcidos e esturricados, os moços são velhos, os velhos, sobreviventes, as mulheres tem idade indefinida, as crianças, barrigas intumescidas. E eu digo: já conheço essa cena, ela se passou ontem e anteontem, ela estava no Brasil colônia, permaneceu no Império e se perpetua nos dias de hoje. Euclides da Cunha já a descreveu, Graciliano Ramos a sofreu, imortalizando-a, em Vidas Secas. São homens eternos – a eternidade faz-se presente e, se olhos tenho, se embaça. Se me revolto, que importância tem isso, se somos a oitava economia do mundo e se a indústria da seca é próspera e tão eterna como suas vítimas? (ODÁLIA, 2006, p. 41).

Ainda acredito que o idoso é rico em autonomia e sabe o que é melhor para sua vida, mas o empobrecimento o condiciona em uma vida de privações. “As violências contra o idoso não podem ser solucionadas adequadamente se as necessidades essenciais dos idosos – alimentação, moradia, segurança, saúde, assistência social, renda, etc. não forem atendidas”, conforme DEBERT (2000, p. 22) e diante desse contexto, a sociedade deveria criar condições para que o envelhecimento fosse aceito como uma etapa natural da vida, com suas potencialidades e limitações, não descartando aqueles que o consideram improdutivo para o mercado de trabalho. É necessário que atitudes

“antienvelhecimentos” sejam desencorajadas e as pessoas idosas tenham o direito de viver com dignidade, livres de violências.

BIBLIOGRAFIA

ABREU FILHO, Hélio; SILVA, Franciny B. Abreu de Figueiredo e. Mecanismos de Exigibilidade. In: ABREU FILHO, Hélio (Org.). Estatuto do Idoso Comentários. Florianópolis: [s.n.], 2004. p. 19-37.

ALMEIDA, Fernando José de. Universidade, Envelhecimento e Solidariedade. In Revista Kairós Gerontologia/Núcleo de Estudos e Pesquisas do Envelhecimento. Programas de Estudos pós-graduados em Gerontologia. PUC-SP. Ano 3, Nº. 3. São Paulo: Educ, Ago 2000, p. 99-16.

ALMEIDA, Vera Lúcia V. e cols. “Estatuto do Idoso: aspectos jurídicos, sociais e culturais”. In: Revista Kairós, Programa de Estudos de Pós-Graduados em Gerontologia PUC-SP. São Paulo, 7 (2), dez 2004, pp 127-149.

ANDERSON, Perry. As origens da pós-modernidade: tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

ARENDT, Hannah. Sobre a violência. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

ARIÉS, Philippe. História da morte no Ocidente. Edição. São Paulo: Ediouro, 2003. 312p.

BAPTISTA, Myriam Veras. A ação profissional do cotidiano. In: MARTINELLI, Maria L. ON, Maria L. Rodrigues e MUCHAIL, Salma T. O uno e o múltiplo nas relações do saber. 2. ed. São Paulo. Editora Cortez, 1998.

BARRETO, Maria Lectícia. Admirável Mundo Velho: Velhice, Fantasia e Realidade Social. Edição. São Paulo: Editora Ática, 1992.

BARROS. M. M. L. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: _____. (org.). Velhice ou Terceira Idade? Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 113-168.

BEAVOUIR, Simone de. A velhice. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1990.

BERNARDO, Teresinha. Memória em branco e negro: olhares sobre São Paulo. EDUC/Fundação Editora da UNESP, 1998.

BERZINS, M. V; MALAGUTTI, W. Rompendo o silêncio: faces da violência na velhice. São Paulo: Martinari, 2010.

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Tradução Maria Helena Kuhner – 7º. Edição. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 160p.

_____. A miséria do mundo / sob direção de Pierre Bourdieu; com contribuições de A. Accardo ... I et. al. I. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____ O poder simbólico. Rio de Janeiro: Berthand Brasil, 2005.

_____ A distinção: crítica social ao julgamento. Tradução Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. 2º. Edição Revisada. Porto Alegre, RS, 2011.

_____ Sobre a televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRASIL, Lei Federal 8.742, de 7 de dezembro de 1993 – Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: 1988 – texto constitucional de n. 1, de 1992, a 30, de 00, e pela Emendas Constitucionais de Revisão de n. 1 a 6, de 1994 – Brasília, DF: Senado, 2000.

BRASIL. Lei n.º 10.741 de 01 de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências.

BRASIL. Lei n.º 8.842 de 04 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Disponível em:

<http://www.mp.sc.gov.br/legisla/fed_leidec/lei_federal/1994/lf8842_94.htm >.

Acesso em: 26 abril 2012.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Ed. 34/EDUSP, 2000.

CAMARANO, A. A., PASINATO, M. T. Envelhecimento, condições de vida e política previdenciária: como ficam as mulheres? Rio de Janeiro: IPEA, 2004 (Texto para Discussão, 883).

CAMARANO, A. A., PASINATO, M. T. Envelhecimento, condições de vida e política previdenciária: como ficam as mulheres? Rio de Janeiro: IPEA, 2002 (Texto para Discussão, 883).

CAMARANO, Amélia. Como vive o idoso brasileiro? São Paulo. IPEA, 1999

CARLOS, S. A. O Velho e a representação social na velhice. In Revista Kairós Gerontologia/ Núcleo de Estudos e Pesquisas do Envelhecimento. Programas de Estudos pós-graduados em Gerontologia. PUC/SP. Ano 3, Nº. 3. São Paulo: Edusp, 1999, p. 132-191.

CARLOS, Sergio Antonio, M.C, C.M. O velho e a representação social na velhice. Revista Kairós, ano 3, n. 3, S.P., EDUC, 2000.

CARVALHO, Maria do Carmo Brenti de. et al. Programas e Serviços de Proteção Social e Inclusão dos Idosos. São Paulo: IEE/PUC – SP, Secretaria de Assistência Social/MPAS, 1998. p.18.

CASTILHO, Tai. O idoso fragilizado e a família: representações, preconceitos, conflito e solidariedade.

CERQUIER-MANZINI, Maria de Lourdes. O que é cidadania. 4º. Edição. São Paulo: Brasiliense, 2010. – (Coleção Primeiros Passos; 50)

CÔRTE, Beltrina. Velhice e violência na mídia: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento. São Paulo: Universidade de São Paulo, FAPESP/ EDUSP, 2004.

COUTINHO, Maria Lúcia. Transmissão Geracional e Família na Contemporaneidade. In BARROS, Myrian Lins de. Família e Gerações. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação. A velhice invisível: o cotidiano dos idosos que trabalham nas ruas de Belo Horizonte. / Rosa Maria da Exaltação Coutrim. – São Paulo: Annablume, 2010.

DEBERT, Guita Grin. A reinvenção da velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2004.

DECRETO 1.948, de 3 de julho de 1996. Regulamenta a Lei Nº. 8.842 de 4 de janeiro de 1994 – Política Nacional do Idoso.

DEMO, Pedro. Participação e Conquista. Noções de Política Social Participativa. 3º. Edição. São Paulo. Cortez, 1996.

DIAS, Ana Rosa Ferreira. O discurso da violência. São Paulo: Cortez, 2003. Disponível em: <http://www.mp.sc.gov.br/legisla/fed_leidec/lei_federal/2003/lf10741.htm>. Acesso em: 26 abril 2012.

ELIAS, Norbert. A solidão dos moribundos: seguido de envelhecer e morrer. Rio de Janeiro/RJ, Jorge Zahar, 2001.

ELISTON, Antônio Mendes. Periferias na cidade de São Paulo: o caso do Jardim Ângela e do Jardim Riviera. *Mestrado em Geografia*. PUC-SP, 2011

ESTEVÃO, Ana Maria R. O que é Serviço Social. São Paulo: Brasiliense, 2006. Coleção Primeiros Passos

ESTEVÃO, Ana Maria. O que é Serviço Social. 5. ed. São Paulo. Editora Brasiliense, 1988. (Coleção Primeiros Passos).

FALEIROS, Vicente P. Violência contra a pessoa idosa: ocorrências, vítimas e agressões. Brasília: Universa, 2007.

FERNANDES, F. S. As pessoas idosas na legislação brasileira: direito e gerontologia. São Paulo: LTr, 1997.

FONSECA, Marilda Maria de. O limite entre garantir e violar: os desafios e avanços da Política Pública de Assistência Social ao idoso da região de São Mateus. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Bandeirantes de São Paulo, como exigência do curso de pós-graduação em Gestão Pública da Assistência Social, 2011.

FOUCAULT, Michel. A microfísica do poder. São Paulo: Graal, 2004.

_____. Vigiar e Punir. Nascimento da prisão; tradução de Raquel Raquel Ramalhe. 37. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FRANCO, Paulo Alves. Estatuto do Idoso Anotado. São Paulo: LED, 2004. 169 p.

GEERTZ, G. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, LTC.

GIDDENS, Anthony. A transformação da intimidade. São Paulo, Editora UNESP, 1993.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A. 2003. 7ª ed. ou reimpressão.

HARVEY, David. A Condição pós-moderna – uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural: tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HOUAISS, Antonio, et al. Minidicionário Houaiss de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IAMAMOTO, M.V.. O serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional. São Paulo: Cortez Editora, 1998. 326p.

KOUMROUYAN, Elza. A pesquisa do indivisível: a escuta do outro. In: MARTINELLI, Maria Lucia (org). Pesquisa Qualitativa: um instigante desafio. São Paulo. Editora Vera, 1999.

LAKATOS, Eva Maria. Sociologia geral. – 7. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1999.

MARTINELLI, M.L. Pesquisa Qualitativa, um instigante desafio. Veras Editora. SP, 1999.

MASCARO, Sonia de Amorim. O que é velhice. São Paulo: Brasiliense, 2004. Coleção Primeiros Passos.

MAZZILLI, Hugo Nigro. A Pessoa Idosa e o Ministério Público. Disponível em: <<http://www.femperj.org.br/artigos/prev/prev02.htm>>. Acesso em: 12 julho 2004

MERCADANTE, Elisabeth. A construção da identidade e subjetividade do idoso. Tese de Doutorado apresentada a PUC São Paulo, 1997.

MINAYO, M.C.S. A entrevista in: o desafio do conhecimento pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec / Abrasco, 2000.

MONTEIRO, P. P. Envelhecimento: rumo ao novo paradigma. Revista Kairós, São Paulo: EDUC, Nº. 3, p. 53-61, 2000

MORIN, Edgar. O homem e a morte. 2.ed. Portugal: Europa América, 1976. 327p.

MORIN, Edgar. O paradigma perdido: a natureza humana. 4.ed. Portugal: Europa América, 1973. 222p.

NERI, A. L. . Envelhecer bem no trabalho: possibilidades individuais, organizacionais e sociais.. A Terceira Idade, São Paulo, Brasil, v. 13, n.24 (abril), p. 7-27, 2002.

ODALIA, Nilo. O que é violência. São Paulo: Brasiliense, 2006. Coleção Primeiros Passos.

OHARA, Elisabete Calabuig Chapina. O papel do idoso para a família contemporânea. Doutorado em Ciências Sociais, PUCSP, 2012.viane Ribeiro. - - Bauru, SP: EDUSC, 2001.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Relatório sobre violência, 2002.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura – Histórias de vida e depoimentos pessoais”. In: Sociologia, vol. XV, nº. 1, São Paulo, Março de 1953.

PEREIRA, Potyara A. P. Política Social: temas e questões. 3º. Edição – São Paulo: Cortez, 2011.

PHILIPPE, Áries. História da Morte no Ocidente; tradução: Priscila Viana de Siqueira –Rio de Janeiro, Ediouro, 2003.

PIARDI, Sonia Maria Demeda (Coord.). *Programa de Vistoria a Entidades Asilares*. Florianópolis: MP-SC, 2003. 83 p.

POCHMANN, M. A. Barbosa, A., PONTE, V., Pereira, M.A., ALDRIN, R. (Org.). Agenda não liberal da inclusão social no Brasil. Atlas da Exclusão Social no Brasil. Vol. 5. São Paulo: Ed. Cortez. 2004.

RABELO, M.C; ALVES, P.C. *Corpo, experiência e cultura*. In.: LEIBING, A (org). *Tecnologias do corpo: uma antropologia das medicinas no Brasil*. Rio de Janeiro: Nau, 2004. (pp. 175/200).

Revista Kairós, Programa de Estudos Pós Graduação em Gerontologia, da PUC/SP – Caderno Temático: Estética e envelhecimento. São Paulo, EDUC, 2000.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE: Velhice e Envelhecimento. Nº. 75, Ano XXIV, Especial 2003.. Editora Cortez, São Paulo.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE: Velhice e Envelhecimento. Nº. 75, Ano XXIV, Especial 2003.. Editora Cortez, São Paulo

RODRIGUES, Marta Maria Assumpção. *Políticas Públicas*. São Paulo: Publifolha, 2011. Folha Explica.

ROLNIK, Raquel. São Paulo/Raquel Rolnik – 2ed. – São Paulo; Publifolha, 2003. – (Folha Explica)

SALGADO, M. A. Velhice: uma nova questão social. 2. ed. São Paulo: SESC-CETI, 1982. 121p.

SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno* / Jair Ferreira dos Santos – São Paulo: Brasiliense, 2008 – Coleção Primeiros Passos; 165).

SEGUIN, Elida. *Proteção Legal ao Idoso*. In: SEGUIN, Elida (Org.). *O Direito do Idoso*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 1999. p. 1-42.

SILVA, Maria Ozanira da Silva. *A política social brasileira do século XXI: a prevalência dos programas de transferência de renda* / Maria Ozanira da Silva e Silva, Maria Carmelita Yasbek, Geraldo di Giovanni. – 5º. Edição – São Paulo: Cortez, 2011.

SILVEIRA, Selma Amaral. *Resignificando a velhice com autonomia: um desafio para a família, o estado, a sociedade e um prazer para os idosos*. Tese de doutorado apresentada a PUC São Paulo, SP, 2001.

SOUSA, M. J. L. De. O território; sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. De; GOMES, P.C. da C.; CORRÊA. R. L. (Orgs). *Geografia Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Berthand Brasil, 1995.

SOUZA, Andrea Carolina Veras Oliveira Pereira de. *Violência, Mídia e Velhice: O idoso nas páginas policiais de Pernambuco*. Dissertação de Mestrado de Gerontologia apresentada a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, São Paulo, 2009.

SOUZA, Jessé. A ralé eternizada. 14/07/08 às 22hs, Texto Nº. 2475, Assunto sociedade. Fonte: Estado de São Paulo. Site: www.controversia.com.br

SPOSATI, Aldaíza. *Os direitos dos desassistidos sociais*, SP. Cortez, 1991.

SUBPREFEITURA DE M'BOI MIRIM. Equipe Técnica da Coodernadoria de Assitência e Desenvolvimento Social. Diagnóstico de M'Boi Mirim. São Paulo, 2008.

TAYLOR, C. *Argumentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2000.

TROMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação em massa*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2007.

VELHO, Gilberto. *O Velho e a Cultura*, 2º. Ed. Rio de Janeiro, 2002.

VELHO, Otávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. Editora Zahar Editores. Rio de Janeiro.

VERAS, Renato. *Um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. Rio de Janeiro: Relute Durara, 1995.

WANDERLEY & RAICHELIS. A cidade de São Paulo: relações internacionais e gestão pública / orgs. Luiz Eduardo Wanderley, Raquel Raichelis. – São Paulo: EDUC, 2009, 296 p.

YASBEK, Maria Carmelita. *Classes Subalternas e assistência social*. São Paulo: Cortez, 2007.

ZANI, Lucia Helena da Silva. *O idoso e a família: investigação sobre a dinâmica dos papéis sociais*. Mestrado em Gerontologia. PUCSP, 2007.

SITES PESQUISADOS

SÃO PAULO, Prefeitura. Programa de Aprimoramento das Informações de Mortalidade de São Paulo, obtida via Internet. www.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/saude/estatistica_proaim.asp

Saúde, Sistema Único de. Índice de Mortalidade, obtido via Internet. www.datasus.gov.br/sim/dymap.htm.2000

SEADE, Fundação Sistema de Análise de Dados. Demografia, Taxas de Mortalidade Geral (Estado de São Paulo, Brasil e Países Seleccionados). www.seade.gov.br

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. Dados Estatísticos sobre a População Total. www.ibge.gov.br. 15/08/2010.

<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos>. Acesso em 15/08/2010.

<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos>. Acesso em 15/08/2010.

<http://www.controversia.com.br/index.php?act=textos&id=2239>. Acesso em 24/11/2012.

<http://www.fomezero.gov.br/programas-e-acoes/eixo1.htm>, Acesso em 25/11/2012.

<http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/arquivo/Tipificacao%20Nacional%20de%20Servicos%20Socioassistenciais.pdf/view>. Acesso em 22/11/2012.

<http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/protecaobasica/servicos/protecao-e-atendimento-integral-a-familia-paif/servico-de-protecao-e-atendimento-integral-a-familia-paif>. Acesso em 27/11/2012.

<http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/secretaria-nacional-de-assistencia-social-snas/cadernos/politica-nacional-de-assistencia-social-2013-pnas-2004-e-norma-operacional-basica-de-servico-social-2013-nobsuas>. Acesso em 25/11/2012

<http://www.periodicos.capes.gov.br>. Acesso em 15/08/2010

http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/protecao_social_basica/index.php?p=1907. Acesso em 29/11/2012

<http://www.saude.sp.gov.br/ses/acoes/centro-de-referencia-do-idoso>. Acesso em 29/11/2012.

<http://www1.folha.uol.com.br/treinamento/mais50/ult10384u1018738.shtml>. Acesso em 25/11/2012.

http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=12758. Acesso em 25/11/2012

<http://site.sabesp.com.br/site/interna/resultado-busca.aspx?q=guarapiranga>, Acesso em 09/04/2013.

<http://www.webartigos.com/artigos/consideracoes-gerais-acerca-do-fenomeno-violencia/46821/#ixzz2PzeDA6sT>. Acesso em 09/04/2013

http://pt.wikipedia.org/wiki/Teologia_da_Liberta%C3%A7%C3%A3o. Acesso em 09/04/2013.

APÊNDICE

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. Objetivo do Estudo

Estudar idosos pobres e de periferia que envelhecem sem recursos financeiros e sem garantia de direitos no território de M'Boi Mirim, serão pesquisados homens e mulheres com mais de sessenta anos que recebem de zero a um salário mínimo. A pesquisa se propõe a responder as seguintes questões: a) é possível construir direitos quando o idoso de periferia não tem garantido o mínimo de condições para a sobrevivência? b) quais são as violências não físicas sofridas pelos idosos do Distrito de M'Boi Mirim, Zona Sul de São Paulo?

2. Explicação quanto ao procedimento da pesquisa

Realizaremos uma entrevista, utilizando da técnica "História Oral", com o auxílio de um roteiro, onde o idoso irá discorrer sobre sua vida, em especial, sobre as condições materiais em que o acompanhou durante a infância, a adolescência e a velhice. As entrevistas serão realizadas na casa do entrevistado, serão gravadas e transcritas para compor o capítulo 3 – O Cenário e seus Protagonistas.

3. Direito à desistência

O entrevistado pode encerrar a sua participação no estudo a qualquer momento, sem que sofra qualquer penalidade como consequência deste fato.

5. Sigilo

Todas as informações desta pesquisa poderão ser publicadas com finalidade científica, preservando o anonimato dos participantes, caso solicitem. Além disso, os entrevistados poderão ter acesso a todos os dados coletados durante o processo da pesquisa.

6. Consentimento

Declaro ter recebido as informações necessárias para participar desta pesquisa, não me opondo a divulgação das entrevistas e das fotografias para publicações acadêmicas. Tive a oportunidade de realizar perguntas quanto a finalidade desta pesquisa e esclarecer eventuais dúvidas. Por este instrumento, tom parte, voluntariamente, da presente pesquisa.

São Paulo, 01 de abril de 2013.

Deraldo Dias dos Santos

Vanessa Lopes de Almeida
Telefone: (11) 9 9839-3413 / E-mail: van.lopes@uol.com.br
Orientadora Professora Doutora Eliane Hojaij Gouveia
Telefone: (11) 3670-8517



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. Objetivo do Estudo

Estudar idosos pobres e de periferia que envelhecem sem recursos financeiros e sem garantia de direitos no território de M'Boi Mirim, serão pesquisados homens e mulheres com mais de sessenta anos que recebem de zero a um salário mínimo. A pesquisa se propõe a responder as seguintes questões: a) é possível construir direitos quando o idoso de periferia não tem garantido o mínimo de condições para a sobrevivência? b) quais são as violências não físicas sofridas pelos idosos do Distrito de M'Boi Mirim, Zona Sul de São Paulo?

2. Explicação quanto ao procedimento da pesquisa

Realizaremos uma entrevista, utilizando da técnica "História Oral", com o auxílio de um roteiro, onde o idoso irá discorrer sobre sua vida, em especial, sobre as condições materiais em que o acompanhou durante a infância, a adolescência e a velhice. As entrevistas serão realizadas na casa do entrevistado, serão gravadas e transcritas para compor o capítulo 3 – O Cenário e seus Protagonistas.

3. Direito à desistência

O entrevistado pode encerrar a sua participação no estudo a qualquer momento, sem que sofra qualquer penalidade como consequência deste fato.

5. Sigilo

Todas as informações desta pesquisa poderão ser publicadas com finalidade científica, preservando o anonimato dos participantes, caso solicitem. Além disso, os entrevistados poderão ter acesso a todos os dados coletados durante o processo da pesquisa.

6. Consentimento

Declaro ter recebido as informações necessárias para participar desta pesquisa, não me opondo a divulgação das entrevistas e das fotografias para publicações acadêmicas. Tive a oportunidade de realizar perguntas quanto a finalidade desta pesquisa e esclarecer eventuais dúvidas. Por este instrumento, tom parte, voluntariamente, da presente pesquisa.

São Paulo, 01 de abril de 2013.

Francisca da Silva Maciel

Vanessa Lopes de Almeida
Telefone: (11) 9 9839-3413 / E-mail: van.lopes@uol.com.br
Orientadora Professora Doutora Eliane Hojaij Gouveia
Telefone: (11) 3670-8517

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. Objetivo do Estudo

Estudar idosos pobres e de periferia que envelhecem sem recursos financeiros e sem garantia de direitos no território de M'Boi Mirim, serão pesquisados homens e mulheres com mais de sessenta anos que recebem de zero a um salário mínimo. A pesquisa se propõe a responder as seguintes questões: a) é possível construir direitos quando o idoso de periferia não tem garantido o mínimo de condições para a sobrevivência? b) quais são as violências não físicas sofridas pelos idosos do Distrito de M'Boi Mirim, Zona Sul de São Paulo?

2. Explicação quanto ao procedimento da pesquisa

Realizaremos uma entrevista, utilizando da técnica "História Oral", com o auxílio de um roteiro, onde o idoso irá discorrer sobre sua vida, em especial, sobre as condições materiais em que o acompanhou durante a infância, a adolescência e a velhice. As entrevistas serão realizadas na casa do entrevistado, serão gravadas e transcritas para compor o capítulo 3 – O Cenário e seus Protagonistas.

3. Direito à desistência

O entrevistado pode encerrar a sua participação no estudo a qualquer momento, sem que sofra qualquer penalidade como consequência deste fato.

5. Sigilo

Todas as informações desta pesquisa poderão ser publicadas com finalidade científica, preservando o anonimato dos participantes, caso solicitem. Além disso, os entrevistados poderão ter acesso a todos os dados coletados durante o processo da pesquisa.

6. Consentimento

Declaro ter recebido as informações necessárias para participar desta pesquisa, não me opondo a divulgação das entrevistas e das fotografias para publicações acadêmicas. Tive a oportunidade de realizar perguntas quanto a finalidade desta pesquisa e esclarecer eventuais dúvidas. Por este instrumento, tom parte, voluntariamente, da presente pesquisa.

São Paulo, 01 de abril de 2013.

Geraldo Pablo dos Anjos

Vanessa Lopes de Almeida
Telefone: (11) 9 9839-3413 / E-mail: van.lobes@uol.com.br
Orientadora Professora Doutora Eliane Hojaij Gouveia
Telefone: (11) 3670-8517



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. Objetivo do Estudo

Estudar idosos pobres e de periferia que envelhecem sem recursos financeiros e sem garantia de direitos no território de M'Boi Mirim, serão pesquisados homens e mulheres com mais de sessenta anos que recebem de zero a um salário mínimo. A pesquisa se propõe a responder as seguintes questões: a) é possível construir direitos quando o idoso de periferia não tem garantido o mínimo de condições para a sobrevivência? b) quais são as violências não físicas sofridas pelos idosos do Distrito de M'Boi Mirim, Zona Sul de São Paulo?

2. Explicação quanto ao procedimento da pesquisa

Realizaremos uma entrevista, utilizando da técnica "História Oral", com o auxílio de um roteiro, onde o idoso irá discorrer sobre sua vida, em especial, sobre as condições materiais em que o acompanhou durante a infância, a adolescência e a velhice. As entrevistas serão realizadas na casa do entrevistado, serão gravadas e transcritas para compor o capítulo 3 – O Cenário e seus Protagonistas.

3. Direito à desistência

O entrevistado pode encerrar a sua participação no estudo a qualquer momento, sem que sofra qualquer penalidade como consequência deste fato.

5. Sigilo

Todas as informações desta pesquisa poderão ser publicadas com finalidade científica, preservando o anonimato dos participantes, caso solicitem. Além disso, os entrevistados poderão ter acesso a todos os dados coletados durante o processo da pesquisa.

6. Consentimento

Declaro ter recebido as informações necessárias para participar desta pesquisa, não me opondo a divulgação das entrevistas e das fotografias para publicações acadêmicas. Tive a oportunidade de realizar perguntas quanto a finalidade desta pesquisa e esclarecer eventuais dúvidas. Por este instrumento, tom parte, voluntariamente, da presente pesquisa.

São Paulo, 01 de abril de 2013.

Ivone Ferreira do Amarante

Vanessa Lopes de Almeida
Telefone: (11) 9 9839-3413 / E-mail: van.lobes@uol.com.br
Orientadora Professora Doutora Eliane Hojaij Gouveia
Telefone: (11) 3670-8517

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. Objetivo do Estudo

Estudar idosos pobres e de periferia que envelhecem sem recursos financeiros e sem garantia de direitos no território de M'Boi Mirim, serão pesquisados homens e mulheres com mais de sessenta anos que recebem de zero a um salário mínimo. A pesquisa se propõe a responder as seguintes questões: a) é possível construir direitos quando o idoso de periferia não tem garantido o mínimo de condições para a sobrevivência? b) quais são as violências não físicas sofridas pelos idosos do Distrito de M'Boi Mirim, Zona Sul de São Paulo?

2. Explicação quanto ao procedimento da pesquisa

Realizaremos uma entrevista, utilizando da técnica "História Oral", com o auxílio de um roteiro, onde o idoso irá discorrer sobre sua vida, em especial, sobre as condições materiais em que o acompanhou durante a infância, a adolescência e a velhice. As entrevistas serão realizadas na casa do entrevistado, serão gravadas e transcritas para compor o capítulo 3 – O Cenário e seus Protagonistas.

3. Direito à desistência

O entrevistado pode encerrar a sua participação no estudo a qualquer momento, sem que sofra qualquer penalidade como consequência deste fato.

5. Sigilo

Todas as informações desta pesquisa poderão ser publicadas com finalidade científica, preservando o anonimato dos participantes, caso solicitem. Além disso, os entrevistados poderão ter acesso a todos os dados coletados durante o processo da pesquisa.

6. Consentimento

Declaro ter recebido as informações necessárias para participar desta pesquisa, não me opondo a divulgação das entrevistas e das fotografias para publicações acadêmicas. Tive a oportunidade de realizar perguntas quanto a finalidade desta pesquisa e esclarecer eventuais dúvidas. Por este instrumento, tom parte, voluntariamente, da presente pesquisa.

São Paulo, 01 de abril de 2013.

Julia Libarina Arruda

Vanessa Lopes de Almeida
Telefone: (11) 9 9839-3413 / E-mail: van.lopez@uol.com.br
Orientadora Professora Doutora Eliane Hojaij Gouveia
Telefone: (11) 3670-8517



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. Objetivo do Estudo

Estudar idosos pobres e de periferia que envelhecem sem recursos financeiros e sem garantia de direitos no território de M'Boi Mirim, serão pesquisados homens e mulheres com mais de sessenta anos que recebem de zero a um salário mínimo. A pesquisa se propõe a responder as seguintes questões: a) é possível construir direitos quando o idoso de periferia não tem garantido o mínimo de condições para a sobrevivência? b) quais são as violências não físicas sofridas pelos idosos do Distrito de M'Boi Mirim, Zona Sul de São Paulo?

2. Explicação quanto ao procedimento da pesquisa

Realizaremos uma entrevista, utilizando da técnica "História Oral", com o auxílio de um roteiro, onde o idoso irá discorrer sobre sua vida, em especial, sobre as condições materiais em que o acompanhou durante a infância, a adolescência e a velhice. As entrevistas serão realizadas na casa do entrevistado, serão gravadas e transcritas para compor o capítulo 3 – O Cenário e seus Protagonistas.

3. Direito à desistência

O entrevistado pode encerrar a sua participação no estudo a qualquer momento, sem que sofra qualquer penalidade como consequência deste fato.

5. Sigilo

Todas as informações desta pesquisa poderão ser publicadas com finalidade científica, preservando o anonimato dos participantes, caso solicitem. Além disso, os entrevistados poderão ter acesso a todos os dados coletados durante o processo da pesquisa.

6. Consentimento

Declaro ter recebido as informações necessárias para participar desta pesquisa, não me opondo a divulgação das entrevistas e das fotografias para publicações acadêmicas. Tive a oportunidade de realizar perguntas quanto a finalidade desta pesquisa e esclarecer eventuais dúvidas. Por este instrumento, tom parte, voluntariamente, da presente pesquisa.

São Paulo, 01 de abril de 2013.

Maria da Glória Ferreira

Vanessa Lopes de Almeida
Telefone: (11) 9 9839-3413 / E-mail: van.lopes@uol.com.br
Orientadora Professora Doutora Eliane Hojaij Gouveia
Telefone: (11) 3670-8517



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. Objetivo do Estudo

Estudar idosos pobres e de periferia que envelhecem sem recursos financeiros e sem garantia de direitos no território de M'Boi Mirim, serão pesquisados homens e mulheres com mais de sessenta anos que recebem de zero a um salário mínimo. A pesquisa se propõe a responder as seguintes questões: a) é possível construir direitos quando o idoso de periferia não tem garantido o mínimo de condições para a sobrevivência? b) quais são as violências não físicas sofridas pelos idosos do Distrito de M'Boi Mirim, Zona Sul de São Paulo?

2. Explicação quanto ao procedimento da pesquisa

Realizaremos uma entrevista, utilizando da técnica "História Oral", com o auxílio de um roteiro, onde o idoso irá discorrer sobre sua vida, em especial, sobre as condições materiais em que o acompanhou durante a infância, a adolescência e a velhice. As entrevistas serão realizadas na casa do entrevistado, serão gravadas e transcritas para compor o capítulo 3 – O Cenário e seus Protagonistas.

3. Direito à desistência

O entrevistado pode encerrar a sua participação no estudo a qualquer momento, sem que sofra qualquer penalidade como consequência deste fato.

5. Sigilo

Todas as informações desta pesquisa poderão ser publicadas com finalidade científica, preservando o anonimato dos participantes, caso solicitem. Além disso, os entrevistados poderão ter acesso a todos os dados coletados durante o processo da pesquisa.

6. Consentimento

Declaro ter recebido as informações necessárias para participar desta pesquisa, não me opondo a divulgação das entrevistas e das fotografias para publicações acadêmicas. Tive a oportunidade de realizar perguntas quanto a finalidade desta pesquisa e esclarecer eventuais dúvidas. Por este instrumento, tom parte, voluntariamente, da presente pesquisa.

São Paulo, 01 de abril de 2013.

Maria de Jesus Pinto

Vanessa Lopes de Almeida
Telefone: (11) 9 9839-3413 / E-mail: van.lobes@uol.com.br
Orientadora Professora Doutora Eliane Hojaij Gouveia
Telefone: (11) 3670-8517